

PRÁTICAS CULTURAIS DOS ESTUDANTES DO IPLEIRIA: CONDICIONANTES SOCIAIS E O PAPEL DOS MEDIADORES CULTURAIS

Dissertação de Mestrado

Sabrina Silva Figueiredo

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor Fernando Magalhães, ESECS - IPLeiria

Leiria, Setembro de 2025

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Cultura é tudo aquilo que a gente se lembra após ter esquecido o que leu.

Revela-se no modo de falar, de sentar, de comer, de ler um texto, de olhar o mundo. É uma atitude que se aperfeiçoa no contacto com a arte.

Cultura não é aquilo que entra pelos olhos, é o que modifica o seu olhar.

José Paulo Paes

AGRADECIMENTOS

Ao Rúben,

Às amizades de Leiria,

Ao meu orientador,

À minha família,

Àqueles que participaram neste estudo

A todos os que sempre acreditaram em mim...

O meu grande obrigado.

RESUMO

O presente trabalho analisa as práticas culturais dos estudantes do Instituto Politécnico de Leiria, procurando compreender como são, de que modo são influenciadas por fatores sociais e qual o papel dos mediadores culturais. O estudo adotou a forma de um Estudo de Caso, com recurso a uma metodologia mista: inquéritos por questionário aos estudantes, das principais unidades orgânicas, inscritos no ano letivo de 2024/2025 em Licenciaturas e Mestrados, e entrevistas a mediadores culturais das cidades de Leiria, Caldas da Rainha e Peniche.

Os resultados evidenciam que a existência da oferta cultural não assegura, por si só, uma efetiva democratização da cultura. Persistem barreiras simbólicas ligadas ao capital cultural de origem e à perceção dos espaços, que condicionam a participação dos estudantes. Verificou-se ainda que fatores como a influência do grupo de pares, o contexto familiar/social, a comunicação institucional e o sentido de pertença, são determinantes para o envolvimento cultural, mais do que os constrangimentos exclusivamente económicos.

Conclui-se que a democratização cultural exige mais do que a redução de preços ou o aumento da programação: requer políticas de proximidade, projetos de mediação mais consistentes e a integração ativa dos estudantes na conceção das iniciativas a eles destinadas. Assim, este trabalho evidencia, o potencial do Ensino Superior e dos mediadores culturais enquanto agentes na promoção de uma participação cultural plena e inclusiva.

Palavras-chave

Democratização Cultural, Ensino Superior, *Habitus*, Práticas Culturais, Mediação

ABSTRACT

This study analyses the cultural practices of students at the Polytechnic Institute of Leiria, seeking to understand what they are like, how they are influenced by social factors, and what role cultural mediators play. The study took the form of a case study, using a mixed methodology: questionnaire surveys of students from the main organizational units enrolled in bachelor's and master's degrees in the 2024/2025 academic year, and interviews with cultural mediators from the cities of Leiria, Caldas da Rainha and Peniche.

The results show that the existence of cultural offerings does not ensure the effective democratization of culture. Symbolic barriers linked to cultural capital of origin and the perception of spaces persist, conditioning student participation. It was also found that factors such as peer group influence, family/social context, institutional communication, and sense of belonging are more decisive for cultural involvement than purely economic constraints.

It is concluded that cultural democratization requires more than just reducing prices or increasing programming: it requires proximity policies, more consistent mediation projects and the active integration of students in the design of initiatives aimed at them. Thus, this work highlights the potential of higher education and cultural mediators as agents in promoting full and inclusive cultural participation.

Keywords

Cultural Democratization, Cultural Practices, Higher Education, *Habitus*, Mediation

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract.....	vi
Índice Geral	vii
Índice de Tabelas	ix
Índice de Gráficos.....	ix
Abreviaturas.....	x
Introdução.....	1
1. Enquadramento Teórico	4
1.1. Da Noção de Cultura ao Conceito de <i>Habitus</i> de Pierre Bourdieu	4
1.2. Práticas Culturais	10
1.3. A Mediação e os Mediadores Culturais.....	12
1.4. Democratização Cultural	15
2. Contextualização do Estudo Empírico	19
2.1. O Instituto Politécnico de Leiria e suas Regiões	19
2.2. Os Estudantes do Instituto Politécnico de Leiria.....	22
3. Metodologia.....	24
3.1. Delimitação da Problemática: Questões de Partida, Objetivos e o Estudo de Caso	24
3.2. Técnicas de Recolha de Dados	27
3.2.1. Inquérito por Questionário.....	27
3.2.2. Entrevista Semiestruturada.....	30
4. Condicionantes Sociais das Práticas Culturais dos Estudantes do IPLeiria: Apresentação e Discussão de Resultados	32
4.1. Análise dos Inquéritos: A Visão dos Estudantes.....	32
4.1.1. O Perfil Sociocultural dos Estudantes do IPLeiria	33

4.1.2.	Dados Económicos	40
4.1.3.	Práticas Culturais e Frequência	43
4.1.4.	Mediadores Culturais.....	52
4.1.5.	Perceção Pessoal e Vivência Universitária.....	54
4.2.	Práticas Culturais dos Estudantes do IPLeiria: A Visão Dos Mediadores	64
4.2.1.	Experiência e Profissão dos Mediadores	65
4.2.2.	Contexto Cultural Local	67
4.2.3.	Práticas Culturais dos Estudantes: A Importância da Mediação Cultural no Acesso à Cultura.....	69
4.2.4.	Desafios e Propostas para Facilitar o Acesso à Cultura dos Estudantes do IPLeiria	71
5.	Limitações do Estudo	73
	Conclusões.....	75
	Bibliografia.....	81
	Anexos	88
	Anexo I	89
	Apêndices	90
	Apêndice I.....	91
	Apêndice II	103
	Apêndice III.....	105
	Apêndice IV.....	107
	Apêndice V	124
	Apêndice VI.....	139
	Apêndice VIII.....	155
	Apêndice IX.....	159

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Género.....	33
Tabela 2 - Estado Civil	33
Tabela 3 - Escola superior de frequência.....	34
Tabela 4 - Ciclo de estudos	35
Tabela 5 – Proporção estudantes deslocados.....	35
Tabela 6 - Acesso a bens culturais na infância.....	38
Tabela 7 - Trabalhador estudante	41
Tabela 8 - Incentivo económico	42
Tabela 9 - Conhecimento acerca mediadores culturais	52
Tabela 10 – Como os mediadores culturais são importantes.....	53
Tabela 11 - Modificação de práticas após entrada no Ensino Superior.....	55
Tabela 12 - Modo de modificação das práticas	57
Tabela 13 - Ideias para aumento da participação dos jovens	63

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição por tipo de convivência habitacional.....	36
Gráfico 2 - Habilitações literárias dos pais.....	37
Gráfico 3 – Pessoas ou instituições que contribuíram para o acesso a bens culturais....	39
Gráfico 4 - Como vive o agregado familiar.....	42
Gráfico 5 - Frequência de realização de atividades	43
Gráfico 6 - Prática de atividades.....	44
Gráfico 7 - Frequência visita de espaços	45
Gráfico 8 - Fatores que influenciam a participação.....	47
Gráfico 9 - Acompanhamento na participação em eventos culturais	48
Gráfico 10 - Valor médio atividades culturais.....	49
Gráfico 11 - Principal meio de acesso à cultura	50
Gráfico 12 - Informações sobre atividades culturais	51
Gráfico 13 - Influência do meio familiar.....	54
Gráfico 14 - Grau de satisfação com as práticas culturais.....	59
Gráfico 15 - IPLeiria e promoção das práticas culturais	60

ABREVIATURAS

CCISP	Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos
CDRSP	Centro para o Desenvolvimento Rápido e Sustentado de Produto
CICS.NOVA.IPLEIRIA	Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
CiTUR	Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo
CMLeiria	Câmara Municipal de Leiria
CRP	Constituição da República Portuguesa
DN	Diário de Notícias
E	Entrevistadora
e	Entrevistada
ESAD	Escola Superior de Artes e Design
ESECS	Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
ESSLei	Escola Superior de Saúde de Leiria
ESTG	Escola Superior de Tecnologia e Gestão
ESTM	Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar
FCT	Fundação para a Ciência e a Tecnologia
I&D	Investigação e Desenvolvimento
IEFP	Instituto do Emprego e Formação Profissional
IPLeia	Instituto Politécnico de Leiria

- PIB** Produto Interno Bruto
- PNA** Plano Nacional das Artes
- RGPD** Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados
- UNESCO** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

INTRODUÇÃO

A Constituição da República Portuguesa de 1976 consagra no seu Capítulo III, artigo 73.º a “democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural” (CRP, 2022, p. 44), reconhecendo o direito de todos acederem às atividades culturais, mesmo que não tenham possibilidade e facilidade para aceder às mesmas, por razões de tipo económico, educativo, geográfico, entre outras (Garriga, 2020), mas apesar disso, “(...) os obstáculos ao acesso à cultura revelam ser de natureza simbólica e não material” (Lopes, 2009, p. 5). Contudo, é possível verificar um aumento da programação de atividades pedagógicas para os públicos de museus, teatros e outros espaços culturais (Martinho, 2013).

Segundo a Carta de Porto Santo (2021), os obstáculos de acesso à cultura e atividades culturais não são apenas físicos ou financeiros, apesar de estes fatores serem determinantes: “Os obstáculos são simbólicos e de sentido de pertença. Os estudos mais recentes, revelam que nem mesmo a escolaridade foi condição suficiente para ultrapassar essa barreira simbólica” (Conselho da Europa, 2021). A diversidade de públicos da cultura implica a consideração de “plurais modos de relação com a cultura instituída” (Lopes, 2009, p. 4), procurando a inclusão social através da mediação no campo artístico e cultural.

Para isso, muito contribuem os mediadores culturais cuja função passa por assegurar o modo como as pessoas se relacionam com a cultura e as artes, promovendo aproximações e encontros entre estas duas realidades (Martinho, 2013). Desempenham, sobretudo, uma atividade de *cariz relacional* (Martinho, 2013), devendo trabalhar com os cidadãos para que sejam elementos ativos na construção e reconstrução da própria cultura (Garriga, 2020) promovendo a consciencialização, o reconhecimento e a valorização do património.

O estudo das práticas culturais de diferentes grupos, não são uma novidade em Portugal: *Práticas Culturais dos Lisboaetas* (1994), *Práticas culturais e formas de acesso à cultura da comunidade estudantil da Universidade da Beira Interior* (2019) e *Práticas Culturais dos Portugueses Inquérito* (Pais et al., 2020), são alguns dos estudos possíveis de encontrar através de uma pequena pesquisa na *web*.

A presente investigação tem como objetivo principal compreender as práticas culturais dos estudantes do Instituto Politécnico de Leiria, bem como os fatores sociais que as influenciam. Através da realização de um diagnóstico sociocultural, relativo às práticas culturais dos estudantes, pretende-se contribuir para o conhecimento deste público, possibilitando o desenvolvimento de políticas e projetos culturais mais ajustados às suas necessidades e interesses.

Para tal, será realizado um diagnóstico sociocultural que incidirá sobre dois eixos principais: por um lado, a aplicação de inquéritos aos estudantes, com o intuito de recolher dados sobre os seus hábitos de consumo cultural, preferências e condições de acesso, na cidade onde estudam; e por outro, a realização de entrevistas a mediadores culturais das cidades de Leiria, Caldas da Rainha e Peniche, no sentido de compreender o seu papel na promoção do acesso à cultura e na mediação entre a oferta cultural e a comunidade estudantil. Interessa compreender de que forma estes profissionais e as estruturas associadas contribuem para democratizar o acesso às atividades culturais, promover a diversidade de públicos e reduzir desigualdades no acesso cultural dentro da comunidade estudantil.

Pretendemos a partir desta investigação, não só identificar as práticas e preferências culturais dos estudantes, mas também analisar o contexto socioeconómico e familiar, a influência do grupo de pares, entre outros elementos, que moldam as preferências culturais dos jovens participantes desta investigação. Paralelamente, procura-se avaliar de que forma as estruturas culturais existentes nas cidades – e os seus agentes mediadores – influenciam o acesso equitativo à cultura, seja potenciando-o ou condicionando-o.

O estudo centrar-se-á no universo dos estudantes inscritos nas Licenciaturas e Mestrados no ano letivo de 2024/2025, abrangendo as principais unidades orgânicas do IPLeia, situadas em Leiria, Caldas da Rainha e Peniche. Ao conjugar a perspetiva dos estudantes com a dos mediadores culturais, esta investigação pretende alcançar uma visão mais completa da relação entre a juventude, a cultura e o território, procurando estratégias que favoreçam o envolvimento ativo dos jovens na vida cultural da sua região, propondo-se igualmente, a redução das desigualdades no acesso.

A escolha do IPLeia como contexto de investigação, justifica-se pela sua relevância regional e pela diversidade do seu corpo discente, já que oferece condições para analisar

as práticas culturais e as dinâmicas sociais, e contributos para um diagnóstico atualizado e fundamentado sobre os comportamentos culturais no Ensino Superior. Ouvir os estudantes permite, não só a compreensão deste público-alvo, mas reflete também uma tentativa de implicar os destinatários na conceção de políticas e projetos a eles direcionados, além de promover alterações às políticas e programação culturais já existentes, mais adequadas à realidade estudantil, sobretudo juvenil.

Este trabalho de investigação encontra-se estruturado em cinco capítulos principais. O **Capítulo 1** corresponde ao enquadramento teórico, onde são apresentados os principais conceitos que sustentam a presente investigação, nomeadamente os conceitos de cultura, *habitus*, práticas culturais e democratização cultural. No **Capítulo 2**, faz-se uma breve contextualização do ambiente de estudo, com foco no Instituto Politécnico de Leiria, destacando a sua importância para a região e apresentado alguns dados sobre os seus estudantes. O **Capítulo 3** dedica-se à metodologia, explicitando o modo como o trabalho foi realizado, incluindo a descrição da problemática, as questões de partida, os objetivos da investigação, bem como as técnicas de recolha de dados utilizadas (entrevistas e inquéritos por questionário). O **Capítulo 4** é dedicado à discussão dos resultados obtidos, analisando os dados recolhidos através das entrevistas e dos inquéritos. Por sua vez, **Capítulo 5** expõe algumas das limitações sentidas ao longo da investigação e aponta possíveis caminhos para futuras investigações. Por fim, encerra-se com as principais conclusões do trabalho.

Em anexo encontram-se dados fornecidos pela presidência do Instituto Politécnico de Leiria relevantes para a realização deste trabalho. E em Apêndice, todos os documentos de realização própria, decorrentes desta investigação: Exemplar do inquérito por questionário, Guião para entrevista, Termo de Consentimento Informado, Transcrição das entrevistas e respetivas sinopses.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. DA NOÇÃO DE CULTURA AO CONCEITO DE *HABITUS* DE PIERRE BOURDIEU

O comportamento cultural é um elemento constituinte e diferenciador do ser humano e das sociedades humanas, compreendendo características espirituais, materiais, intelectuais e emocionais distintas entre as diversas comunidades. Através do processo de enculturação e de socialização são adquiridos conhecimentos e valores de uma determinada cultura, ou seja, “maneiras de agir, pensar e sentir próprias a um determinado grupo, à sociedade, à civilização em que um indivíduo vive” (Rocher, 1989, pp. 126-127). Assim, a cultura pode ser vista como um sistema de símbolos, constituindo um conjunto de informações que são transmitidas dentro dos grupos, nos quais nos inserimos e somos educados (Garriga, 2020). A cultura representa a totalidade da vida social do homem (Cuche, 2006), abrangendo todas as dimensões da vida humana no contexto social, como questões ligadas à alimentação, linguagem, leis, funcionamento das instituições, entre outras. Segundo Cuche (2006), a cultura é um comportamento adquirido e não revela “hereditariedade biológica” (Cuche, 2006, p. 41). Por este motivo, trata-se de um comportamento não universal, já que, cada grupo um exibe um comportamento cultural distinto dos outros.

Deste modo, é possível inferir que a personalidade individual não se explica por características biológicas, mas sim pelo “modelo cultural particular de uma dada sociedade” que determina a educação dos indivíduos (Cuche, 2004, p. 70). Além disso, a cultura ocupa um papel tão central e essencial na vida dos indivíduos que se torna inseparável da própria experiência humana. O Informe Final, relativo à Conferencia Mundial sobre las Políticas Culturales, da UNESCO, refere isso mesmo: “(...) la cultura nutre la trama social y la importancia de su papel es tan determinante que la cultura puede finalmente confundirse con la propia vida” (UNESCO, 1982, p. 8)

Tylor (1871) foi um dos primeiros, senão mesmo, o primeiro antropólogo, a descrever cientificamente o conceito de cultura, tal como ele denomina no primeiro capítulo da sua obra *Primitive Culture* – Chapter 1: “The Science of Culture”. Para Tylor, a cultura corresponde a um “(...) todo complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a

arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (Tylor, 1871, p. 1), evidenciando que a cultura não é inata, mas sim aprendida e partilhada socialmente. Além disso, o autor enfatiza a dimensão coletiva e adquirida da cultura, reforçando a perspectiva de transmissão entre gerações através da socialização. Cuche (2006), debruçando-se sobre a obra de Tylor, destaca a inclusão, tanto de elementos materiais, como a arte e os objetos físicos, quanto imateriais, como crenças, valores e normas sociais, cuja ligação não é uma simples sobreposição de traços culturais, mas uma maneira coerente de integrar o seu conjunto (Cuche, 2006). Essa visão holística da cultura, sugere que a cultura permeia todos os aspectos da vida humana, não se limitando apenas à expressão artística ou intelectual. Contudo, esta noção de cultura de Tylor, proveniente do campo evolucionista da Antropologia, passa por uma visão de uma noção de cultura universal, explicando-se a diversidade cultural pelos diferentes graus evolutivos que as sociedades humanas experimentavam, de acordo com o evolucionismo (Cuche, 2006).

O conceito evolucionista de cultura será então revisto e criticado nos inícios do século XX, quando entre outros, o culturalismo norte-americano, representado por Franz Boas, propõe que as sociedades humanas são culturalmente diversas, não por causa da evolução, mas por se terem disseminado e construído características comportamentais, adaptadas aos lugares onde se desenvolveram. Começou assim a delinear-se uma concepção de multiculturalismo, distinta do evolucionismo (Cuche, 2006). Do início do século XX ao seu final, o conceito de cultura foi alvo de reflexões profundas, uma vez que foi inerente à construção da antropologia como ciência social e cultural. Tal como evidencia Cuche (2006), do funcionalismo de Malinowski ao estruturalismo de Lévi-Strauss, muitas foram as concepções de cultura que serviram de matéria prima ao trabalho antropológico.

Em 2008, Geertz também se debruçou sobre o conceito de cultura, definindo-a como “um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as suas atividades em relação à vida.” (Geertz, 2008, p. 66), que orienta as ações e dá significado ao mundo para os membros de uma sociedade.

Cuche (2006) desenvolve ainda, a ideia de *transmissão cultural* e a *influência mútua* entre culturas, destacando o seu caráter dinâmico. Segundo o autor, “(...) através da educação,

cada sociedade transmite aos indivíduos que a compõem o conjunto das normas sociais e culturais que asseguram a solidariedade entre todos os membros dessa sociedade e que são mais ou menos obrigados a fazer suas” (Cuche, 2006, p. 83). Evidenciando que a cultura é aprendida e partilhada, transmitida de geração em geração, através da socialização e das diversas formas de educação.

Enquanto isso, a transmissão não acontece de forma rígida ou estática, já que: “nenhuma cultura existe «em estado puro», idêntica a si própria desde sempre, sem ter jamais conhecido a mínima influência exterior” (Cuche, 2006, p. 107), salientando que a cultura é influenciada por contactos interculturais, criando hibridismos e mestiçagens. Assim, Cuche (2006) revela que a cultura é, simultaneamente, um mecanismo de coesão social e um fenómeno em constante evolução, moldado pela mudança. Nessa mesma linha de pensamento, André (2012) reforça a ideia da *transformação contínua* ao afirmar que “a condição do mestiço, seja ele a pessoa, o pensamento, a cultura ou a arte, é sempre uma condição de algo em movimento, sendo o nomadismo e a metamorfose os seus símbolos privilegiados” (André, 2012, p. 45).

Também Ricardo Vieira (1999) desenvolveu uma conceção de identidade cultural enquanto um processo dinâmico, salientando que “a identidade pessoal não corresponde à reprodução de um modelo decalcado da identidade cultural do grupo social de origem” (Vieira, 1999). Por outras palavras, os indivíduos não são um simples reflexo da cultura herdada. A mobilidade social - seja na ascensão ou no declínio - introduz novas condições de vida que impactam de maneira decisiva a experiência dos mesmos. Essa realidade, é sentida tanto por indivíduos das classes médias, quanto por trabalhadores e camponeses, que vivenciam percursos distintos daqueles que permanecem em contextos de maior estabilidade social. O contato com o *outro*, com diferentes realidades e culturas, também interfere na forma como cada um observa o mundo e participa diretamente na constante (re)construção identitária. Dessa interação emergem mestiçagens, resultantes da mistura entre a herança cultural de origem, as vivências ao longo do caminho e a cultura dos novos contextos atravessados. Surge assim uma fusão, de algo que não é estático, mas sim, uma dimensão renovada do ser - aberta, inacabada e sujeita a permanentes transformações e metamorfoses.

A constituição da identidade pessoal, portanto, não depende apenas da origem social e da socialização primária, apesar de constituírem momentos de construção da matriz cultural

inicial do indivíduo, mas envolve todo o seu percurso biográfico, que pode cruzar diferentes camadas sociais, universos de mentalidade, espaços físicos e temporais distintos. Portanto, as identidades pessoais, têm tanto de singulares como de coletivas, abarcando as dimensões pessoais, o subjetivas e sociais, processo dinâmico.

Nesse sentido, Michel Serres (1993) fala do “terceiro instruído”, uma figura que representa justamente essa fusão entre aquilo que já se possui como bagagem cultural e as alternativas interiorizadas em contato com outros mundos. Como lembra ainda Serres, retomado por Vieira (1999), cada sujeito nasce único, fruto da combinação genética dos progenitores, mas só se desenvolve plenamente através de cruzamentos, fusões e aprendizagens sucessivas.

Por outro lado, o conceito de *habitus*, ligado ao de cultura, desenvolvido por Pierre Bourdieu, refere-se a um conjunto de “disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (Bourdieu, et al., 1983, p. 65). Essas disposições são moldadas por fatores sociais, culturais e experiências ao longo da vida e, sobretudo, durante o processo de socialização, e refletem as condições sociais e históricas específicas de cada indivíduo.

O *habitus* funciona como um guia inconsciente das práticas quotidianas, moldado pelas estruturas sociais e, ao mesmo tempo, refletindo-as. Cuche (2006), afirma que o *habitus* permite aos indivíduos orientarem-se no espaço social que é o seu e adotarem práticas concordantes com a sua pertença social (Cuche, 2006). Já que, cada indivíduo, através dos seus gostos e posturas, revela, sem disso dar conta o *habitus* profundo que habita dentro de si (Cuche, 2006). São estas estruturas estruturadas e estruturantes que interferem, por exemplo, nas preferências culturais, nos modos de falar, nos gostos estéticos e que, por sua vez, refletem a posição social que o indivíduo ocupa dentro de uma sociedade.

Bourdieu, ao introduzir o conceito de *habitus*, procurou explicar como as desigualdades sociais são perpetuadas de forma quase invisível, uma vez que o *habitus* se refere a um conjunto de disposições internalizadas que orientam a percepção, o pensamento e as ações dos indivíduos de forma inconsciente, fazendo com que normas e hierarquias sociais sejam reproduzidas de forma aparentemente natural (Bourdieu, 1989).

O próprio autor destaca que o *habitus* é “um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital” (Bourdieu, 1989, p. 61), tornando claro o modo como as práticas sociais resultam de um longo processo de construção histórica e cultural, transmitido com o passar do tempo, interiorizado pelos indivíduos, influenciando as formas de agir, pensar e perceber o mundo, criando padrões comportamentais que refletem normas e valores de uma dada origem social. Bourdieu, desenvolve mais este conceito:

O *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come e sobretudo a sua maneira de comer, o desporto que pratica e a sua maneira de o praticar, as opiniões políticas que são as dele e a sua maneira de as exprimir diferem sistematicamente dos consumos ou das actividades correspondentes do padrão industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão, gostos diferentes. Estabelecem diferenças entre o que é bom e o que é mau, entre o que está bem e o que está mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc., mas as diferenças não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto a um, pretensioso ou exibicionista a outro, vulgar a um terceiro (Bourdieu, 2001, p. 9).

Assim, é possível perceber que o *habitus* funciona como um conjunto de disposições adquiridas ao longo da vida, que orientam práticas quotidianas, julgamentos estéticos e morais, entre outros. Não só determina uma escolha, mas também interferem no modo de realizá-la e percebê-la, produzindo distinções entre os indivíduos.

Essa perspectiva relaciona-se com a análise de Rocher (1989), na medida em que diferentes contextos sociais, mesmo coexistindo temporal e espacialmente, podem ser geradores de distinções profundas entre grupos sociais, também eles diferentes: “De qualquer modo, cada uma delas determina a conduta dos membros que compreende [classe rural e classe urbana], impõe-lhe motivos de ação bem definidos; imprime-lhes a sua marca própria e distinta para cada grupo, com tal força que os homens fazem parte de classes sociais diferentes, embora vivam num meio idêntico e na mesma época, parecem por vezes pertencer a espécies diferentes” (Rocher, 1989, p.151).

No mesmo sentido, Moscovici (2003) destaca que “as representações sociais devem ser entendidas como um conhecimento que ao mesmo tempo em que é dinâmico e está suscetível a mudanças, é construído no decurso do tempo e se reflete como o resultado de

várias gerações; ele constrói a sociedade e constrói-se a partir dela, em um movimento duplo de produto e processo” (Citado em Oliveira e Rosa, 2019, p. 4). Assim, as representações sociais não atuam apenas como reflexos do contexto social onde os indivíduos se inserem, mas também como parte das práticas sociais e da interpretação do mundo.

Lahire (2005), faz um cruzamento entre a teoria de *habitus* de Pierre Bourdieu (2001), com as ideias de *identidade pessoal* de Vieira (1999), ao falar-nos da *pluralidade dos habitus*: “O singular é necessariamente plural” (Lahire, 2005, p. 25), pois o indivíduo deve ser entendido como um “produto complexo de diversos processos de socialização” (Lahire, 2005, p. 25). A consistência das ações de cada indivíduo, estará vinculada à coerência dos princípios de socialização que ele experimentou e, quanto mais ele tiver vivenciado uma diversidade de contextos sociais não homogêneos e, em alguns casos, até contraditórios, mais essa vivência será percebida como fragmentada e aparentemente desconectada. O autor, não acredita no modelo unificador de constituição do *eu*, e lembra que “somos portadores de uma multiplicidade de disposições para agir” (Lahire, 2005, p. 19) - hábitos de ação e igualmente de crenças - hábitos mentais.

Ao propor “uma sociologia à escala individual” (Lahire, 2005, p. 38), o autor menciona a questão do *eu autêntico*, distinto dos demais. Esta concepção do mundo social, não negligencia as singularidades individuais e evita a *caricatura* cultural dos grupos sociais. Observando que, por exemplo, o grupo social e o contexto económico de proveniência do indivíduo não são, condição suficiente, para explicar determinados comportamentos ao longo da sua vida, já que através das diversas experiências sociais quotidianas, interioriza “normas sociais produzidas, suportadas e difundidas por instituições tão diversas como a família, a escola, os média, as igrejas, as médicas, judiciárias, políticas (...)” (Lahire, 2005, p. 18). Dado que, é frequente os indivíduos passarem de uma comunidade para outra, em diferentes fases da sua vida, caracterizando, deste modo, uma pluralidade de pertença sociais e simbólicas.

1.2. PRÁTICAS CULTURAIS

O conceito de *cultura* refere-se, portanto, a todas as práticas e atividades humanas, que não são herdadas biologicamente, incluindo as práticas e atividades denominadas culturais, intelectuais e artísticas, proporcionadas por instituições públicas tais como o Ministério da Cultura, as Câmaras Municipais, e outras instituições culturais públicas, e privadas, desde empresas e associações culturais a fundações privadas e artistas independentes. Monclús refere que:

La cultura es a la vez un universo simbólico y de significados compartido por una comunidad o grupo humano, y un campo o sector de la actividad humana centrado específicamente en la manipulación y uso de símbolos que se nutre de este universo simbólico y lo transforma (Monclús, 2020, p. 10).

O campo das atividades culturais mantém uma relação dialética com a cultura, já que as primeiras se nutrem de símbolos e significados presentes nas sociedades (Garriga, 2020). Os artistas criam a partir da cultura de socialização e, ao mesmo tempo, as suas atividades culturais transformam permanentemente o universo cultural onde estes se inserem.

E neste sentido, também a linguagem que os indivíduos utilizam, os gostos culinários ou estéticos, entre outros elementos, nos foram propostos, fornecidos e ensinados pelos meios onde crescemos e evoluímos, “pouca coisa é fruto da nossa invenção individual e nos pertence em exclusivo (...)” (Rocher, 1989, p. 39). Grande parte do que percebemos como escolhas individuais é, na realidade, fruto de um processo de interiorização das normas e valores partilhados pelas estruturas sociais, cuja ideia é reforçada algumas páginas à frente, pelo mesmo autor, afirmando que “(...) os motivos dos homens e as suas tendências surgem como sendo, na maioria dos casos, inteiramente relativos às condições que preenchem na sociedade” (Rocher, 1989, p. 151) sem que estes se apercebam.

As práticas culturais desempenham um papel central na manutenção do património cultural, sendo fundamentais para a construção das identidades sociais. Cada sociedade possui uma linguagem artística própria, que se manifesta através da pintura, escultura, música, dança, teatro, literatura, cinema, entre outras. Além disso, a arte é parte da cultura de um povo, refletindo os seus valores. Por isso, as obras de arte, monumentos, artefactos e saberes são testemunhos do património cultural de uma dada sociedade, preservando a cultura, símbolos e tradições. Bibliotecas, museus, galerias de arte, cinemas e outros

locais ligados à cultura e à arte, desde que partilhados com o público, permitem que as pessoas se desenvolvam e compreendam a sua identidade coletiva.

A transmissão do património cultural, e conseqüente criação das práticas culturais, obriga à existência de condições socioeconómicas favoráveis, para que a população possa aceder e participar ativamente na produção dos bens culturais. Como destaca a UNESCO, é necessário que se “creen las condiciones socioeconómicas adecuadas para que la población en su conjunto pueda participar en la creación de bienes culturales, tenga acceso a los mismos y esté en condiciones de disfrutarlos” (UNESCO, 1982, p. 809).

As práticas culturais estão diretamente ligadas com o tempo de lazer, dado que “(...) os bens culturais artísticos são construções humanas a que todos podemos ter acesso como possibilidade de lazer, e a partir dos quais poderíamos extrair sensações prazerosas, deleite, diversão e conhecimento.” (Reis et al., 2011, p. 6) Além disso, a multiplicidade cultural que existe no campo artístico não está acessível a uma grande parte da população, devido a barreiras de ordem económica, e principalmente cultural e simbólica, que impedem que o público possa disfrutar das experiências artísticas em momentos de lazer, tornando-se atividades quase exclusivas das classes economicamente mais favorecidas. (Reis et al., 2011).

Bourdieu e Darbel (2007), comprovaram que o acesso às práticas culturais está diretamente relacionado com o grau de escolaridade e com a classe social, revelando que o acesso à cultura é um privilégio das classes mais altas: “O amor pela arte, portanto, é fruto de aprendizagem e socialização” (Reis et al., 2011, p. 13). Por isso, conclui-se que o gosto é produzido através de condições materiais e simbólicas, acumuladas no decorrer da trajetória social e escolar, resultado das diferenças de origem e de oportunidades (Settondisse, 2010).

De acordo com o relatório *Culture Statistics*, elaborado pela União Europeia, em 2019, menos de metade da população da União Europeia participou num espetáculo ao vivo. Portugal ocupa a 13.^a posição entre os 28 países, nesse indicador. No que se refere às visitas a museus, monumentos ou outros espaços culturais, Portugal ficou em 15.^o lugar. A participação dos idosos (maiores de 65 anos) em atividades culturais é significativamente mais baixa do que a dos jovens entre os 16 e os 29 anos — cerca de metade. Apenas 30% a 35% dos idosos assistem a espetáculos ao vivo ou visitam espaços

culturais. Já entre as pessoas com níveis de escolaridade mais baixos, apenas cerca de 24% visitam espaços culturais e aproximadamente 38% assistem a espetáculos ao vivo (Comissão Europeia, 2019).

Ainda assim, as instituições escolares parece perpetuarem essas diferenças, trabalhando com indivíduos com níveis diferentes de competências artísticas e aprofundando o seu conhecimento cultural já existente (Bourdieu & Darbel, 2007). A familiaridade com elementos representativos de práticas culturais, como a música, a pintura, as literaturas, entre outros, desempenham um papel fundamental na construção do capital cultural das crianças e na sua apetência para atividades semelhantes no decorrer da sua vida.

1.3. A MEDIAÇÃO E OS MEDIADORES CULTURAIS

Atualmente, o conceito de mediação atravessa vários discursos, em diversas áreas disciplinares (Vieira e Vieira, 2015). A mediação pode ser entendida como uma estratégia de construção de pontes entre pessoas, pontos de vista e fronteiras culturais. Mediar implica escutar ativamente, entender o *outro* (Vieira e Vieira, 2016) e respeitar, ainda que discordando (Vieira e Vieira, 2017). Apesar disso, a empatia necessária nos processos de mediação não permite uma neutralidade axiológica, por isso, deverá falar-se de uma hermenêutica multitópica, ou multiparcialidade (Vieira e Vieira, 2015; Vieira e Vieira, 2016;). De alguma forma, o mediador não pode deixar de ser “(...) também um interventor social que procura mudar situações sociais que gerem injustiças, carências ou revoltas (...)” (Vieira e Vieira, 2016, p. 67).

Os mesmos autores (Vieira e Vieira, 2016), destacam que os indivíduos são portadores de culturas, que são não estáticas, mas sim dinâmicas que se encontram em constante transformação. Resultado das modificações culturais, influenciadas pelas interações sociais e culturais e pelas novas experiências do quotidiano. Por isso, ao falar dos mediadores culturais/patrimoniais é falar também de uma multiplicidade de dimensões identitárias relacionadas com o dinamismo cultural. Estes profissionais não transmitem apenas um saber fixo sobre os objetos patrimonializado, mas atuam também como agentes que facilitam a reconstrução identitária dos indivíduos, agindo entre “o

background já possuído e as alternativas culturais constatadas e interiorizadas pelo indivíduo” (Vieira e Vieira, 2017), promovendo a integração de novas perspectivas culturais, de uma forma reflexiva.

Os mediadores culturais facilitam uma ligação entre as pessoas, a cultura e as artes. Ao contrário da conceção de mediação enquanto processo para solucionar conflitos entre duas partes, a mediação cultural é aquela que facilita o contacto, a aproximação, e o envolvimento entre o público e o património material e imaterial (Martinho, 2013, p. 425).

O papel do mediador (inter)cultural/patrimonial vai muito além da simples transmissão de informações, abrangendo também a união entre o património, a comunidade e o público, como destaca Magalhães (2017):

O mediador patrimonial é um agente que ajuda a conhecer a produção material e simbólica de uma certa comunidade, seja local, regional, ou nacional, fazendo essa ponte entre a comunidade representada, objeto patrimonializado e sujeito que apreende teias de significados da comunidade representada no património. O mediador patrimonial é concomitantemente um agente de desenvolvimento comunitário (Magalhães, 2017, p. 117).

Dessa forma, Barbosa & Coutinho (2008) referem que “o mediador profissional escolhe (e ajuda a escolher ou a elaborar) os interpretantes de acordo com o tipo de mediação e seu potencial” (Barbosa & Coutinho, 2008, p. 36). Contudo, o mediador deve conhecer previamente o público e compreender quais são os seus conhecimentos e referências culturais. Só a partir desse momento, o mediador está apto para “selecionar ou contribuir para co-elaborar os interpretantes no campo cultural de sua referência” (Barbosa & Coutinho, 2008, p. 36).

Os mediadores culturais/patrimoniais são também agentes de cultura, na medida em que podem atuar em exposições artísticas, institutos culturais, museus e universidades (Uriarte & Zdradek, 2021), desde que tenham preparação para essa importante tarefa, que exige sensibilidade e uma reprogramação constante das abordagens que favoreça o encontro com o público. Por isso, o mediador é muito mais do que alguém para ensinar sobre as obras de arte, mas alguém capaz de dar acesso às obras de arte, de uma forma emancipadora, procurando “aguçar as experiências estéticas” (Uriarte & Zdradek, 2021), atuando como um facilitador de experiências intelectuais e sensoriais.

Apesar disso, Bourdieu & Darbel (2007) enfatizam que “a cultura não é um privilégio natural, mas que seria necessário e bastaria que todos possuíssem os meios para dela tomarem posse para que pertencesse a todos” (Bourdieu & Darbel, 2007, p. 9), sublinhando a importância da mediação cultural, como ferramenta de democratização do conhecimento e das práticas culturais. Sem essa mediação, a cultura poderia continuar com acesso restrito apenas às elites intelectuais e económicas, perpetuando as desigualdades.

O trabalho em mediação (inter)cultural configura-se como um contexto especialmente propício à compreensão da forma como as pessoas se relacionam com a arte, bem como das diferentes maneiras pelas quais se sentem por ela interpeladas (Martinho, 2013). A mediação não se limita a facilitar o acesso às obras artísticas, mas cria também condições para observar e refletir sobre os significados que o público atribui à arte e ao património, e os modos como essas experiências afetam cada indivíduo. Através do contacto direto, da escuta ativa e da promoção do diálogo entre o público, as obras, e os objetos patrimonializados, mais do que um mero agente, o mediador é:

(...) um profundo e actualizado conhecedor do ecossistema cultural e artístico (circuitos, processos criativos, redes, contextos, equipamentos), mas não se reduz a uma bolha, tendo uma visão sistémica da realidade, em multicamada. Numa triangulação dinâmica com a comunicação e a programação (...) entre educação, curadoria e pesquisa – extravasa a criação e formação de públicos, sendo fundamental (...) no enraizamento local nas comunidades e bairros, e no desenvolvimento e coesão sociais dos territórios (Pires, 2025).

Em Portugal, a mediação intercultural é uma profissão maioritariamente desempenhada por mulheres e especializada ao nível de Licenciaturas, Mestrados e doutoramentos (Martinho, 2013; Ornelas, 2020).

Outro aspeto crucial, abordado na literatura, é a importância da educação para a arte e cultura desde infância, como forma de criar hábitos culturais e promover a formação de futuros públicos. Magalhães (2022) destaca que: “(...) a importância decisiva da educação museológica nas classes etárias mais jovens, enquanto forma de criar hábitos culturais e de promover o empoderamento futuro destes cidadãos, afigura-se como importante para manter esse trabalho junto de jovens e jovens adultos (...)” (Magalhães, 2022, p. 189), reforçando a necessidade de investir em práticas de mediação cultural

desde cedo, considerando o impacto a longo prazo, para o desenvolvimento de uma sociedade crítica e participativa, promotora da inclusão e do empoderamento social, através da arte e do acesso às práticas culturais.

1.4. DEMOCRATIZAÇÃO CULTURAL

Em Portugal, a política cultural, enquanto área do governo, é recente. Assim como o debate sobre a democratização cultural e a democracia cultural. Com a Constituição da República Portuguesa, de 1976, consideraram-se novos elementos ao papel do Estado no âmbito cultural, incluindo responsabilidades na área da ciência, democratização, educação, cultura e proteção do património cultural (Maravalhas, 2022, 199). Assim, o número 3, do artigo 73.º, da CRP estatui que:

O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as colectividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais (CRP, 2022, p. 44).

A democratização da cultura refere-se ao esforço, por parte do Estado, para garantir que todos os cidadãos tenham acesso tanto à fruição (ou seja, ao consumo e apreciação da cultura e arte) como à criação cultural. O que implica tornar a cultura mais acessível e inclusiva, não limitada apenas às elites, o que pode passar por incentivos financeiros, projetos de mediação, ofertas de serviços educativos, redução no valor dos bilhetes ou descontos associados a faixas etárias, além da formação de públicos.

A democratização cultural, tal como referido por Lopes (2009), deve ser entendida como um processo de *empowerment* coletivo. Essa perspetiva, coloca os sujeitos noutra posição, que não apenas a de recetor da cultura, defendendo uma abordagem cultural “de baixo para cima e de dentro para fora” (Lopes, 2009, p. 5), orientada pelas necessidades e aspirações das comunidades. Assim, o papel das políticas públicas deixa de ser o de difundir a cultura “legítima” e elitista, para se tornar o de mediador de processos partilhados, implicando os destinatários, desde a conceção, realização e até à avaliação,

dos projetos e políticas culturais. Num esforço coletivo para democratizar tanto o acesso, quanto a produção (Lopes, 2009). Como observa o autor, “mesmo entre os mais instruídos, possuidores de um curso superior, a escolaridade se revela, nos mais diferentes estudos, como condição necessária, mas não suficiente” (Lopes, 2009, p. 8) para o desenvolvimento de disposições culturais e estéticas. O que evidencia a importância de estratégias de mediação mais ativas e profundadas, que vão além da difusão dos produtos culturais, apostando também na formação de públicos.

Pires (2025) afirma que a mediação cultural e artística constitui, hoje, uma função estrutural na dialética entre democratização e democracia cultural, não apenas em contextos institucionais e equipamentos culturais públicos como no seio do terceiro sector” evidenciando a importância dos mediadores em diversos contextos, nomeadamente cultural, em variadas instituições (Pires, 2025). Nesse sentido, Costa (1997) refere que uma efetiva democratização cultural implica não apenas o alargamento dos públicos – o que, isoladamente, pode redundar numa simples expansão do mercado cultural – mas sobretudo a ampliação do universo de criadores e produtores culturais (Costa, 1997). Tal processo exige investimento em educação artística, metodologias pedagógicas ativas e familiarização com os processos criativos, aproximando as artes da escola e da vida quotidiana (Costa, 1997).

A valorização de práticas culturais menos institucionalizadas, como aquelas desenvolvidas nos contextos doméstico, associativo e escolar, bem como nas manifestações festivas, tornam-se igualmente essenciais para uma política cultural realmente inclusiva (Costa, 1997, p. 3). Assim, a democracia cultural não se cumpre na imposição de modelos artísticos legitimados, mas na criação de espaços em que todos possam reconhecer-se como participantes ativos da vida cultural, enquanto criadores, produtores e intérpretes do seu próprio universo simbólico.

Como refere a Carta de Porto Santo (2021), a democratização cultural implica tornar acessível a um maior número de pessoas, as obras-primas, aproximando o público do património cultural, além de favorecer a criação de obras de arte para enriquecimento do património. Ainda assim, a difusão cultural não teve os resultados esperados. Os obstáculos, já não são apenas físicos ou financeiros. Os obstáculos são simbólicos e de sentido de pertença, nem o aumento da escolaridade foi condição suficiente para

ultrapassar barreiras simbólicas: “Cristalizaram-se as hierarquias sociais no acesso aos bens culturais” (Conselho da Europa, 2021, p. 5).

Quando falamos em acessibilidade, entram questões além do ponto de vista simbólico e financeiro. A acessibilidade linguística também pode ser um fator de exclusão. Segundo um estudo realizado pela OCDE em 2023, Cerca de 40% dos adultos portugueses, entre os 16 e os 65 anos, que vivem em Portugal, só conseguem compreender textos simples e resolver matemática básica (OCDE, 2024). Num estudo comparativo entre 31 países, Portugal ficou bastante abaixo da média dos países que integraram este estudo, no que toca à numeracia e literacia. Apenas 4% dos inquiridos demonstra “compreender e avaliar textos longos e densos de várias páginas, entender significados complexos ou ocultos e utilizar conhecimentos prévios para compreender textos e realizar tarefas” (OCDE, 2024, p.2).

Por isso, é importante de repensar não só a mediação cultural, mas também a forma como museus e instituições comunicam com os seus públicos. A adaptação dos conceitos utilizados nas visitas guiadas, evitando estruturas demasiado complexas, torna-se fundamental para garantir que todos os visitantes possam participar plenamente. Da mesma forma, os textos presentes nas exposições, que oferecem o enquadramento histórico, artístico e social das obras, devem ser pensados com maior atenção à clareza, à simplicidade e à diversidade de níveis de literacia, assegurando que a informação contextual seja realmente acessível.

A concretização plena da democratização cultural passa por primeiramente assegurar a gratuidade no acesso aos bens culturais e não apostando apenas numa cultura “tendencialmente gratuita”¹. No caso da região de Leiria, desde 2023, os equipamentos culturais de tutela municipal, têm entrada gratuita para todos os alunos matriculados no IPLeiria e cidadãos residentes no concelho de Leiria (CMLeiria, 2023). Além disso, também desde 2023, aos domingos e feriados, por iniciativa da Museus e Monumentos de Portugal, todos os monumentos e museus sob sua alçada têm entrada gratuita, medida extensível às cidades de Peniche e Caldas da Rainha. O mesmo órgão, instituiu em 2024, a medida *Voucher 52*, que oferece a possibilidade de usufruir de 52 entradas gratuitas

¹ Carvalho, V. (2025). Mesa Redonda. Comunicação apresentada na Conferência: O futuro dos museus em comunidades em rápida transformação. Leiria, 15 de maio.

(incluindo dias úteis), nos 37 museus tutelados pelo Estado, mediante a apresentação do Cartão de Cidadão e Número de Contribuinte.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO EMPÍRICO

2.1. O INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA E SUAS REGIÕES

O território de Leiria tem vindo a afirmar-se como um dos mais importantes espaços universitários do país. E para isso contribui o Instituto Politécnico de Leiria, o qual, em processo de transição para Universidade de Leiria e Oeste, constitui-se como um elemento estratégico e estruturante na rede económica, social e cultural da região (Vieira, et al., 2024).

A infraestrutura do IPLeia reflete esta dimensão territorial, distribuindo-se por cinco escolas superiores — Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS), Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG), Escola Superior de Saúde (ESSLei), Escola Superior de Arte e Design (ESAD.CR) e Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar (ESTM), localizadas em três concelhos que fazem parte do distrito de Leiria. São ainda parte do IPLeia os núcleos de formação de Pombal e de Torres Vedras.

A existência de diversas escolas espalhas pela região permite, não só, a descentralização e o desenvolvimento equilibrado das diferentes regiões inerentes, mas também “pode levantar questões de equidade social no acesso e nas escolhas de cursos e instituições” (Sá, 2014, p. 79), possibilitando aos alunos oferta formativa de nível superior, perto da sua área de residência uma vez que “ao longo do tempo se tornou evidente que a distribuição geográfica das instituições era uma fonte de desigualdade social” (Sá, 2014, p. 79), já que a sua concentração acabava por resultar num obstáculo adicional ao acesso dos grupos mais desfavorecidos.

A instituição conta ainda com dois polos de investigação altamente especializados: o Centro para o Desenvolvimento Rápido e Sustentado de Produto (CDRSP), na Marinha Grande, e o Health-Hub-Leiria, vocacionado para a inovação na área da saúde (Vieira, et al., 2024). O compromisso do IPLeia com a investigação e o desenvolvimento científico reflete-se nas suas 17 unidades de investigação: cinco são unidades próprias, nove são polos de unidades de investigação externas, e três correspondem a delegações de associações de I&D sem fins lucrativos (Vieira, et al, 2025). Destaca-se, neste contexto, o papel do IPLeia como instituição de gestão principal do CiTUR — Centro de

Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo, o que reforça o seu protagonismo no cenário da investigação interdisciplinar.

Desta estrutura, fazem parte 1.125 docentes e 402 colaboradores técnicos e administrativos, evidenciando a dimensão da organização e a complexidade dos serviços (Politécnico de Leiria, 2024a).

Devemos destacar, da mesma forma, o CICS.NOVA.IPLeiria, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, com o qual a mediação intercultural tem uma relação direta, já que dele fazem parte alguns dos mais proeminentes investigadores nacionais, desta área. O CICS.NOVA.IPLeiria tem como objetivo “promover a investigação científica na área da reconstrução identitária numa perspetiva pessoal, profissional, social e cultural. Criar produtos aplicáveis a áreas diversas como o património, turismo, serviço social, educação social, comunicação e informação” (Vieira, et. al, 2025). O polo de Leiria deste centro, possui cerca de 15 investigadores integrados, avaliado pela FCT em 2023/2024, tendo obtido a classificação de Excelente.

Contudo, o papel do IPLeiria ultrapassa o plano académico, assumindo também responsabilidades simultaneamente na vertente social, económica e, de forma particularmente relevante para este estudo, cultural. A promoção da arte e da cultura, a formação e a participação artística constituem-se como elementos fundamentais à identidade institucional:

A responsabilidade artística e cultural é também um elemento central da identidade do Politécnico de Leiria, no plano da promoção da arte e cultura, da formação e participação artística e cultural, através de espetáculos, exposições e outros eventos culturais direcionados para diferentes públicos, desde a escala regional à nacional, com raiz no sentido que fazem para a comunidade académica. À escala nacional, porque as programações estão alinhadas com os grandes planos nacionais, como o Plano Nacional de Leitura e o Plano Nacional das Artes. Ao nível regional, com a cooperação, articulação e robustecimento da programação com a Rede Cultura 2027, mas também com a valorização dos patrimónios naturais e edificados classificados da região (Politécnico de Leiria, 2022, p. 44).

Sá (2014) revela que muitos estudantes, além de mudarem de cidade por razões académicas (colocação noutra região), “aspiram a viver numa cidade com um melhor

clima ou atrativa em termos de oferta de infraestruturas e de atividades culturais e de lazer, sendo as suas escolhas guiadas pelo consumo”, revelando a importância que a oferta económica e cultural, que as cidades oferecem aos estudantes, também são fatores tidos em conta na escolha das universidades e politécnicos (Sá, 2014, p. 79).

A importância do Instituto Politécnico de Leiria para a região, enquanto instituição de Ensino Superior público, a par de outras instituições de Ensino Superior, é reconhecida e destacada em meios de comunicação regionais e nacionais. O jornal *Diário de Notícias*, refere-se às Escolas Superiores como: “imprescindíveis nas respetivas regiões”, cada vez mais “determinantes no desenvolvimento das regiões”, assumindo “em pleno a sua função, na formação, inovação, partilha e valorização do conhecimento, e na internacionalização das regiões” (DN, 2023).

O impacto económico do IPLeiria é também inegável. De acordo com dados do CCISP (2019), a atividade económica diretamente gerada pela instituição ascende a 129 milhões de euros, representando 4,16% do PIB da região. O mesmo estudo indica que o IPLeiria é um dos três principais empregadores locais, sendo responsável por mais de quatro mil empregos, o que equivale a mais de 4% da população ativa da sua área de influência.

Num estudo anterior, referente ao ano de 2012, apurou-se que o impacto total do IPLeiria nas cidades onde se encontra — Leiria, Caldas da Rainha e Peniche — chega aos 171.7 milhões de euros (Nicolau, 2014, p. 29). Embora reportado a anos anteriores, esta informação permite compreender a relevância estrutural da instituição no contexto regional.

Para além dos dados quantitativos, importa sublinhar a função simbólica do IPLeiria no território onde se insere. A ideia do IPLeiria como elemento central da região é consensual entre vários autores. Como observa Magalhães (2012), o Instituto é percecionado como “um símbolo unificador da diversidade da região de Leiria” (Magalhães, 2012, p. 117). Esta ideia é aprofundada por Marques (2005), ao destacar que “estas unidades espalhadas ao longo do distrito, respeitando as características do espaço e da cultura em que se inserem, vão constituir-se como espaços de encontro das partes que constituem o todo regional” (Marques, 2005, p. 276).

Já em 2025, Vieira et. al (2025), referem-se ao Instituto Politécnico de Leiria, como um criador e consolidador de identidades, com um contributo inegável para a região, seja em

termos do Ensino Superior ou da investigação, seja no domínio da promoção da cultura e como alicerce da identidade regional.

Neste sentido, é possível afirmar que o IPLeiria é mais do que um espaço de ensino e investigação. É um catalisador de desenvolvimento, a todos os níveis: económico, social, cultural, um ponto de articulação entre o conhecimento, a inovação, a cultura e o território.

2.2. OS ESTUDANTES DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

O Instituto Politécnico de Leiria é, há muito tempo, uma referência no panorama do Ensino Superior português, afirmando-se, não só na diversidade, mas também na qualidade, da sua oferta formativa. Distribuído por cinco polos principais, localizados nas cidades de Leiria, Caldas da Rainha e Peniche, o IPLeiria disponibiliza 46 Licenciaturas, 64 Mestrados e 64 Cursos Técnicos Superiores Profissionais (CTeSP) e 4 doutoramentos em associação, configurando-se como uma instituição com uma ampla e robusta proposta educativa (Vieira et al., 2024).

O IPLeiria “distingue-se claramente dos restantes Politécnicos fundamentalmente em termos de dimensões no que respeita ao número de alunos” (Nicolau, 2014, p. 30), ultrapassando os números totais de estudantes de várias universidades portuguesas. No presente ano letivo encontram-se matriculados 12.771 estudantes. Em termos de distribuição por ciclo de estudos, 8.446 estudantes estão inscritos em Licenciaturas, enquanto 2.323 frequentam os Mestrados (ANEXO I). Além disso, o sucesso académico e a retenção dos estudantes são uma preocupação constante do Instituto, há necessidade de se diminuírem as taxas de abandono escolar já que foram de 11,1% nos cursos de Licenciatura e 22,6% nos Mestrados, considerando a não renovação de matrícula entre os anos letivos de 2022/2023 e 2023/2024 (Politécnico de Leiria, 2024).

Só no ano letivo de 2022/2023, foram colocados através do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior, 1.814 estudantes para um total de 1.967 vagas, evidenciando uma taxa de ocupação elevada e uma procura consistente pelos cursos deste Instituto Politécnico.

No que toca à vertente social, o IPLeiria tem procurado garantir o acesso equitativo ao Ensino Superior, nomeadamente através da atribuição de bolsas de estudo. Estas destinam-se a apoiar estudantes cujo agregado familiar não disponha de recursos financeiros suficientes. No ano letivo 2023/2024, foram recebidas 4.438 candidaturas a bolsas de estudo, tendo sido atribuídas 3.466, o que corresponde a 78,1% de aprovação (Politécnico de Leiria, 2024).

A ligação do IPLeiria ao território onde se insere é um dos pilares fundamentais da sua identidade. Como refere Marques (2005), “em relação às pessoas que ingressam no IPL, ao ter como condição de ingresso nos seus cursos a preferência regional, o IPL consegue garantir que uma parte dos seus alunos seja da região. (...) vem a contribuir necessariamente para a construção, naquelas unidades, de um sentimento de identidade regional” (Marques, 2005, p. 276). Esta dimensão territorial é reforçada pela intenção de “uma boa parte dos alunos oriundos de outras regiões e formados no IPL, pretende fixar-se na região” (Marques, 2005, p. 276), revelando o impacto que o Politécnico tem no desenvolvimento local e regional.

No que respeita aos diplomados, os dados mais recentes indicam a atribuição de 2.876 diplomas, dos quais 591 correspondem a Técnico Superior Profissional, 1.801 ao grau de licenciado e 484 ao grau de mestre, o que reflete a capacidade da instituição em formar profissionais qualificados para o mercado de trabalho (Politécnico de Leiria, 2024).

3. METODOLOGIA

A presente investigação desenvolve-se no âmbito de uma abordagem que concilia técnicas de investigação qualitativas e quantitativas, procurando compreender em profundidade os fenómenos estudados a partir das experiências, perceções e significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos – estudantes e mediadores. Para isso, torna-se essencial clarificar o enquadramento metodológico que sustenta este estudo, explicitar as opções tomadas ao nível das questões de partida e objetivos de investigação, bem como técnicas de recolha e análise de dados.

Este trabalho inscreve-se no **paradigma interpretativo**, o qual “(...) valoriza a explicação e compreensão holística das situações, o carácter complexo e essencialmente humano da actividade de interpretação do real e o papel privilegiado que nessa actividade toma o plano da intersubjectividade resultante do encontro e interacção de múltiplos actores sociais entre os quais se inclui a investigadora.” (Martinho, 2007, p. 98). Trata-se, assim, de uma perspetiva que privilegia a compreensão dos significados e símbolos atribuídos pelos participantes, valorizando o contexto e a interação como elementos centrais no processo de produção do conhecimento.

3.1. DELIMITAÇÃO DA PROBLEMÁTICA: QUESTÕES DE PARTIDA, OBJETIVOS E O ESTUDO DE CASO

Esta investigação centra-se na análise das práticas culturais dos estudantes do Instituto Politécnico de Leiria, e procurou compreender como estas são moldadas por diferentes condicionantes sociais. Por outro lado, teve-se como propósito averiguar o papel desempenhado pelos mediadores culturais enquanto promotores e facilitadores destas práticas. Conforme a Convenção da UNESCO (2005), as práticas culturais referem-se a “... las actividades, los bienes y los servicios que (...) encarnan o transmiten expresiones culturales, independientemente del valor comercial que puedan tener” (UNESCO, 2005, p.5) Para efeitos desta investigação, operacionalizam-se essas práticas em três dimensões: **fruição** (acesso e consumo da cultura), **produção** (criação de bens culturais) e **participação** (envolvimento em eventos e iniciativas coletivas) (Lopes,

2010). Neste caso, realizadas no contexto da vida académica dos estudantes, isto é, na cidade onde estudam.

A pesquisa procurou identificar padrões e desigualdades no envolvimento cultural dos estudantes, considerando variáveis como a origem socioeconómica e outros fatores sociais considerados relevantes para o estudo.

Para além disso, esta investigação procurou perceber o papel dos mediadores culturais em cada uma das cidades - Leiria, Caldas da Rainha e Peniche -, enquanto agentes que podem facilitar ou condicionar o acesso dos estudantes à cultura. Compreendendo de que forma estes profissionais e as estruturas a eles associadas, contribuem para democratizar o acesso às atividades culturais, promover a diversidade de públicos e reduzir desigualdades no acesso cultural dentro da comunidade estudantil. A análise incidiu sobre o contexto institucional do IPLeiria, abrangendo as principais unidades orgânicas, com enfoque nos estudantes matriculados no ano letivo de 2024/2025 em Licenciaturas e Mestrados.

A formulação da pergunta de partida requer que o investigador clarifique as suas intenções e perspetivas de pesquisa, colocando em prática questões como a rutura com o preconceito e com noções prévias (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Para estudarmos a prática, ou não, das atividades culturais por parte dos estudantes do IPLeiria, consideramos importante realizar um diagnóstico sociocultural relativo às mesmas. Este diagnóstico auxilia na compreensão dos consumos culturais deste público, refletindo ao mesmo tempo, uma tentativa de implicar os destinatários na conceção de políticas e projetos culturais a eles direcionados. Além de que pretendemos, também, contribuir para a promoção de alterações às políticas e programação culturais já existentes, mais adequadas à realidade estudantil, sobretudo juvenil, cooperando para a prevenção de preconceitos no que diz respeito à relação dos estudantes com os eventos culturais, ou à falta dela. Baseando-se nestes elementos foi formulada a seguinte questão de investigação: **Como são as práticas culturais dos estudantes do IPLeiria?**

Para além da compreensão aprofundada das práticas da comunidade estudantil, identificaram-se os principais fatores sociais que exercem influência sobre as práticas culturais dos estudantes, como o contexto socioeconómico e familiar, as influências dos grupos de pares, entre outros elementos, que moldam as preferências culturais dos jovens

participantes desta investigação, uma vez que existe uma correlação entre estas variáveis e os diferentes tipos de consumos culturais (Bourdieu & Darbel, 2007).

Quanto aos objetivos, estes podem ser considerados como motores para as ações a desempenhar pois “constituem o ponto central de referência, são eles que definem a sua natureza mais específica e dão coerência ao plano de ação” (Serrano, 2008, p.44). Por isso, foi delineado como objetivo geral: ***compreender como as práticas culturais dos jovens estudantes do IPEiria são influenciadas por fatores sociais.***

Para alcançá-lo, foram delineados objetivos específicos, tais como: - *Identificar as práticas culturais predominantes entre os estudantes do IPEiria e o modo como têm acesso à cultura;* - *Investigar os fatores sociais que exercem influência sobre essas práticas culturais, incluindo o contexto socioeconómico, familiar, grupos de pares e o acesso aos recursos culturais;* - *Perceber o papel dos mediadores culturais neste contexto, analisando como podem moldar as perceções e práticas culturais dos estudantes;* - *Verificar se os estudantes estão familiarizados com as propostas culturais da cidade em que estudam.*

Portanto, esta investigação visou não apenas compreender as práticas culturais dos estudantes do IPEiria, mas também contextualizá-las dentro das dinâmicas sociais, dando destaque aos mediadores culturais, enquanto construtores de pontes entre os indivíduos e a cultura como setor da atividade humana.

A abordagem utilizada para dar resposta às questões colocadas neste estudo baseou-se no Estudo de Caso, uma vez que este permite uma análise aprofundada dos fenómenos no seu contexto real. Os dados foram recolhidos através de um inquérito por questionário aos estudantes dos cursos de Licenciatura e Mestrado do IPEiria, e entrevistas semidiretivas a três mediadores culturais que desenvolvem a sua atividade nos três concelhos onde se situam as escolas superiores do IPEiria. O ideal será um “enfoque metodológico no qual se combinem as propostas quantitativas e qualitativas” (Lopes, 2011, p. 102), para uma análise mais profunda e maior confiança nos dados obtidos.

Relativamente ao Estudo de Caso, podemos aferir que se trata de uma forma de investigação empírica que estuda um fenómeno no seu contexto real, ou seja, no ambiente em que ele realmente acontece (Coutinho, 2023, p. 335). Trata-se de observar em profundidade peculiaridades de um sujeito, grupo ou instituição (Lopes, 2011, p. 103), de

uma forma holística (Moreira et al., 2021), interpretando várias vozes sobre os aspetos em estudo, utilizando vários métodos para recolha de dados de pesquisa, com o objetivo de compreender a complexidade do contexto, estabelecendo “generalizações analíticas” (Moreira et al., 2021, p. 15; Lopes, 2011, p.103). Examina-se o caso em detalhe e é a abordagem de investigação mais apropriada para quando se procura entender o “como” e o “por quê” de acontecimentos que ocorrem (Coutinho, 2023, p. 335).

Glória Perez Serrano (Lopes, 2011), sugere que o Estudo de Caso dispõe das seguintes características: particularista, descritivo, heurístico e indutivo. *Particularista* pois investiga uma situação singular e única. O caso é importante pela própria natureza, pelas suas contribuições e pelo que possa representar. *Descritivo*, uma vez que, o produto do Estudo de Caso é uma descrição completa e complexa do objeto de estudo, das situações ou dos factos analisados, além de interpretar o significado dos dados descritivos, valores, atitudes e opiniões de grupos. *Heurístico*, já que, traz uma melhor e mais completa compreensão dos factos, podendo originar novos significados. E, por fim, *Indutivo* considerando que a partir dos dados, o investigador pode formular hipóteses e conceitos generalizáveis no contexto que desenvolveu a investigação.

Este trabalho, caracteriza-se como um Estudo de Caso por investigar, de forma aprofundada, as práticas culturais de um grupo específico - os estudantes do IPLeiria - inseridos no seu contexto social real. O investigador não interfere diretamente no fenómeno estudado, mas procura analisá-lo, com o objetivo de compreender “como” e “porquê” determinados comportamentos e escolhas culturais acontecem, considerando os fatores sociais que os condicionam e o papel desempenhado pelos mediadores culturais.

3.2. TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

3.2.1. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

O inquérito por questionário é amplamente reconhecido como uma das técnicas mais importantes para a recolha de dados nas pesquisas sociais (Gil, 2008). Utilizado para explorar opiniões, crenças, sentimentos, interesses e vivências, trata-se de um instrumento composto por um conjunto estruturado de perguntas que são apresentadas por escrito aos

participantes. Esta técnica permite aceder a informações que dificilmente seriam obtidas através da observação direta, por levar demasiado tempo, ser completamente impossível, por reportar a eventos passados ou por dizer respeito à intimidade e privacidade dos indivíduos. (Ghiglione & Matalon, 1992; Dias, 1994), tornando-se uma boa alternativa à observação direta.

De acordo com Ghiglione e Matalon (1992), o inquérito tem como finalidade interrogar um número significativo de pessoas com o intuito de extrair generalizações. A unidade de análise é o próprio indivíduo, e o papel do investigador é minimamente interventivo, configurando-se como uma técnica de observação não participante.

Dias (1994) destaca que este tipo de inquérito, para além das perguntas, pode incluir escalas e testes que avaliam atitudes, opiniões e reações. O material recolhido através das respostas permite ao investigador interpretar discursos individuais e, a partir deles, elaborar generalizações. Ao responder às questões, é possível aceder a dimensões subjetivas - como motivações, atitudes e representações - que não seriam captáveis através da simples observação (Dias, 1994).

Neste caso, o inquérito por questionário direcionou-se aos estudantes do IPLeiria e foi fornecido através do *email* institucional. Foram recolhidos dados sobre um conjunto de atividades ou hábitos, o seu consumo e participação, no âmbito cultural e artístico (assistir filmes, ir a teatros, ver televisão, entre outras). As variáveis contemplam a frequência de participação (anualmente, semestralmente, semanalmente, nunca, etc.), o tipo de atividades e o contexto (individualmente ou em companhia de amigos/familiares), além das motivações e os obstáculos à participação, incluindo outros dados, já comprovado por estudos semelhantes que se revelam serem decisivos como a escolaridade dos pais e os rendimentos económicos.

O questionário divide-se em cinco categorias: Perfil Sociocultural; Dados económicos; Práticas Culturais e Frequência, Mediadores Culturais, Perceção Pessoal e Vivência Universitária. No APÊNDICE I, encontra-se o exemplar de questionário enviado aos estudantes.

3.2.1.1. A Amostragem

Inquirir uma dada população de forma exaustiva pode ser bastante longo e dispendioso. Inquirindo apenas uma amostra, é possível generalizar os dados obtidos à totalidade da população, sendo necessário que esta amostra apresente características idênticas à população em estudo, isto é, seja representativa (Ghiglione & Matalon, 1992).

A amostragem é o processo de seleção dos sujeitos que irão participar de um estudo, sendo a amostra o grupo efetivo de indivíduos dos quais se recolhem os dados (Coutinho, 2005). Nesse sentido, a amostragem pode ser probabilística, quando é possível determinar a probabilidade de um sujeito da população fazer parte ou não da amostra, e aleatória, caso todos os indivíduos tenham igual chance de serem selecionados, ou seja, quando a escolha é puramente ao acaso (Coutinho, 2005, p. 91).

A representatividade é um fator-chave, pois, como refere Coutinho (2005, p. 98), sempre foi preocupação dos investigadores encontrar o tamanho ideal de amostra que garantisse a qualidade dos resultados. Embora se saiba que amostras maiores tendem a reduzir o erro da amostra, e a permitir maior generalização, há autores que enfatizam ser ainda mais relevante o rigor na seleção da amostra do que seu tamanho (Coutinho, 2005, p. 99). Por outro lado, na investigação experimental, amostras com menos de 30 sujeitos geralmente não refletem fielmente os traços da distribuição da população, o que compromete a validade dos resultados (Coutinho, 2005, p. 99).

Neste caso, como referido no capítulo anterior, a população é constituída por 12.771 estudantes, incluindo todas as escolas superiores e polos que constituem o IPEL. Através dos dados fornecidos pela Presidência do Politécnico de Leiria (ANEXO I), foi possível extrair os seguintes números em relação aos estudantes matriculados: *Escola Superior de Educação e Ciências Sociais* (ESECS) – 2.485 estudantes; *Escola Superior de Tecnologia e Gestão* (ESTG) – 6.002 estudantes; *Escola Superior de Saúde de Leiria* (ESSlei) – 1.358 alunos; *Escola Superior de Arte e Design* (ESAD) – 1.598 alunos e a *Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar* (ESTM) – 1.419 discentes.

Os números fornecidos refletem a totalidade de estudantes e não é possível aferir a divisão entre os diferentes ciclos de estudo (TeSP, Licenciatura, Mestrado e Pós-Graduação). Os

números que dispomos, em relação ao ciclo de estudos, são também a nível geral: 10.765 alunos - 8.442 de Licenciaturas e 2.323 dos Mestrados, ainda segundo os dados fornecidos pela Presidência do Politécnico de Leiria (ANEXO I).

Nesta investigação optou-se por inquirir apenas os estudantes matriculados em Licenciaturas e Mestrados das cinco escolas do IPLeiria. A nossa amostra é composta por 83 estudantes, num universo de 10.765 alunos, o que supera o número mínimo de 30 indivíduos definido por Coutinho (2005).

3.2.2. ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A entrevista, enquanto técnica de investigação qualitativa, destaca-se pela capacidade de captar as interpretações subjetivas dos participantes sobre as suas próprias vivências. Como sublinha Coutinho (2005), permite ao investigador recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, o que possibilita a compreensão sobre como os indivíduos interpretam o mundo ao seu redor (Coutinho, 2005).

Essa abordagem dialógica é caracterizada por um encontro entre o investigador e o investigado, onde o primeiro formula perguntas com o intuito de obter dados relevantes para a pesquisa. Trata-se, segundo Gil (1991), de uma interação social assimétrica, uma vez que uma das partes tem como objetivo principal a recolha de informações, enquanto a outra se apresenta como a fonte dessas informações. O autor, reforça ainda que a entrevista é especialmente útil para alcançar conteúdos subjetivos, como crenças, sentimentos, expectativas, desejos e experiências (Gil, 1991).

As entrevistas semiestruturadas, não seguem um roteiro totalmente rígido, mas também não são completamente abertas. Quivy e Campenhoudt (2005) explicam que o investigador geralmente dispõe de *perguntas-guias* relativamente abertas, com um capô alargado de resposta, a respeito das informações que pretende obter do entrevistado. Garantindo assim uma certa liberdade de expressão ao participante, não desviando o foco da investigação (Quivy & Campenhoudt, 2005).

Complementarmente, Ghiglione e Matalon (1992) observam que, embora exista um esquema definido na entrevista semiestruturada, a ordem dos temas abordados pode variar

livremente, funcionando apenas como uma estrutura que organiza o discurso (Ghiglione & Matalon,1992).

As entrevistas foram realizadas a mediadores culturais e profissionais ligados à área da cultura nas regiões de Leiria, Caldas da Rainha e Peniche – cidades onde se encontram os principais polos do IPLeiria, num máximo de três entrevistas, uma por região. Com o intuito de perceber como é promovida a oferta cultural, qual a percepção sobre o envolvimento dos estudantes, que estratégias de mediação e aproximação utilizam, além de alguns desafios profissionais enfrentados. Em APÊNDICE II encontra-se o guião de entrevista que procurará ser o mesmo para todos os mediadores, a fim de poder estabelecer comparações.

4. CONDICIONANTES SOCIAIS DAS PRÁTICAS CULTURAIS DOS ESTUDANTES DO IPLeiria: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1. ANÁLISE DOS INQUÉRITOS: A VISÃO DOS ESTUDANTES

Para a presente investigação, foi elaborado um inquérito com o objetivo de perceber quais são e como são as práticas culturais dos estudantes do Instituto Politécnico de Leiria, bem como os fatores que condicionam e influenciam essas práticas. O inquérito foi divulgado com o apoio de docentes da instituição e junto dos próprios estudantes, a partir da divulgação de *QR Codes*, *links* de acesso e partilha em grupos. A sua distribuição e preenchimento, ocorreram entre os meses de abril e julho, de 2025.

Foram recolhidas um total de **83 respostas**, das quais **82 consideradas válidas** para análise. A restante resposta foi excluída por não cumprir o principal critério definido: ser estudante matriculado no IPLeiria, no presente ano letivo. A versão final do inquérito incluiu 30 perguntas, distribuídas por cinco núcleos: Perfil Sociocultural; Dados económicos; Práticas Culturais e Frequência, Mediadores Culturais, Perceção Pessoal e Vivência Universitária. Foram recolhidos dados sobre um conjunto de atividades, o seu consumo e participação, no âmbito cultural e artístico, o tipo de atividades, bem como, a frequência, motivações, obstáculos à participação e outros dados considerados relevantes para a presente investigação, nomeadamente o papel do IPLeiria na promoção de atividades culturais.

O inquérito foi desenvolvido na plataforma Microsoft Forms e os dados estatísticos, trabalhados com a ajuda do programa SPSS Statistics.

4.1.1. O PERFIL SOCIOCULTURAL DOS ESTUDANTES DO IPLEIRIA

Neste capítulo procede-se à análise dos dados recolhidos com o objetivo de traçar o perfil sociocultural dos estudantes do Instituto Politécnico de Leiria. Optou-se por não incluir a variável *idade* no inquérito, uma vez que se antevia uma grande homogeneidade entre os inquiridos. Procurou-se caracterizar os estudantes através do género, escola que frequentam, ciclo de estudos, situação habitacional, habilitação literária dos pais e infância e acesso à cultura.

Tabela 1 - Género

		Frequência	Percentagem
Válido	Feminino	51	62,2
	Masculino	31	37,8
	Total	82	100,0

Tabela 1 – Género

Fonte: Autor

Num universo de 82 respostas válidas, 51 dos inquiridos eram do sexo “**Feminino**” (62,2%) e 31 do sexo “**Masculino**” (37,8%). Não tendo existido nenhuma seleção da opção “**Outro**”.

Estado Civil

		Frequência	Percentagem
Válido	Casado	1	1,2
	Solteiro	78	95,1
	Unido de facto	3	3,7
	Total	82	100,0

Tabela 2 - Estado Civil

Fonte: Autor

A grande maioria dos estudantes inquiridos são “solteiros”, com 78 respostas (95,1%) seguindo-se da “união de facto”, com 3 (3,7%) respostas e, residualmente, “casado”, com apenas uma resposta (1,2%).

Escola que frequenta

		Frequência	Percentagem
Válido	ESAD	3	3,7
	ESECS	18	22,0
	ESSLei	22	26,8
	ESTG	33	40,2
	ESTM	6	7,3
	Total	82	100,0

Tabela 3 - Escola superior de frequência

Fonte: Autor

Como se pode constatar pela análise da tabela, a “ESTG” foi a escola com mais estudantes inquiridos – 33 (40,2%) – seguida da “ESSLei”, com 22 alunos inquiridos (26,8%), e da “ESECS” com 18 estudantes (22%). As restantes escolas “ESTM” e “ESAD” apresentam poucas respostas: 6 (7,3%) e 3 (3,7%), respetivamente. Ainda assim, acreditamos que o número de inquéritos obtido, permite continuar com o nosso trabalho, pois recolhemos um número significativo de respostas, em geral. Além disso, e apesar de termos distribuído os nossos dados por cada uma das escolas, tivemos em conta que o nosso objetivo era analisar as práticas culturais do Instituto Politécnico de Leiria, como um todo. Desta forma, acreditamos que o número de respostas angariado, representa uma amostra suficiente do todo do IPLeia.

Ciclo de estudos

		Frequência	Percentagem
Válido	Licenciatura	71	86,6
	Mestrado	11	13,4
	Total	82	100,0

Tabela 4 - Ciclo de estudos

Fonte: Autor

Quanto ao ciclo de estudos que os estudantes frequentam, a “**Licenciatura**” foi o mais referido – 71 discentes (86,6%), comparando com o “**Mestrado**” – 11 alunos (13,4%). A nível geral, as Licenciaturas são também o ciclo de estudo mais representativo no IPLeiria.

Estudante deslocado

		Frequência	Percentagem
Válido	Não	28	34,1
	Sim	54	65,9
	Total	82	100,0

Tabela 5 – Proporção estudantes deslocados

Fonte: Autor

Quando questionados sobre a situação habitacional, 54 dos estudantes indicaram ser “**deslocados**” (65,9%), face a 28 de alunos (34,1%) que continuam a residir na sua

habitação habitual, não tendo necessidade de se mudar para outra localidade para frequentar o Ensino Superior e as atividades letivas que daí decorrem.

Como referido no Capítulo 2, a existência de várias escolas superiores distribuídas pelo território leiriense assume uma importância significativa no que diz respeito à promoção da equidade no acesso ao Ensino Superior. A possibilidade de frequentar uma instituição próxima da residência familiar permite a muitos estudantes optar por continuar a viver com os seus familiares, evitando, assim, encargos associados como o pagamento de rendas, constituído um fator determinante para a redução das desigualdades económicas e geográficas no acesso ao Ensino Superior.

Para além disso, o alívio dos custos elevados com alojamento e despesas associadas, pode oferecer uma maior margem financeira aos estudantes, para investir em outras dimensões do seu percurso académico, como a participação em atividades culturais ou científicas, contribuindo assim para a formação pessoal e social dos estudantes.

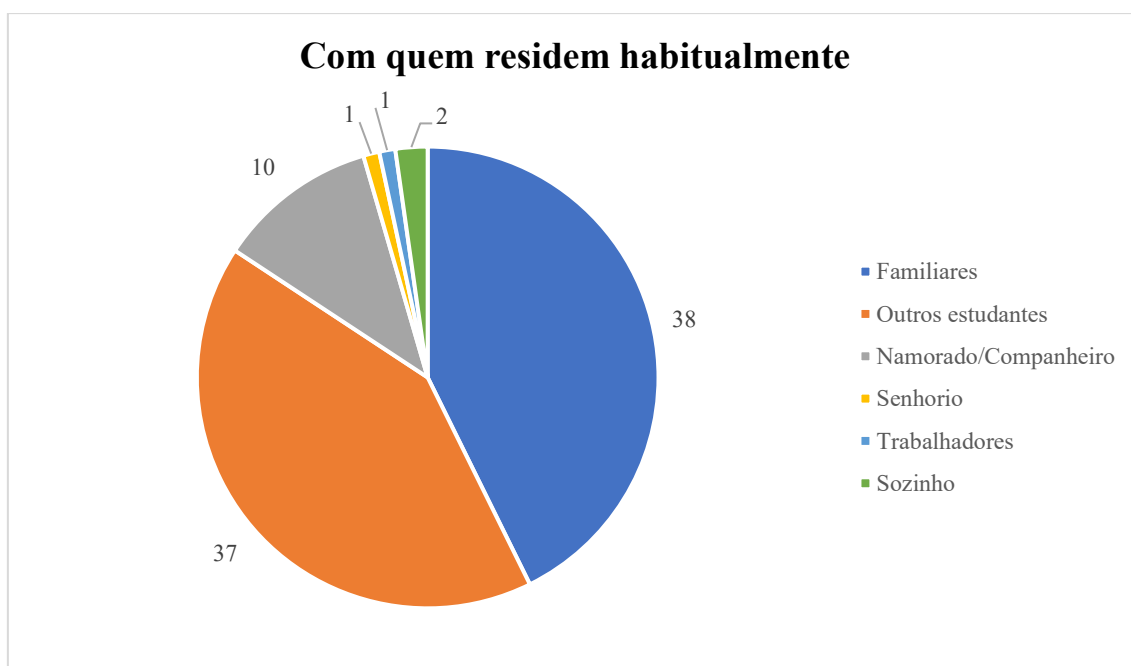


Gráfico 1 - Distribuição por tipo de convivência habitacional

Fonte: Autor

A questão em análise permitia a existência de respostas múltiplas, ou seja, os inquiridos podiam selecionar mais do que uma opção para descrever com quem residem

habitualmente. Após a decomposição das combinações de respostas, foram contabilizadas as frequências de cada opção individualmente.

O gráfico apresentado ilustra a frequência com que cada categoria de convivência foi mencionada pelos inquiridos. A categoria “**Familiares**” foi a mais referida, com 38 respostas. Segue-se a opção “**Outros estudantes**”, mencionada 37 vezes, refletindo um padrão habitual em contextos académicos, como residências universitárias ou a partilha de casa.

A opção “**Namorado/Companheiro**” foi assinalada 10 vezes, revelando uma menor, mas ainda assim significativa, incidência de coabitação com parceiro(a). As restantes categorias (“**Sozinho**”, “**Senhorio**” e “**Trabalhadores**”) foram também mencionadas, ainda que de forma pouco significativa.

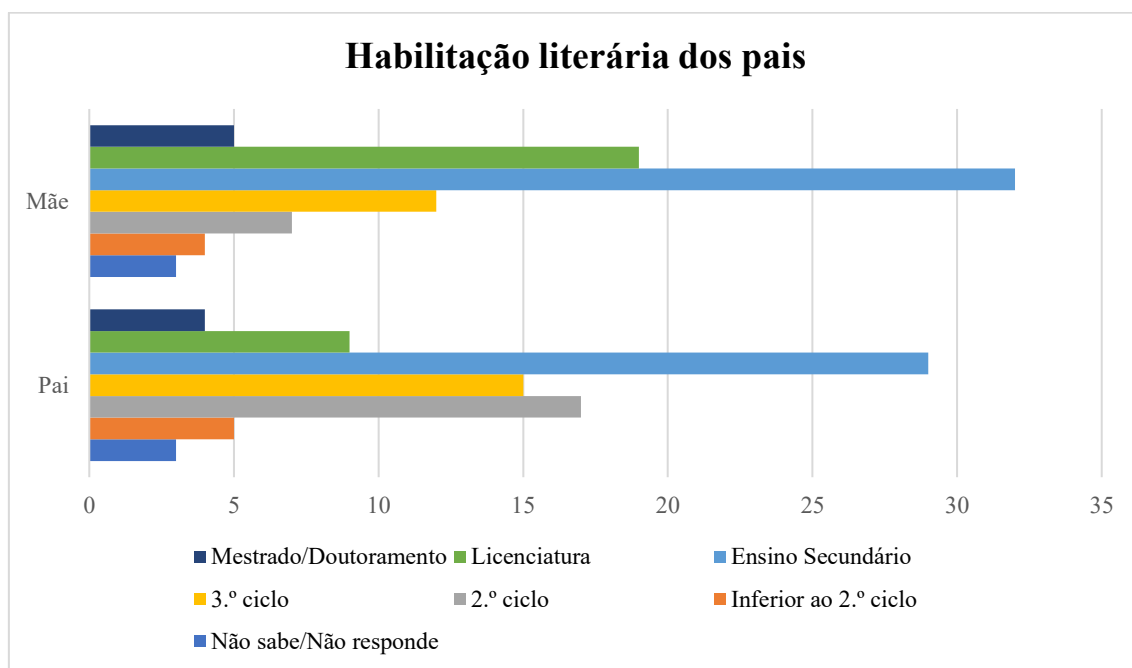


Gráfico 2 - Habilitações literárias dos pais

Fonte: Autor

O gráfico, que se pode observar acima, evidencia que a maioria dos pais e mães, dos estudantes inquiridos, tem como habilitação máxima o “**Ensino Secundário**”, seguido pela “**Licenciatura**”. No entanto, é visível uma diferença entre os níveis de escolaridade

das mães e dos pais: uma proporção relevante das mães completou o “**3.º ciclo do ensino básico**” (cerca de 14%), valor superior nos pais. O “**Ensino Secundário**” é o nível de escolaridade mais frequente em ambos os casos, mas ligeiramente mais expressivo nas mães. A “**Licenciatura**” aparece em ambos os casos com alguma representatividade, sendo ligeiramente mais comum entre as mães do que entre os pais. O número de pais e mães com habilitações superiores a Licenciatura (**Mestrado/Doutoramento**) é bastante reduzido, mas ainda assim existente, na amostra estudada.

Uma percentagem pequena dos inquiridos não soube ou não respondeu à questão, o que também está sinalizado no gráfico.

Além disso, a presença de níveis de escolaridade baixos, como “**Inferior ao 2.º ciclo**” ou apenas o “**2.º ciclo**”, continua a ser visível, embora com menor expressão, mostrando que existe ainda uma herança geracional com menor escolarização, mais acentuado nos pais. De um modo geral, segundo os dados recolhidos, são as mulheres que têm uma escolaridade mais elevada, sobretudo a nível do Ensino Secundário e da Licenciatura.

Acesso a bens culturais na infância

		Frequência	Percentagem
Válido	Não	2	2,4
	Sim	80	97,6
	Total	82	100,0

Tabela 6 - Acesso a bens culturais na infância

Fonte: Autor

A Tabela 6 apresenta os dados referentes ao acesso a bens culturais na infância, dos estudantes inquiridos. Observa-se que a grande maioria daqueles que responderam - 97,6% - afirmou ter **tido acesso a esse tipo de recurso** durante a infância, **contra** 2,4%. Este resultado indica um cenário muito positivo no que diz respeito à inserção cultural dos participantes. Este número elevado, pode estar associado a fatores como o contexto socioeconómico, políticas públicas de incentivo à cultura, nomeadamente nos currículos

escolares, ou ao ambiente familiar e cultural associado. Desempenhado um papel fundamental na construção do capital cultural das crianças, que fará parte da sua trajetória temporal, influenciando o seu percurso escolar e social (Bourdieu, 1989).

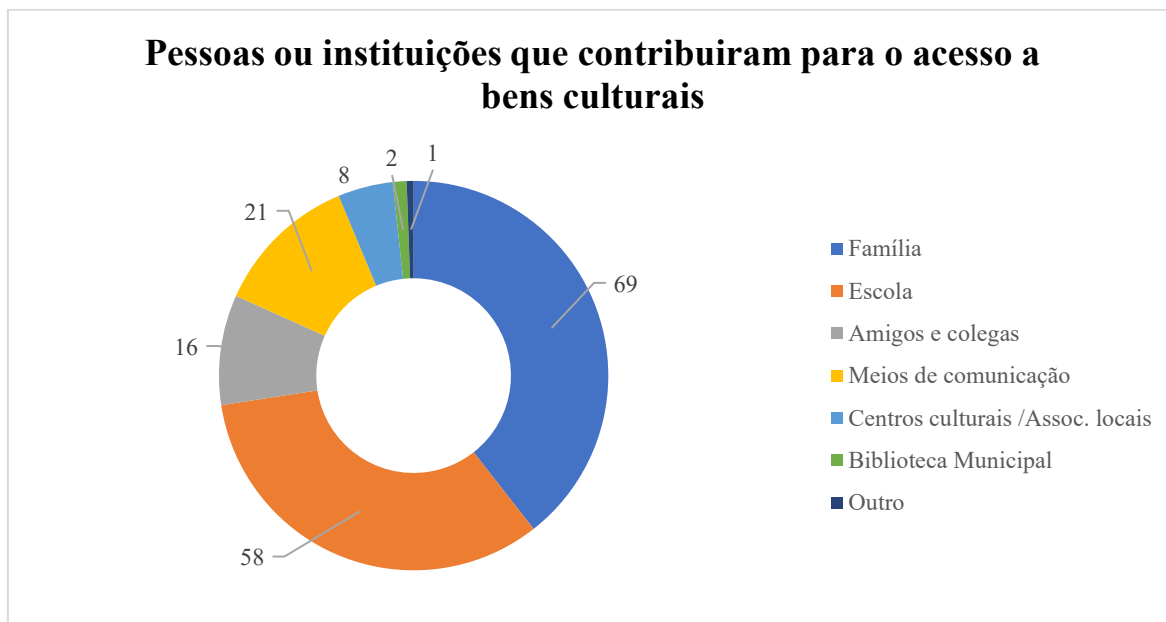


Gráfico 3 – Pessoas ou instituições que contribuíram para o acesso a bens culturais

Fonte: Autor

A questão em análise *Fatores ou pessoas que contribuíram para o acesso a bens culturais* permitia respostas múltiplas, possibilitando aos inquiridos assinalar todos os fatores ou pessoas que contribuíram para o seu acesso a bens culturais durante a infância.

Assim de acordo com os dados apresentados pelo gráfico 3, constatou-se que “**Família**” foi, fundamentalmente, o principal agente promotor de acesso a bens culturais na infância, tendo sido mencionada 66 vezes. Segue-se a “**Escola**”, referida por 55 entrevistados. Constatamos que os grupos familiar e escolar demonstram grande relevância enquanto espaços de formação cultural através de familiares, em casa e de professores, visitas de estudo e atividades extracurriculares, na escola.

Num estudo desenvolvido por Cazzeli (2005), constatou-se que, no que diz respeito à prática de visita a museus, a escola não só incentiva o acesso à cultura, como promove a igualdade dos cidadãos, independentemente do seu estatuto socioeconómico. Cazzeli (2005), concluiu que as escolas públicas têm um papel nivelador e de redistribuição no Brasil, no que diz respeito à promoção do acesso aos bens culturais. Ou seja, “promovem

equidade, uma vez que o número médio de instituições museológicas visitadas pelas escolas municipais, com nível socioeconômico baixo ou alto, é maior do que o número médio das escolas particulares de nível socioeconômico baixo. No que se refere ao acesso a museus, não pesa tanto para os alunos pertencer à rede municipal (...)” (Cazzeli, 2005, p. 9).

Os “**Meios de comunicação**” também tiveram um impacto considerável, sendo assinalados 17 vezes, refletindo a importância dos conteúdos culturais acessíveis através da televisão, rádio ou internet, para diversas faixas etárias. “**Amigos e colegas**” (13 respostas) e “**Centros culturais/associações locais**” (8 respostas) surgem como influências adicionais, ainda que menos dominantes. A “**biblioteca municipal**” (2 respostas), foi selecionada por uma minoria. E um dos participantes referiu também a “**Cultura da ilha**”, trazendo à colação a importância das tradições locais.

4.1.2. DADOS ECONÓMICOS

Recolher dados económicos relativos aos participantes do estudo permite compreender de forma mais aprofundada as condições materiais que influenciam o acesso, a frequência e o envolvimento em atividades culturais. Através dessas informações, é possível identificar desigualdades sociais que influenciam diretamente a participação cultural.

Perguntar aos inquiridos se são trabalhadores-estudantes, se usufruem de algum tipo de incentivo económico para estudar e como vivem financeiramente os seus agregados familiares (por exemplo, se enfrentam dificuldades, vivem bem ou com muito conforto) é fundamental no âmbito das atividades culturais, pois permite compreender melhor as condições que favorecem ou limitam o acesso à cultura. A condição económica de um indivíduo ou da sua família tem uma relação direta com a possibilidade de participação em atividades culturais, que muitas vezes envolvem custos com transporte, bilhetes ou tempo disponível.

Saber se os participantes conciliam o trabalho e o estudo, ajuda a identificar a falta de tempo como um obstáculo real à participação cultural. Além disso, os trabalhadores-estudantes geralmente enfrentam uma sobrecarga de responsabilidades que pode dificultar o envolvimento nas práticas culturais, mesmo que gratuitas. Da mesma forma,

indivíduos que vivem em contextos de maior vulnerabilidade económica, podem priorizar necessidades básicas em detrimento do consumo cultural.

Como podemos constatar pelo estudo de Cazzeli (2005), conhecer o contexto socioeconómico dos inquiridos, não só enriquece a análise dos dados, como também pode contribuir para a construção de estratégias mais eficazes de democratização cultural.

Trabalhador-estudante

		Frequência	Percentagem
Válido	Não	61	74,4
	Sim	19	23,2
	Total	82	100,0

Tabela 7 - Trabalhador estudante

Fonte: Autor

No nosso estudo, apresentado na tabela de frequência acima apresentada, 61 estudantes dizem não ser **trabalhadores-estudantes**, contra 19 estudantes que afirmam conciliar o trabalho com os estudos. Este é um fator que tem impacto na dedicação exclusiva à vida académica, o que pode refletir-se nos níveis de disponibilidade e de desempenho escolar, pois cremos que os trabalhadores-estudantes poderão não ter tanto tempo disponível para acesso a bens culturais.

Usufris de algum tipo de incentivo económico enquanto estudante

		Frequência	Percentagem
Válido	Não	49	59,8
	Sim	31	37,8
	Total	82	100,0

Tabela 8 - Incentivo económico

Fonte: Autor

Relativamente aos incentivos económicos para estudantes, como bolsas de estudo, bolsa Erasmus+, ou outras: apenas 31 dos inquiridos “**usufruem**” desse tipo de apoios, enquanto 49 dos inquiridos indicaram “**não beneficiar**” de qualquer apoio financeiro. O que pode significar, dificuldades no acesso a estes recursos ou desconhecimento sobre os mesmos.

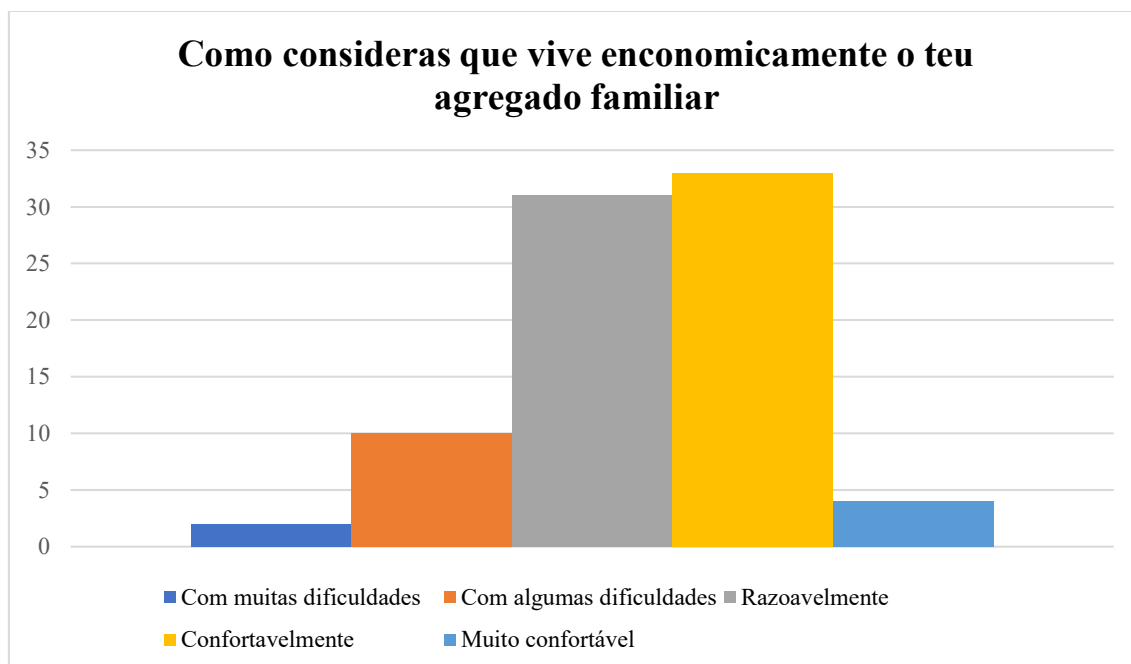


Gráfico 4 - Como vive o agregado familiar

Fonte: Autor

Quando questionados sobre como vive economicamente o seu agregado familiar, nem todos os estudantes optaram por responder, sendo esta uma questão de resposta não obrigatória.

A partir da análise do gráfico elaborado, é possível constatar a predominância das categorias de resposta: “**Razoavelmente**” – 31 respostas e “**Confortavelmente**” – 33 respostas. A categoria “**Com algumas dificuldades**” tem também um valor expressivo, com 10 respostas. As opções extremas: “**Com muitas dificuldades**” e “**Muito confortável**”, tiveram um número pouco significativo de respostas, com 2 e 4, respetivamente.

4.1.3. PRÁTICAS CULTURAIS E FREQUÊNCIA

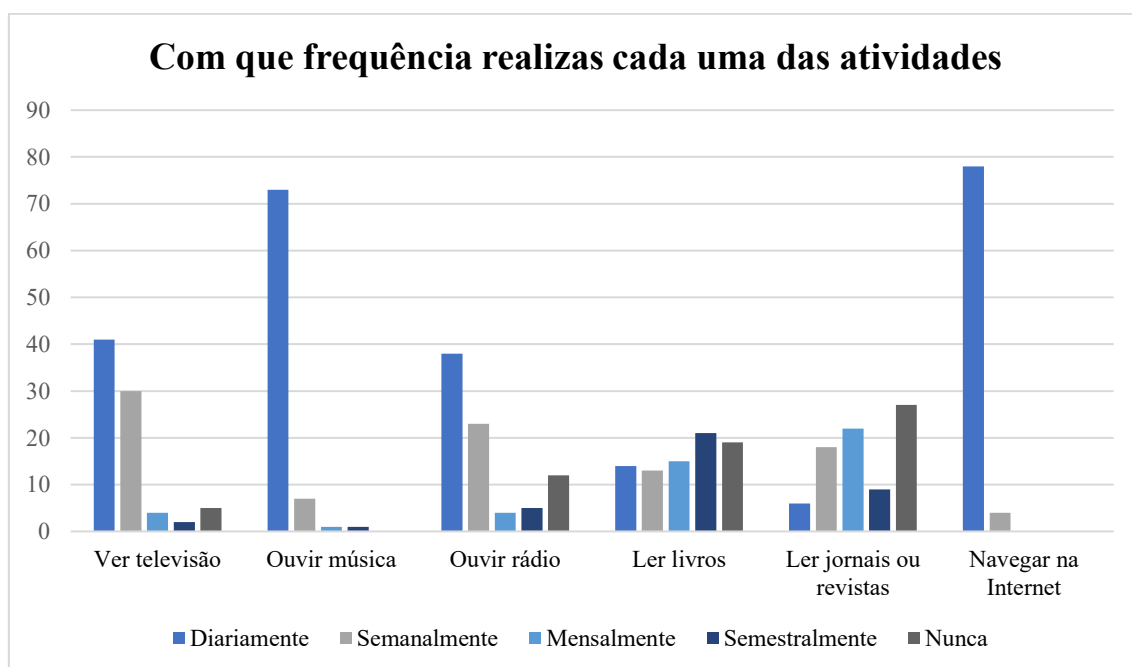


Gráfico 5 - Frequência de realização de atividades

Fonte: Autor

Através da análise do gráfico relativo à frequência com que os estudantes realizam determinadas atividades é possível constatar uma tendência nos hábitos culturais e de lazer. As atividades “**Navegar na Internet**” e “**Ouvir música**” destacam-se como as mais realizadas diariamente, com 78 e 73 respostas, respetivamente, sugerindo uma forte presença da tecnologia e dos meios digitais no quotidiano dos inquiridos. Observa-se uma

preferência marcada pelas formas de entretenimento mais acessíveis, ao alcance do telemóvel.

Já “**Ouvir rádio**” tem uma presença diária também relevante 38 respostas, embora inferior às categorias acima mencionadas, podendo indicar uma utilização mais circunstancial, como durante deslocações no carro ou em ambientes de trabalho. “**Ver televisão**” também apresenta uma frequência diária significativa, com 41 estudantes a indicarem-no como um hábito regular.

No que respeita a “**Ler livros**”, a distribuição das respostas mostra-se mais equilibrada entre as diferentes frequências. O que sugere que, apesar de não ser uma atividade tão frequente como as anteriores, a leitura continua a ser valorizada por uma parte significativa dos inquiridos, embora praticada de forma mais esporádica. No entanto, 19 estudantes referem que *nunca* leram um livro.

“**Ler jornais ou revistas**”, por sua vez, apresenta um número elevado de respostas na categoria *nunca*, ultrapassando as restantes frequências. Este dado reflete uma queda no consumo da imprensa tradicional, substituída pela consulta de notícias avulso através da Internet, o que reforça novamente a tendência para o consumo digital.

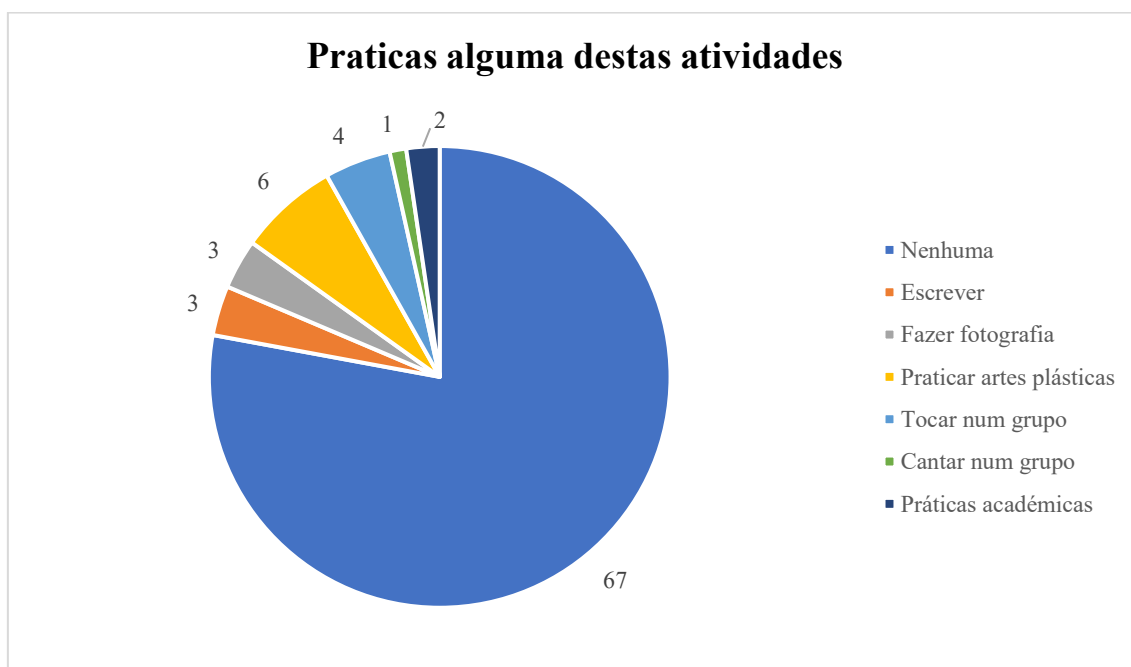


Gráfico 6 - Prática de atividades

Fonte: Autor

Relativamente à prática de determinadas atividades culturais (gráfico 6), a esmagadora maioria dos inquiridos não pratica qualquer uma das atividades mencionadas, no âmbito cultural e artístico – 67 estudantes. A opção “**Praticar artes plásticas**”, incluindo a pintura e o desenho, obteve 6 respostas. A categoria “**Tocar num grupo**” foi escolhida 4 vezes e seguem-se: “**Escrever e Fazer fotografia**”, ambas com 3 respostas. A questão permitia a inclusão de outras opções através de resposta aberta, sendo que alguns estudantes mencionaram atividades como a *praxe* e participação na *tuna*. Por esse motivo, foi criada a categoria “**Práticas académicas**”, com duas respostas.

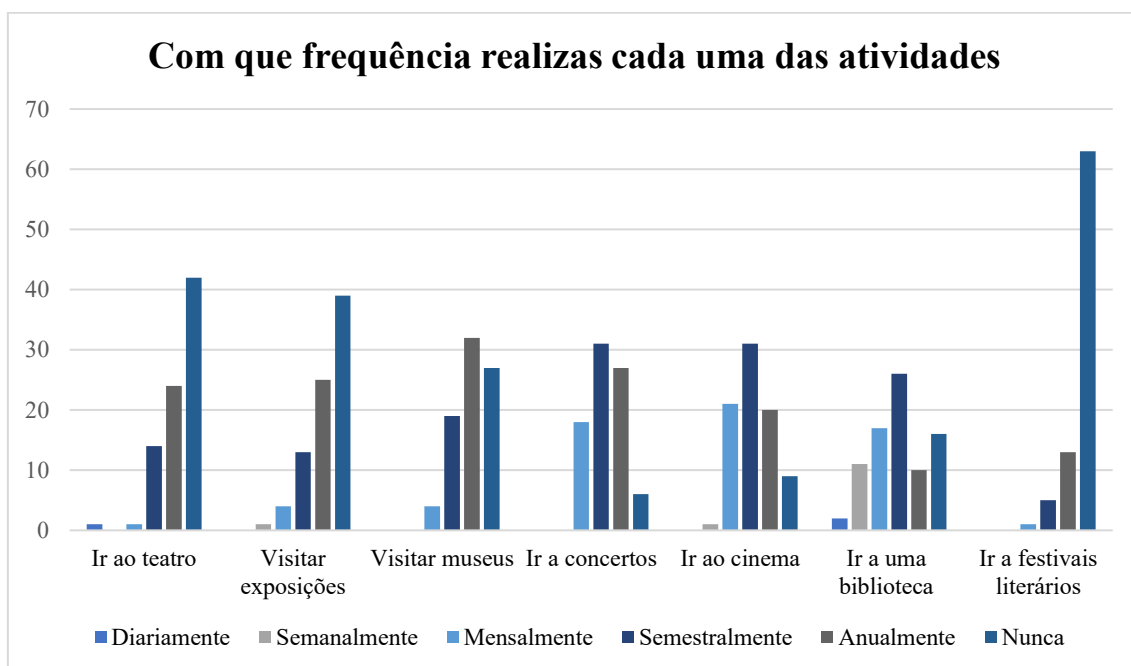


Gráfico 7 - Frequência visita de espaços

Fonte: Autor

Com base na análise do Gráfico 7, relativo à frequência de visita a diferentes espaços culturais, é possível observar padrões distintos no comportamento dos discentes. De forma geral, constata-se que as atividades culturais mais formais, como ir ao teatro, visitar exposições, museus ou festivais literários, são realizadas com pouca regularidade e concentram-se sobretudo nas categorias *anualmente* ou *nunca*.

A visita a “**Festivais literários**” é a atividade com maior número de respostas na categoria *nunca*, ultrapassando as 60 respostas, o que demonstra um reduzido envolvimento neste tipo de eventos. Esta tendência poderá estar relacionada com a menor oferta ou acessibilidade a este tipo de iniciativas, além de, relacionando com a questão anterior, o

interesse pela literatura e pelos livros, não seja o suficiente para os levar a frequentar este tipo de propostas culturais, algo que poderemos explorar melhor em futuros estudos.

Por outro lado, atividades como **“Ir ao cinema”** e **“Ir a concertos/festivais”** apresentam uma maior regularidade, sendo notório um número expressivo de respostas nas categorias *semestralmente* e *anualmente*. **“Ir ao cinema,”** em particular, destaca-se por uma frequência de participação mais equilibrada, com valores relativamente distribuídos entre os que vão *mensalmente*, *semestralmente* e *anualmente*, revelando tratar-se de uma prática cultural mais enraizada.

Por sua vez, **“Ir a bibliotecas”** apresenta uma frequência de utilização mais variada, com destaque para a categoria *mensalmente*, seguida de *semestralmente*. Embora esta não seja uma atividade diária para a maioria, os dados indicam uma utilização mais pontual desses espaços. Para isso, muito contribuem as bibliotecas escolares, neste caso, pertencentes às escolas superiores do IPEiria, servindo como espaço de estudo e procura de conhecimento, mas também promovendo atividades culturais como exposições e seminários.

No que respeita à **“Visita a museus, exposições e ao teatro”**, observa-se uma predominância clara das categorias *anualmente* e *nunca*, revelando que estas práticas são esporádicas e, em alguns casos, inexistentes. Embora haja uma minoria que as realiza *mensal* ou *semestralmente*, a tendência geral é de baixa frequência. Além do interesse reduzido, o acesso a estas práticas é tendencialmente pago, sobretudo nos teatros, onde algumas das peças têm um desconto para jovens e estudantes, mas não a maioria.

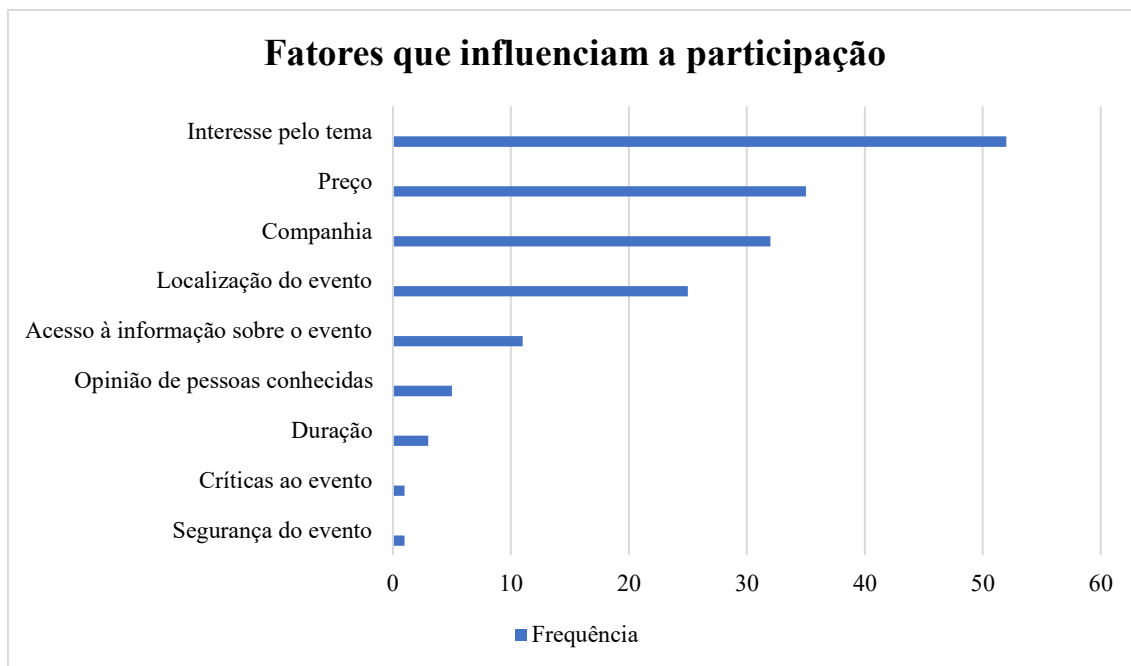


Gráfico 8 - Fatores que influenciam a participação

Fonte: Autor

Através da análise do gráfico supramencionado, é possível identificar os principais elementos que determinam o envolvimento dos estudantes em eventos culturais. Importa referir que esta questão permitia a seleção de múltiplas opções, o que justifica a soma total de respostas superior ao número de participantes.

O fator mais determinante para a participação é o “**Interesse pelo tema**”, referido por mais de 50 participantes, o que demonstra que conteúdo do evento é o principal motor da decisão. Em segundo lugar surge o “**Preço**”, seguido pela “**Companhia**”, ambos com valores na casa das 30 a 35 respostas. Indicando que, além do conteúdo, os aspetos financeiros e sociais têm um peso bastante significativo, reforçando a ideia de que os eventos são muitas vezes condicionados pela acessibilidade económica e vivenciados como atividades partilhadas com o grupo de pares.

A “**Localização do evento**” surge também como um fator de peso, com cerca de 25 referências, refletindo a importância da proximidade geográfica e da facilidade de acesso. O “**Acesso à informação sobre o evento**”, embora menos citado, ainda representa uma variável relevante, sugerindo que a divulgação continua a desempenhar um papel importante na mobilização do público.

Em contraste, fatores como a “**Opinião de pessoas conhecidas**”, a “**Duração do evento**”, “**Críticas**” e a “**Segurança**” foram referidos por um número bastante reduzido de participantes, tendo pouca influência no processo de decisão.

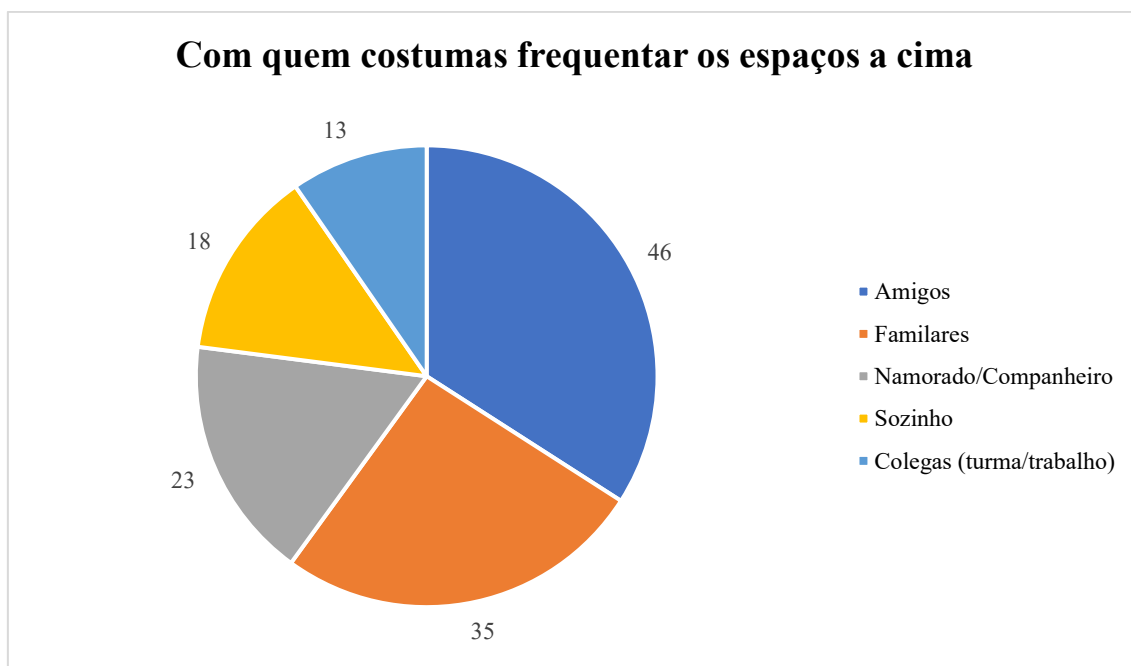


Gráfico 9 - Acompanhamento na participação em eventos culturais

Fonte: Autor

Mais uma vez, era permitida a seleção de várias opções de resposta. Quando questionados sobre com quem frequentam as atividades culturais já mencionadas, os estudantes revelaram fazê-lo maioritariamente com “**Amigos**” – 46 respostas e “**Familiares**” – 35 respostas. Segue-se a opção “**Namorado/Companheiro**”, com 23 respostas. As restantes categorias apresentam valores semelhantes: “**Sozinho**” – 18 respostas e “**Colegas**” – 13 respostas. É possível concluir, a forte influência do grupo de pares na participação dos estudantes em atividades culturais, sendo os amigos a principal companhia mencionada, destacando a importância das relações de amizade no envolvimento cultural, indicando que os inquiridos tendem a valorizar o convívio com os seus pares nas experiências culturais.

Valor médio que estás disposto a pagar por uma atividade cultural

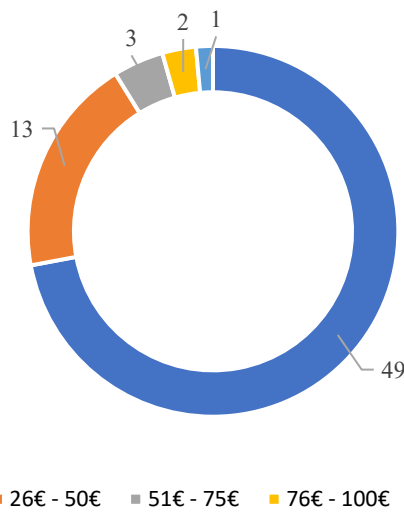


Gráfico 10 - Valor médio atividades culturais

Fonte: Autor

A pergunta em questão permitia uma resposta aberta, no entanto, devido à grande diversidade de respostas obtidas, foi necessário criar intervalos para facilitar a análise.

A generalidade dos estudantes, quando questionado em relação ao valor médio que pretendiam pagar por uma atividade cultural, afirmam que **até 25€** - 49 respostas. O intervalo **26€ - 50€** também é expressivo, com 13 respostas. Os restantes intervalos são pouco significativos. O valor mais repetido foram os **10€** - 18 respostas, seguido de **15€** com 12 respostas. O maior número de respostas situa-se abaixo dos **20€**, inclusive.

Relacionando com o *Gráfico 7 - Frequência visita de espaços*, grandes peças de teatro têm o preço de ingresso muito mais elevado do que o que os estudantes pretendem pagar, por isso a baixa adesão a esse tipo de atividades. É possível constatar, através da análise dos gráficos anteriores, que os estudantes procuram maioritariamente formas de acesso à cultura de baixo custo ou gratuitas.

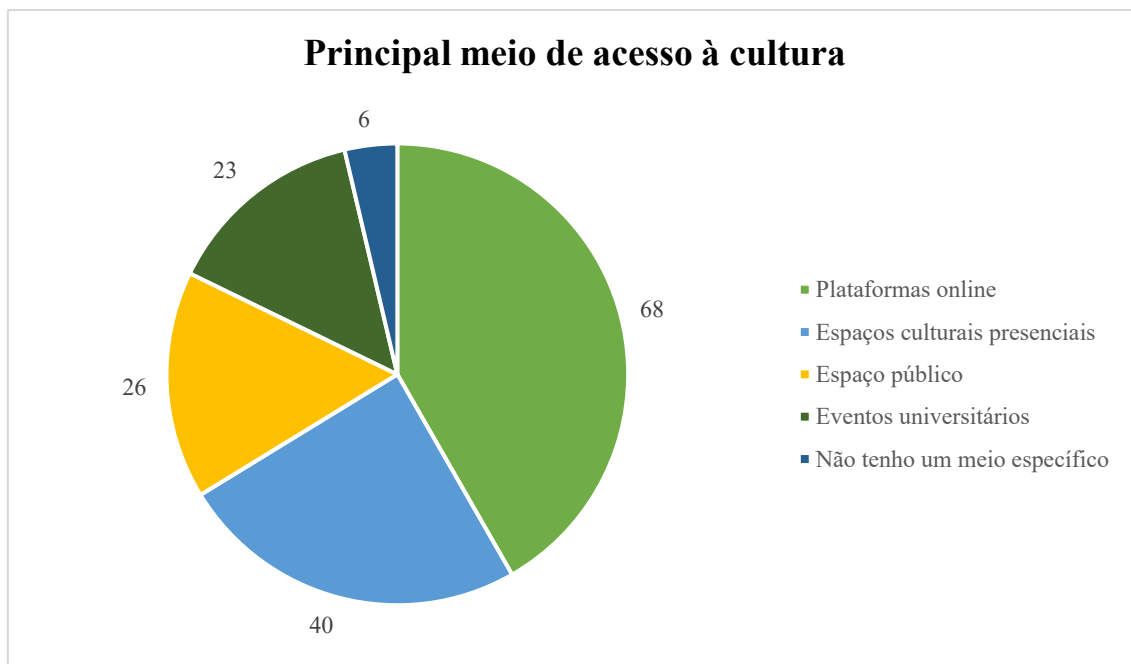


Gráfico 11 - Principal meio de acesso à cultura

Fonte: Autor

O Gráfico 11 mostra que o principal meio de acesso à cultura entre os estudantes são as **Plataformas online (Netflix, Spotify, YouTube)**, 68 vezes selecionadas, o que enfatiza, uma tendência significativa do consumo cultural digital. Em segundo lugar, aparecem os **Espaços culturais presenciais**, com 40 respostas, indicando que, apesar do avanço das tecnologias, o acesso físico à cultura ainda se mantém relevante. Em seguida, têm destaque os **Espaços públicos**, como a arte de rua ou eventos nas cidades – 26 respostas e os **Eventos universitários** (seminários, grupos artísticos) - 23 vezes, também representam formas importantes de vivência cultural, embora de menor escala. Por fim, apenas 6 pessoas afirmaram **não ter um meio específico** de acesso à cultura.

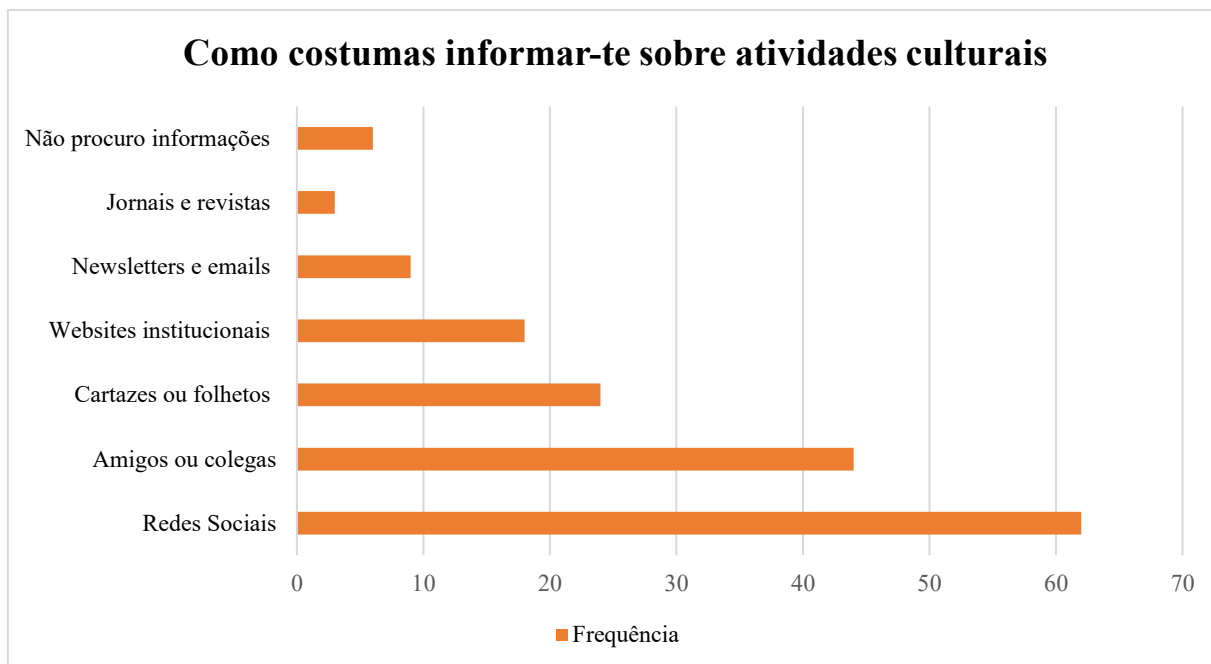


Gráfico 12 - Informações sobre atividades culturais

Fonte: Autor

Através da pergunta: *Como costumamos informar-te sobre atividades culturais* é possível observar os diferentes meios pelos quais os estudantes costumam obter informações sobre eventos e atividades culturais, sendo, mais uma vez, permitida a seleção de múltiplas opções.

A análise do gráfico revela que a principal fonte de informação são as **“Redes sociais”**, com 62 menções, demonstrando uma predominância dessas plataformas na disseminação de informação, nomeadamente sobre eventos culturais. Em segundo lugar, aparece a opção **“Amigos ou colegas”**, com 44 respostas, apontando a influência do grupo de pares e das recomendações pessoais.

Seguem-se os **“Cartazes ou folhetos”** - 24 respostas e os **“Websites institucionais”** – 18 respostas, mostrando que estes meios ainda são relevantes, embora em menor escala. As **“Newsletters e emails”** e os **“Jornais e revistas locais”** obtiveram uma menor frequência, com menos de 10 respostas cada.

Uma pequena parcela dos inquiridos revelou **“não procurar informações”** sobre atividades culturais, sugerindo desinteresse ou baixa participação cultural.

4.1.4. MEDIADORES CULTURAIS

O capítulo que se segue tem como objetivo perceber se os estudantes conhecem a figura do mediador cultural e se sabem o que ela representa. A intenção é avaliar o grau de familiaridade com este conceito e perceber se os inquiridos conhecem o papel deste profissional.

Sabes o que são mediadores culturais

		Frequência	Percentagem
Válido	Não	73	89,0
	Sim	9	11,0
	Total	82	100,0

Tabela 9 - Conhecimento acerca mediadores culturais

Fonte: Autor

Quando questionados sobre o que são mediadores culturais, 89% dos inquiridos selecionou a opção “**Não**” – 73 respostas. Apenas 9 pessoas afirmaram “**ter conhecimento**” sobre este profissional, o que corresponde a 11% do total.

Este resultado, revela um desconhecimento generalizado entre os estudantes relativamente às funções do mediador cultural, apesar da sua importância. Depreendemos que este facto pode estar relacionado com a falta de contacto direto com instituições culturais, por parte dos estudantes, com a escassez de profissionais no terreno, ou com a reduzida visibilidade dos mesmos, na comunicação social e em contextos próximos jovens.

Em que medida consideras que são importantes os mediadores culturais

Facilitam a **comunicação intercultural**

Facilitam o **acesso à cultura** e aos meios culturais.

Porque fazem a **ponte** entre a **oferta cultural** e os **destinatários** dessa oferta.

São importantes na medida em que podem estar **próximos do público** como uma **ponte de ligação** entre as duas margens: a **cultura e a população**. Desta forma, o mediador cultural assume-se como um elo de ligação para promover uma aproximação entre a cultura e a população em geral, **desmistificando** a cultura e tornando-a mais próxima de todos

São importantes para **abrir as portas** da cultura, de maneira a ajudarem na **acessibilidade**.

São o meio de comunicação importante **para que chegue a mais pessoas**

Tabela 10 – Como os mediadores culturais são importantes

Fonte: Autor

A questão apresentada foi de resposta aberta, e não obrigatória, permitindo aos inquiridos expressarem, através das suas palavras, em que medida consideram importantes os mediadores culturais, permitindo perceber se realmente conhecem estas figuras culturais e o que fazem. As respostas em apreço revelam uma perceção bastante positiva e consciente sobre o papel destes profissionais, com ideias bem estruturadas e que se repetem em cada resposta.

Os estudantes identificam os mediadores culturais como “**facilitadores da comunicação intercultural**” e do “**acesso à cultura**”, tanto em termos físicos como simbólicos. A metáfora da *ponte* surge várias vezes, reforçando a ideia da ligação entre a “**oferta cultural**” e os seus “**destinatários/públicos**”. Alguns destacam ainda a proximidade ao público, a capacidade de “**desmistificar**” a cultura e de “**abrir portas**”, tornando-a mais acessível a todos. Há também quem os defina como “**meios de comunicação**” que

ajudam a cultura a “**chegar a mais pessoas**”, reconhecendo os mediadores culturais como agentes da democratização cultural e da inclusão social, em prol da arte e do património.

4.1.5. PERCEÇÃO PESSOAL E VIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Este capítulo tem como objetivo compreender de que forma os jovens inquiridos percecionam os seus próprios hábitos culturais, bem como o grau de satisfação associado às suas práticas culturais atuais. Pretende-se ainda analisar a influência do contexto familiar nas escolhas culturais, bem como perceber se a entrada no Ensino Superior teve um impacto significativo na forma como vivem e valorizam a cultura. Além disso, procura-se refletir sobre o papel que o Instituto Politécnico de Leiria poderá assumir na promoção e dinamização da participação cultural dos seus estudantes, aferindo se os inquiridos consideram que a instituição deveria ter uma intervenção mais ativa neste âmbito.

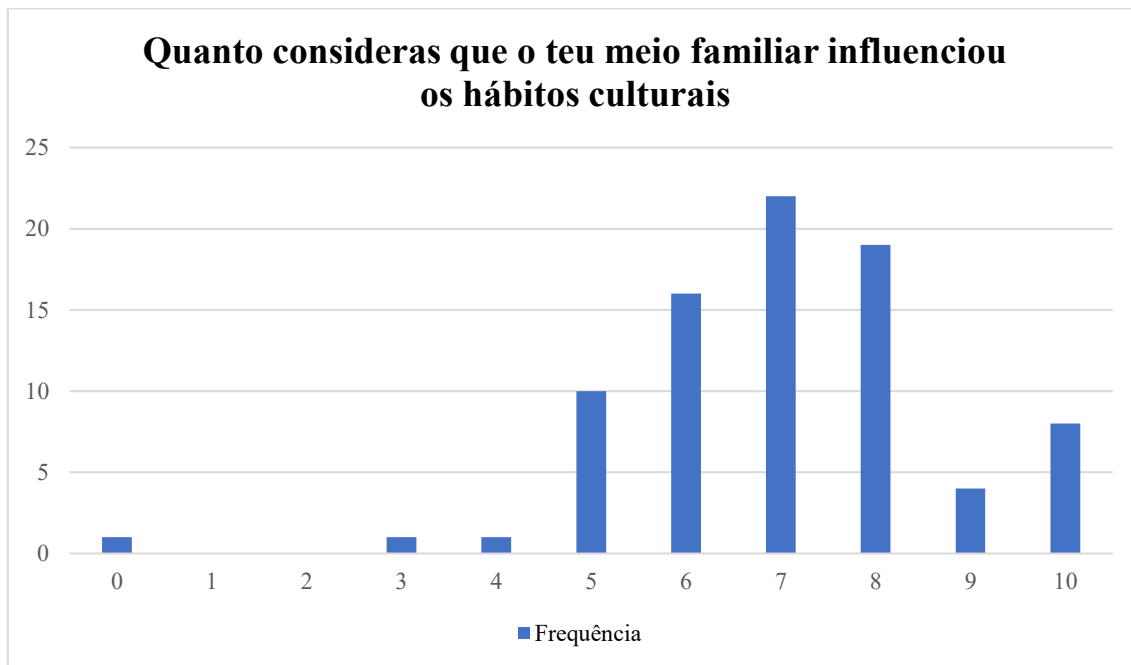


Gráfico 13 - Influência do meio familiar

Fonte: Autor

Numa escala de 0 a 10, foi perguntado aos estudantes: “*Quanto consideras que o teu meio familiar influenciou os teus hábitos culturais?*”. A maioria dos inquiridos selecionou opções de resposta elevadas. A categoria 7, com 22 respostas, seguida das categorias 6 e 8, com 16 e 19 respostas, respetivamente. A média obtida foi de 7.

Apenas uma pequena minoria respondeu com valores muito baixos (entre 0 e 4), apresentando casos pontuais de perceção de pouca ou nenhuma influência familiar.

De modo geral, os estudantes reconhecem que o meio familiar teve um papel relevante na formação dos seus hábitos culturais. A concentração das respostas nos números mais elevados, revela que a família continua a ser um dos principais contextos de socialização, influenciando o modo como se relacionam com a cultura e o tipo de atividades culturais que os jovens consomem ou valorizam.

As práticas culturais modificaram-se depois de entrar no Ensino Superior

		Frequência	Percentagem
Válido	Não	42	51,2
	Sim	40	48,8
	Total	82	100,0

Tabela 11 - Modificação de práticas após entrada no Ensino Superior

Fonte: Autor

Relativamente à perceção da modificação das suas práticas culturais, após a entrada no Ensino Superior, existe uma divisão equilibrada de opiniões: 42 estudantes (51,2%) “**não consideram que as suas práticas tenham alterado**”, com a mudança para um novo ciclo de estudos. Já os restantes 40 estudantes (48,8%), referem ter “**sentido alguma alteração**”.

Essas alterações podem ter sido sentidas de diferentes formas e diferentes níveis. Por isso, questionou-se os estudantes, através de resposta aberta (e não obrigatória), de que modo as suas práticas se alteraram. Obtivemos as seguintes respostas:

De que modo se modificaram

Resposta	Categoria
Aumentou muito mesmo, especialmente a nível musical	Maior participação;
Bom	Maior participação;
Comecei a consumir muita mais literatura e a querer conhecer museus e diferentes sítios	Maior participação; Visão/interesses mais amplos;
Comecei a envolver me mais em práticas sociais na cidade Leiria, visto que propõe diversas atividades anualmente	Visão/interesses mais amplos;
Comecei a frequentar mais eventos culturais	Maior participação;
Comecei a frequentar mais museus	Maior participação;
Deixei de sair tanto desde o início da Licenciatura até agora. Isto também pode estar em grande parte associado a não ter tanto tempo livre como tinha	Menor participação;
Deixei de ter tempo para os eventos culturais	Menor participação;
Frequento mais exposições, procuro mais por eventos e festivais	Maior participação; Visão/interesses mais amplos;
Mais interesse em participar de palestras	Maior participação;

	Visão/interesses mais amplos;
Mais sentido crítico	Pensamento crítico;
O crescimento pessoal influenciou o meu interesse por diversas culturas, a mudança da mentalidade que advêm desse crescimento também me desperta para outros interesses e para a valorização de coisas diferentes	Pensamento crítico; Visão/interesses mais amplos;
Pelo mais espectro e diversidade das práticas culturais.	Maior participação; Visão/interesses mais amplos
Preferência de temas e disponibilidade de horários	Maior disponibilidade;
Procuro mais todo o tipo de informação cultural para ser uma pessoa mais culta e informada	Visão/Interesses mais amplos;
São mais regulares	Maior participação;
Tive mais tempo e liberdade para encontrar algo a acontecer na rua e ficar a assistir, por exemplo. Há também mais atividades e divulgação das mesmas	Maior participação; Maior disponibilidade;
Visão mais ampla da cultura numa cidade com maior visibilidade para a arte e cultura, visto que estudei nas Caldas da Rainha	Pensamento crítico; Visão/Interesses mais amplos;
Vou a mais museus e bibliotecas	Maior participação;

Tabela 12 - Modo de modificação das práticas

Fonte: Autor

As respostas dos estudantes revelam uma tendência para o **“aumento da participação”** em atividades culturais após a entrada no Ensino Superior. Muitos referem ter começado a frequentar mais eventos culturais, museus e bibliotecas, como se observa nas expressões: *“Aumentou muito mesmo, especialmente a nível musical”* ou *“Comecei a frequentar mais eventos culturais”*, podendo estar associado a um maior acesso a ofertas culturais nas cidades universitárias, em alguns casos, capitais de distrito.

Além do aumento da frequência, nota-se também um **“alargamento de interesses e maior visão cultural”**. Frases como *“Comecei a consumir muita mais literatura e a querer conhecer museus e diferentes sítios”* e *“Procuro mais todo o tipo de informação cultural para ser uma pessoa mais culta e informada”*, indicam diversificação nas práticas culturais, motivada pela curiosidade intelectual e pelo ambiente académico, que promove o contacto com novas perspetivas e experiências, sejam sociais ou culturais.

Outro aspeto recorrente nas respostas é o **“desenvolvimento do pensamento crítico”**. Alguns estudantes mencionam que a experiência universitária contribuiu para uma mudança de mentalidade e valorização das experiências culturais. Exemplo disso é a afirmação: *“O crescimento pessoal influenciou o meu interesse por diversas culturas, a mudança da mentalidade que advém desse crescimento”*, sugerindo que a entrada no Ensino Superior, não só aumenta a exposição a atividades culturais, mas também fortalece a capacidade de análise e reflexão sobre elas.

No entanto, nem todos os estudantes relatam um aumento da participação cultural. Algumas respostas indicam uma diminuição, justificada principalmente pela falta de tempo. Afirmações como: *“Deixei de sair tanto desde o início da Licenciatura até agora. Isto também pode estar em grande parte associado a não ter tanto tempo livre como tinha”* revelam que a vida escolar e académica pode, para alguns, limitar o envolvimento cultural, apesar do interesse.

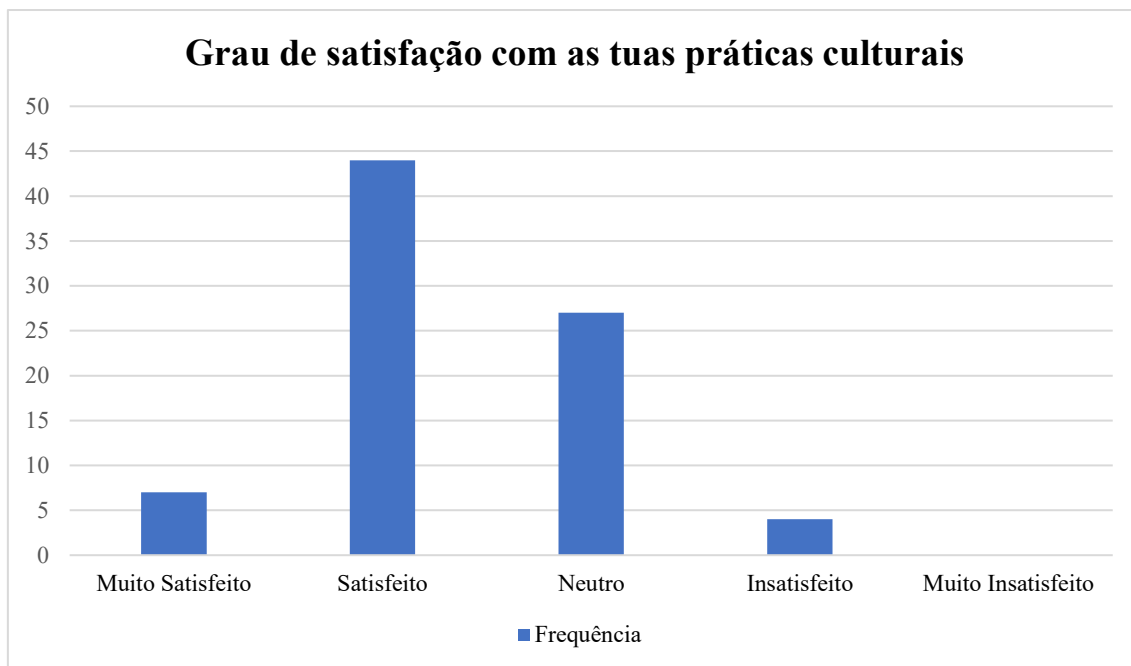


Gráfico 14 - Grau de satisfação com as práticas culturais

Fonte: Autor

Relativamente ao grau de satisfação com as suas práticas culturais, a maioria dos estudantes inquiridos demonstra estar satisfeito com os seus hábitos culturais e artísticos. O gráfico 14 revela que a opção “**Satisfeito**” foi a mais assinalada, com 44 respostas, seguida da opção “**Neutro**”, com 27 respostas, o que indica que uma parte considerável dos estudantes se encontram numa posição neutra, possivelmente refletindo indiferença em relação às suas práticas culturais.

A opção “**Muito Satisfeito**” surge com menor expressão - 7 respostas, embora ainda relevante, o que reforça a tendência positiva. Por outro lado, as opções “**Insatisfeito**” - 4 respostas - e “**Muito Insatisfeito**” - 0 respostas - apresentam valores residuais, o que significa que apenas uma minoria dos estudantes manifesta descontentamento.

Conclui-se que, de forma geral, os estudantes mostram-se satisfeitos com as suas práticas culturais, apesar de os resultados obtidos nas questões anteriores não serem animadores, havendo ainda espaço para uma maior valorização e participação cultural.

O IPEiria devia ter um papel ativo na promoção das práticas culturais

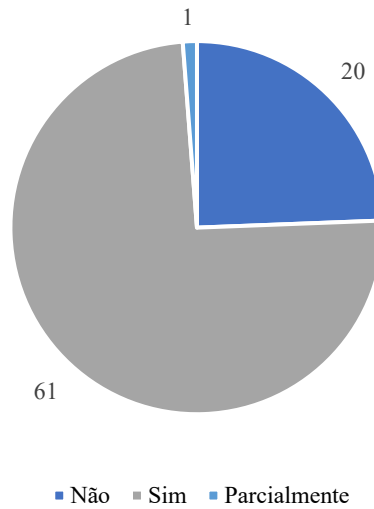


Gráfico 15 - IPEiria e promoção das práticas culturais

Fonte: Autor

Quanto ao papel do IPEiria na promoção das práticas culturais, é possível observar uma opinião consensual entre os estudantes. A maioria expressiva dos inquiridos - 61 estudantes - considera que “**Sim**”, o Instituto Politécnico de Leiria deveria ter um papel mais ativo na promoção das práticas culturais. Em contraste, apenas 20 estudantes responderam “**Não**”, considerando que a instituição não deveria ter esse papel. Apenas um estudante respondeu “**Parcialmente**”.

A esmagadora maioria reconhece que o IPEiria deveria fazer mais para o desenvolvimento e promoção de atividades culturais e para a criação de condições que incentivem a participação e o envolvimento dos estudantes nestas atividades. Além disso, pode refletir a percepção de que, atualmente, o papel institucional do IPEiria, nesta área, é ainda limitado ou pouco visível aos olhos dos estudantes.

Na tua opinião, o que poderia ser feito para aumentar o envolvimento dos estudantes em atividades culturais

Resposta	Tema principal
A existência de um mediador cultural no IPLeiria	Mediador cultural;
Ajustar alguns horários letivos de forma a que os alunos tenham maior disponibilidade e disposição para participar ativamente nas atividades.	Organização institucional – alteração de horários;
Assuntos atuais e relevantes de interesse dos jovens	Temáticas culturais ajustadas;
Atividades de valores mais reduzidos	Preços;
Disponibilizar e divulgar mais eventos culturais acessíveis para os estudantes e que despertem o interesse dos mesmos	Mais divulgação; Temáticas culturais ajustadas;
Eventos mais de acordo com os interesses atuais dos alunos	Temáticas culturais ajustadas;
Eventos que mostrem e englobem a cultura portuguesa	Temáticas culturais ajustadas;
Incentivos. Maior promoção	Preços; Mais divulgação;
Maior divulgação	Mais divulgação;
Mais atividades	Maior oferta;
Mais atividades culturais envolvendo temas e atividades de interesse em especial para os jovens	Maior oferta;

	Temáticas culturais ajustadas;
Mais divulgação	Mais divulgação;
Mais oferta	Maior oferta;
Mais presença de alunos como autores de trabalhos expostos e a divulgação dos eventos	Alunos como mentores e pioneiros; Mais divulgação;
Partilha de informação	Mais divulgação;
Promover atividades de vários interesses dos estudantes, a preços acessíveis e em horários que não prejudiquem os cursos. Ou integrar estas atividades de modo a que o estudante não tenha de escolher entre ir às aulas e frequentar as atividades	Temáticas culturais ajustadas; Preços; Organização institucional – alteração de horários;
Promover mais atividades, gratuitas para os estudantes, que aconteçam em momentos em que não existem aulas, uma vez que todas as atividades do IPEiria são programadas para dias úteis de manhã ou logo a seguir ao almoço, o que as reserva para um grupo muito restrito de pessoas que nunca engloba estudantes devido ao horário das aulas e ensinos clínicos	Diversidade de atividades; Preço; Acessibilidade às atividades; Organização institucional – alteração de horários;
Promover uma maior oferta até em espaço académico e uma oferta mais acessível para estudantes	Diversidade de atividades;

	Acessibilidade às atividades;
Propostas relacionadas com as Licenciaturas e temas apelativos ao público mais jovem	Oferta relacionada com os cursos; Temáticas culturais ajustadas;
Talvez possam fazer mais questionários aos estudantes para perceberem melhor os seus interesses	Mais estudos à comunidade estudantil – os seus gostos;
Temas que chamassem mais atenção dos alunos	Temáticas culturais ajustadas;
Tornar as atividades culturais mais acessíveis	Acessibilidade às atividades;

Tabela 13 - Ideias para aumento da participação dos jovens

Fonte: Autor

O número de respostas obtido foi bastante animador. Estas evidenciam que os estudantes consideram a “**organização institucional**” um fator determinante para participação nas atividades culturais, referindo a necessidade de “**ajustar os horários letivos**”, de modo a permitir que as atividades ocorram em momentos em que não decorram aulas. Como refere um estudante: “*Promover mais atividades, gratuitas para os estudantes, que aconteçam em momentos em que não existem aulas*”.

Outro ponto destacado é a “**divulgação e comunicação das atividades**”. Muitos alunos sentem que a informação sobre os eventos não chega até eles, sugerindo “*mais divulgação*” ou “*partilha de informação*”.

A “**adequação temática**” das atividades também é frequentemente mencionada. Algumas das respostas sugerem que os eventos devem estar mais alinhados com os

interesses: *“Eventos mais de acordo com os interesses atuais dos alunos”* e *“Propostas relacionadas com as Licenciaturas e temas apelativos ao público mais jovem”*

Além disso, o **“fator económico”** surge também como outro elemento relevante. Alguns estudantes sugerem atividades gratuitas ou com valores reduzidos: *“Atividades de valores mais reduzidos”*, o que mostra que, além da disponibilidade de tempo, os custos podem ser uma barreira à participação.

Por fim, destaca-se a importância da **“participação ativa dos estudantes na construção da oferta cultural”**, como na sugestão de *“mais presença de alunos como autores de trabalhos expostos e a divulgação dos eventos”*, implicando a co-criação de atividades culturais e envolvimento dos próprios alunos como produtores e espetadores.

4.2. PRÁTICAS CULTURAIS DOS ESTUDANTES DO IPLEIRIA: A VISÃO DOS MEDIADORES

Este capítulo apresenta uma análise temática das entrevistas semiestruturadas realizadas. Como mencionado no Capítulo 3, referente à metodologia, as entrevistas foram realizadas presencialmente e no contexto das respetivas instituições, a profissionais da mediação cultural nas cidades de **Leiria** (Banco das Artes – Maria Magalhães), **Caldas da Rainha** (Museu José Malhoa – Nicole Costa) e **Peniche** (Museu Nacional Resistência e Liberdade – Ana Reis). As três mediadoras autorizaram, por meio de consentimento informado, a publicação das entrevistas (modelo disponível no APÊNDICE III).

As entrevistas foram analisadas segundo cinco categorias principais: Experiência e Profissão dos mediadores; Contexto Cultural Local; Práticas Culturais dos Estudantes IPLeiria; Papel dos Mediadores Culturais e Desafios e Propostas. Como referido anteriormente, o guião (Apêndice II), procurou ser o mesmo para todos os mediadores, a fim de poder estabelecer comparações. A metodologia seguiu uma abordagem qualitativa com base na análise de conteúdo, por temas, permitindo identificar padrões de percepção, experiências e práticas. A respetiva transcrição das entrevistas, bem como a sinopse, de cada uma delas encontra-se em Apêndice (APÊNDICES IV a IX).

4.2.1. EXPERIÊNCIA E PROFISSÃO DOS MEDIADORES

A mediação cultural exige conhecimentos profundos no âmbito dos contextos sociais, artísticos e históricos, sendo a formação especializada e a vivência de experiências profissionais elementos fundamentais para o sucesso da mediação. Na prática “encontramos no terreno mediadores com formação adequada, outros sem formação adequada, e ainda mediadores sem formação” (Castelo-Branco, 2023, p.46).

As três trajetórias profissionais dos mediadores que entrevistámos são marcadas pela *reconversão* profissional e pela descoberta da mediação cultural como vocação e área de grande interesse. A mediadora de Leiria, relata ter passado pelas áreas da Arquitetura e Design e Multimédia. Com duas Licenciaturas e um Mestrado em Arquitetura, foi através de uma formação em Animação Turística e Património Cultural, no IEFP, que entrou no Banco das Artes e conseqüentemente, descobriu a mediação cultural, descrevendo-a como uma vocação que lhe deu sentido profissional: “*Isto afinal é tão giro, encontrei mesmo o meu lugar*”. Fez toda a sua formação em Coimbra e no próximo ano letivo iniciará um novo Mestrado.

A mediadora de Peniche, referiu não ter formação académica em mediação cultural “*eu não sou formada em mediação cultural*”. Licenciada em Educação de Infância e Mestre em Comunicação Acessível, fez toda a sua formação no IPLeiria. Foi com a abertura do Museu Nacional Resistência e Liberdade, que faz a mudança na sua vida profissional: “*passagem da educação para a cultura, portanto, a cultura para mim começa a ser conhecida aqui no Museu Nacional*” e após a mudança profissional: “*depois de entrar no Museu fui tirando muitas formações relacionadas com a sociomuseologia*“. Através da experiência no Museu, desenvolveu uma prática centrada na comunidade, defendendo que “*o que me move é o trabalho entre o Museu e a sociedade*”.

Já a mediadora de Caldas da Rainha, relata uma experiência semelhante: formada em Desenho e licenciada para o ensino, apaixonou-se pela mediação durante um estágio num museu no Brasil: “*nesse processo de estágio neste museu, eu encantei-me, fiquei assim «Ah, meu Deus, é isso que eu quero fazer»*”. Mestre e doutorada em Antropologia, com Especialização em Arte e Educação, tem investido continuamente em formações: “*participando de outras atividades formativas, porque eu acredito, que na vida laboral a gente precisa estar em formação contínua, porque a gente sempre tem coisas a*

aprender” e foi através de uma dessas formações que conheceu Portugal: “*vim em Portugal para participar de um curso na Universidade do Porto*”. Fixando-se de forma permanente no país, depois de ter sido selecionada num concurso internacional para a gestão e direção de três museus na Região Oeste.

As três mediadoras que participaram neste estudo, eram mulheres, e como já foi referido são altamente qualificadas, possuindo Mestrados e Doutoramentos em áreas da comunicação, ciências sociais e arquitetura, o que reforça as observações feitas por Martinho (2013) e Ornelas (2020), nos seus estudos: Em Portugal, é uma profissão maioritariamente desempenhada por mulheres e especializada ao nível de Licenciaturas, Mestrados e doutoramentos (Martinho, 2013; Ornelas, 2020), reconhecendo sempre a importância da formação contínua e da atualização de conhecimentos.

O percurso profissional e a formação dos mediadores são elementos importantes nos contextos patrimoniais, uma vez que contribuem significativamente para o desenvolvimento das práticas educativas, interpretativas e de valorização do património. Segundo Castelo-Branco (2023), a mediação é uma atividade profissional que exige uma formação sólida e especializada, devendo o mediador ser “devidamente formado e habilitado” (Castelo-Branco, 2023, p.39). O que significa que deve desenvolver e possuir um conjunto de competências que abrangem diferentes dimensões: ética, científica e técnica.

A componente ética refere-se à necessidade de o mediador atuar com responsabilidade, integridade, respeito pelas pessoas envolvidas e compromisso com os princípios fundamentais da mediação, como a imparcialidade, a escuta ativa e o diálogo. Já a dimensão científica está relacionada com o domínio dos fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam a prática da mediação, incluindo conhecimentos nas áreas do património, comunicação, pedagogia e sociologia, entre outras áreas. Por fim, a competência técnica implica a capacidade de aplicar esses conhecimentos na prática, utilizando ferramentas e estratégias adequadas aos diferentes contextos de mediação e consoante os públicos (Castelo-Branco, 2023).

Além disso, Castelo-Branco (2023) destaca que o mediador deve desenvolver e manter ao longo do tempo, um conjunto de saberes e capacidades que englobam conhecimentos (*saber*), habilidades (*saber fazer*), atitudes (*saber ser*) e comportamentos (*saber estar*).

Elementos que devem ser constantemente aperfeiçoados através da formação contínua. E sublinha ainda que “não conseguimos promover e dignificar a mediação como profissão, se não apostarmos na formação do mediador” (Castelo-Branco, p.47, 2023).

Para Caetano & Freire (2022) os mediadores, além de atuarem em “sistemas hipercomplexos fazem-nos muitas vezes em circunstâncias adversas caracterizadas por desequilíbrios sociais difíceis de ultrapassar” (Caetano & Freire, 2022, p.75). E é neste sentido que necessitam de “um referencial teórico sólido que possam atualizar” (Caetano e Freire, 2022, p. 75) para fazer face às situações e contextos em que intervêm, bem como à sua complexidade.

4.2.2. CONTEXTO CULTURAL LOCAL

As três entrevistadas reconhecem que existe uma oferta cultural diversificada nas suas cidades, mas que a participação dos estudantes ainda é limitada e condicionada. Em Leiria, a mediadora refere que “*o público que vem com frequência ao Banco das Artes é maioritariamente acima dos 50 anos*”, evidenciando a pouca presença do público jovem. Sublinha também que existe uma sobreposição de eventos, especialmente após a pandemia, o que pode criar dispersão da atenção e adesão do público: “*Desde o COVID há um boom de acontecimentos*”. Apesar disso, considera que a cidade tem potencial para captar os jovens, desde que exista mediação eficaz e comunicação adequada.

Em Peniche, a mediadora sublinha o papel do Museu Nacional Resistência e Liberdade como estrutura de ligação entre a comunidade e a memória coletiva: “*O Museu é a sala de estar do território*”. A sua missão é clara: tornar o museu num espaço que seja reconhecido como de todos e para todos. Descreve com orgulho: “*já os estamos a ver a entrar e a trazer a família*”, reforçando o efeito multiplicador da experiência cultural vivida em grupo, através das ações de mediação. Apesar de Peniche ser uma cidade de menor dimensão e com menos visibilidade cultural em relação a Leiria ou Caldas da Rainha, a estratégia do museu tem conseguido alcançar públicos diversos, sobretudo através de projetos de mediação e inclusão ativa, que vão além dos jovens e estudantes.

No contexto das Caldas da Rainha, destaca-se o impacto de eventos icónicos como o *Caldas Late Night*, que mobilizam massivamente a juventude estudantil, sobretudo da

ESAD: “*eu acho que é algo assim surreal de mobilização. A cidade fica cheia, fica empolvorosa*”. Este é um exemplo de como a programação artística estudantil, quando apoiada pelas instituições, pode atrair públicos jovens e tornar os espaços culturais lugares de referência e pertença. Além disso, a mediadora destaca outras iniciativas como o *Bazar a Noite*, o *Cortém Aldeia Urbana* e os projetos do coletivo *OSSO*, mostrando uma dinâmica cultural ampla e muito viva.

Apesar de estarem inseridas em contextos distintos, há pontos de convergência entre as três mediadoras culturais: todas reconhecem que a cultura deve deixar de ser encarada como uma atividade elitista. Nicole explica que o importante é “*a percepção de que você pode fazer parte desse lugar*”, e Maria sublinha que muitas pessoas (jovens e famílias) dizem “*Ah, não, nós não vamos perceber*”, quando se trata de arte contemporânea. Ana acrescenta que “*agora o Museu abre portas é este derrubar muralhas (...) este dizer que estamos cá (...) entrem*”, desafiando a ideia de que só quem tem capital cultural elevado consome cultura. A cultura, segundo as três, está também nos afetos, na rua, na comunidade e na proximidade com os públicos.

O espaço arquitetônico também foi debatido como um fator relevante para o envolvimento ou distanciamento dos indivíduos. Nicole reflete sobre o impacto da monumentalidade da fachada do Museu José Malhoa: “*a fachada do nosso museu (...) é uma fachada imponente (...) não condiz (...) com o restante*”. Esta observação, interliga-se com a noção de *acessibilidade simbólica* — não basta que a entrada seja gratuita, é preciso que o espaço comunique abertura. Segundo Coelho Netto (2007): “*a grandeza parece destinada a ser apenas contemplada e não vivida. Ao contrário do restrito, que parece estar na escala da intimidade, do conhecido, do tangível e por isso não atemoriza*” (Coelho Netto, 2007. Citado em Alvez, 2013, p.46). Este contraste entre a monumentalidade e a intimidade, nos espaços culturais, revela como até a arquitetura do espaço pode gerar uma sensação de exclusão. No caso do Museu José Malhoa, a discrepância entre a fachada *imponente*, o conteúdo interno, mais acessível, e o local onde se situa o Museu – no centro de um dos principais parques verdes da cidade - gera uma tensão simbólica que pode afetar a percepção do público, sobre se é ou não bem-vindo naquele espaço.

Alves (2013) reforça: “a comunicação que se estabelece entre o objeto arquitetônico e o usuário, tende a conter informações que, além de comunicarem e orientarem o próprio

uso, incitam ainda a construção de outros significados, valores, sentidos e memórias. (Alves, 2013, p.47). O que evidencia que o espaço arquitetónico não é neutro, ele comunica, de forma implícita ou explícita. O que significa que pensar a arquitetura cultural implica também pensar nos públicos.

Ana e Maria asseguram que os seus equipamentos culturais ainda sofrem com a reconversão de funções. Em Leiria refere-se que “*Ainda há pessoas que aqui entram com a perspetiva de perceber como é que estão as suas contas (...) como é que está a sua situação financeira*” – atual Banco das Artes Galeria, antigo Banco de Portugal. Já em Peniche: “*É um Museu Nacional, mas é deles, é da comunidade e eles têm que sentir esse espaço como deles*” – parte integrante da Fortaleza de Peniche, antiga prisão política, atualmente um espaço patrimonializado. Trazendo à colação a premissa de que reconverter um edifício implica mais do que adaptá-lo fisicamente, exige um trabalho de reinterpretação simbólica, vivido e aceite pela comunidade.

O contexto cultural local influencia profundamente as práticas dos estudantes e dos cidadãos que das cidades fazem parte. Cujo contexto pode ser moldado pela forma como os mediadores culturais atuam sobre ele. A presença da ESAD nas Caldas da Rainha, a centralidade histórica e política do Museu em Peniche, ou a proximidade física ao centro urbano de Leiria, revelam diferentes faces do mesmo desafio: como fazer com que a cultura seja, não apenas disponível, mas efetivamente vivida, como elemento do quotidiano.

4.2.3. PRÁTICAS CULTURAIS DOS ESTUDANTES: A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO CULTURAL NO ACESSO À CULTURA

Há consenso entre as entrevistadas de que o envolvimento espontâneo dos estudantes nas práticas culturais é limitado. A mediadora de Leiria aponta que “*(...) tu não ias ver uma peça de teatro sozinha*” e refere que “*(...) que nos visitam com frequência são acima dos 50 anos*”. Ana explica que a medida *Voucher 52* não permite que se conheçam os públicos, devido à falta de registos estatísticos. Ainda assim, numa investigação feita por si, no âmbito do Mestrado, percebeu que “*o público que visitava o Museu era, maioritariamente, público adolescente/jovem, jovem adulto. Verificámos a nível de observação que são pessoas já adultas, maioritariamente ao fim de semana, famílias*”,

contudo não é possível afirmar se o público jovem adulto é estudante do IPLeia. Ainda assim, reforça que “*vêm muitas vezes sem muito interesse e acabam por dizer que querem cá voltar*”, revelando o poder transformador das experiências de mediação. Nicole observa que os estudantes “*vêm mais quando são feitas coisas com eles e para eles*”, e realça a mobilização quando há protagonismo juvenil: “*nós tivemos uma exposição chamada Ânsia, cuja curadoria foi de dois jovens estudantes da ESAD. Então a exposição trouxe hordas, hordas de amigos (...) ela simplesmente tinha lotado, não cabia mais ninguém*”, mas que, mais uma vez, não existem dados estatísticos sobre a frequências dos estudantes universitários ou sobre o público juvenil.

É possível observar que as três instituições reconhecem o papel central da identificação e da pertença simbólica para estimular o interesse dos jovens. A exposição *Ânsia*, nas Caldas, o projeto *JUNTAR.TE* em Leiria e o projeto *Mochila Cultural* em Peniche, são exemplos de como envolver os estudantes diretamente na produção e curadoria de conteúdos culturais pode gerar mais adesão, curiosidade e participação. As três entrevistadas deixam clara a importância e urgência de estratégias que transformem o potencial cultural das cidades em experiências mais concretas, sentidas e apropriadas para os estudantes.

A mediação cultural é, de forma unânime, entendida como o motor da aproximação entre os jovens e as instituições culturais. Cada instituição cultural apresenta diferentes estratégias, que vão desde atividades lúdicas (Leiria), experiências sensoriais (Peniche) até exposições co-criadas (Caldas da Rainha). A mediadora de Leiria, explica que “*converter os assuntos todos numa forma que chegue à pessoa*” é a essência do seu trabalho, enquanto a mediadora de Peniche afirma: “*O mediador pode saber muita coisa, mas se não for empático (...) não alcança nada*”. Já nas Caldas da Rainha, discutimos o conceito de *visita guiada*: “*Sou uma ferrenha defensora da visita mediada*”.

Relativamente às condicionantes sociais, as mediadoras de Leiria e Caldas da Rainha afirmam que os condicionamentos económicos, já não se justificam para a maioria do público: “*Questões económicas aqui não se aplicam, porque é tudo grátis*”; “*A nível económico também agora (...) eu acho que importa menos. É a perceção de que você pode fazer parte desse lugar*”, respetivamente.

A linguagem, o acolhimento e a escuta ativa são elementos valorizados por todas as entrevistadas. Maria sublinha: “(...) *nem com aquele discurso muito discurso dicionário (...) Aquele palavreado que ninguém entende.*” Nicole insiste que “*tem uma de ter empatia enorme (...) a empatia é a base de tudo (...) uma leitura feita por um especialista em história da arte (...) vai ser uma leitura, e que a leitura feita é pelo jovem estudante é outra (...) leitura feita pelo senhor ou pela senhora que trabalha na feira é outra leitura e que uma não é mais importante que a outra, são leituras a partir de diferentes óticas*” Ana salienta que “*Quando vou fazer uma mediação (...) vou todos os dias com duas coisas que são a flexibilidade e a escuta ativa*”

4.2.4. DESAFIOS E PROPOSTAS PARA FACILITAR O ACESSO À CULTURA DOS ESTUDANTES DO IPLEIRIA

As três entrevistadas apontam como principais obstáculos: a escassez de recursos humanos, a dificuldade em sistematizar mais dados sobre os públicos e as suas características, nomeadamente o público jovem, a falta de ligação entre as instituições culturais e instituições educativas, o reforço dos serviços educativos e a pouca divulgação relativamente ao que acontece dentro dos equipamentos culturais. Maria desabafa: “*A equipa são duas pessoas (...) gostava de ter mais gente*”, por sua vez, Ana reforça: “*O serviço educativo é uma pessoa*” e Nicole destaca: “*o museu não possui um serviço educativo instituído, o que para mim é uma grande pena e um próximo desafio*”.

Há também uma crítica transversal ao que consideram ser perceções elitistas em relação cultura e à arquitetura dos museus. A mediadora de Caldas da Rainha, fala na fachada do Museu José Malhoa como um possível fator de distanciamento: “*é uma fachada imponente (...) não condiz*”. Por outro lado, todas propõem soluções simples, mas eficazes: sinalética apelativa, dinamização de visitas e atividades, integração de jovens nas equipas. Ana explica “*(...) têm que sentir esse espaço como deles (...) Com mais pessoas conseguimos alcançar*”. Maria sugere: “*Pôr uma placa a dizer: vem ver uma exposição bué da fixe*”, além de “*aquilo que acaba por ganhar mais destaque são aqueles eventos que eu acho que, na minha opinião, já não precisam de publicidade (...) aquilo que acontece dentro dos espaços fechados, acho que devia de estar mais espelhado cá fora*”. A escuta ativa e o reconhecimento dos jovens como agentes culturais, e não apenas

como público passivo, são aspetos valorizados. Nicole reforça: “*O jovem também pode ouvir um pouquinho mais de quem tem um pouco mais de experiência*”, apelando ao diálogo intergeracional e à colaboração na criação da programação cultural, colocando a responsabilidade cultural nas duas partes, jovens e instituições.

As entrevistas mostram que, apesar das particularidades locais e institucionais, existem pontos em comum entre os testemunhos. Todas reconhecem a importância da mediação cultural como ferramenta para derrubar barreiras, promover o acesso e fomentar o envolvimento da população, sobretudo juvenil. Os projetos descritos, como o *JUNTAR.TE*, *Museu Vai à Cidade*, *A Verdade Dói* ou *Bazar a Noite*, demonstram que quando se aposta na participação, na escuta e na criatividade, o público jovem responde. A empatia, a representação simbólica e a sensação de pertença são os pilares apontados por estas profissionais da cultura e da educação. O compromisso com a acessibilidade cultural e a consciência de um espaço - museus e galerias de arte - comunicantes com a sociedade são elementos que pretendem trabalhar.

5. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Antes de mais, é importante reconhecer que nenhum estudo é definitivo ou isento de limitações. Toda a investigação científica é, por natureza, um processo em constante construção, passível de ser aprofundado, atualizado e aperfeiçoado com o tempo. A presente investigação não foge a essa regra. Ainda que tenha procurado seguir os critérios metodológicos propostos inicialmente, algumas limitações foram inevitáveis e devem ser aqui reconhecidas, quer para a correta interpretação dos resultados obtidos, quer para a orientação e melhoria de futuras investigações.

Uma das limitações mais significativas diz respeito à amostra de mediadores culturais, representantes de instituições culturais, envolvidas no estudo. Verificou-se uma maior disponibilidade por parte de Museus e Galerias de Arte para colaborar com a investigação, nomeadamente através da realização de entrevistas. As Câmaras Municipais das três cidades: Leiria, Caldas da Rainha e Peniche, foram contactadas de igual forma. Apenas uma indicou, de facto, um mediador. E de outra não obtivemos qualquer resposta. Este facto, limitou a diversidade de perspetivas institucionais e de mediação, influenciando em certa medida, a representatividade da amostra.

Outro desafio encontrado relacionou-se com a recolha de dados junto dos estudantes. A taxa de resposta ao questionário foi bastante inferior ao esperado, comprometendo, a robustez estatística da análise pretendida. Apesar de vários esforços para promover a participação – incluindo o envio direto, a partilha em grupos e a divulgação por diferentes canais – a adesão revelou-se baixa. Além disso, não foi possível garantir uma amostra suficientemente diversificada em termos geográficos e institucionais, uma vez que a maioria dos inquiridos provinha de escolas superiores localizadas na cidade de Leiria (ESECS, ESTG e ESSLei).

De igual modo, seria interessante considerar, em estudos futuros, a aplicação dos inquéritos de forma presencial ou até mesmo a realização de um *focus group*. Uma vez que, essas estratégias poderiam permitir uma análise mais aprofundada das respostas, levando a resultados mais ricos e detalhados, com um foco qualitativo. Além disso, a interação direta, tal como aconteceu com as entrevistas aos mediadores, poderia contribuir para desenvolver ou ajustar algumas questões do inquérito.

A escassez de dados estatísticos fornecidos pelas próprias instituições culturais constituiu outra limitação importante. Em particular, a ausência de informação detalhada sobre o número de visitantes por faixa etária, dificultou a análise mais precisa do perfil do público jovem que frequenta os Museus e Galerias de Arte e que usufrui dos serviços de mediação destas instituições. As instituições contactadas não dispunham destes dados o que impossibilitou uma comparação mais objetiva entre os dados institucionais e os resultados do inquérito, sendo possível apenas a comparação com os dados obtidos nas entrevistas.

Em síntese, estas limitações não invalidam os resultados obtidos, mas devem ser consideradas aquando da sua interpretação. Ao mesmo tempo, podem ser repensadas para melhoria da presente investigação ou para investigações futuras, com o objetivo de compreender melhor a relação entre os jovens e a cultura.

CONCLUSÕES

A investigação que concluímos centrou-se na análise das práticas culturais dos estudantes do Instituto Politécnico de Leiria. O objetivo consistia em compreender de que forma essas práticas moldadas por diferentes condicionantes sociais e qual o papel desempenhado pelos mediadores culturais na promoção ou não dessas práticas. Procurou-se, assim, identificar padrões e desigualdades no envolvimento cultural dos estudantes, considerando variáveis como a origem socioeconómica e outros fatores sociais relevantes.

A pesquisa contou com a participação de mediadores culturais das cidades onde se encontram os principais polos do IPEiria - Leiria, Caldas da Rainha e Peniche - e de estudantes das principais unidades orgânicas, inscritos no ano letivo de 2024/2025 em Licenciaturas e Mestrados. Esta investigação orientou-se pela seguinte questão de investigação: *Como são as práticas culturais dos estudantes do IPEiria?* O estudo assumiu a forma de um Estudo de Caso, investigando, de forma mais profunda, as práticas culturais de um grupo específico, no seu contexto social real.

Do ponto de vista teórico, esta investigação dialoga com alguns contributos clássicos, no campo da Sociologia e da Antropologia. Bourdieu (1989) destaca a importância do capital cultural e do *habitus*, na reprodução das desigualdades sociais, enquanto Lahire (2005) introduz a noção de *pluralidade dos habitus*, permitindo compreender que os indivíduos não são homogêneos nas suas práticas, mas sim aglomeradores de diferentes pertenças sociais. No mesmo horizonte, Vieira (1999), sublinha que a identidade pessoal, deve ser entendida como um processo dinâmico, sujeita a metamorfoses e hibridismos, não se limitando apenas à reprodução da cultura herdada, mas uma (re)construção contínua em função das experiências, mobilidade social e contacto com diferentes contextos, numa aproximação epistemológica com a noção de “terceiro instruído” proposta por Michel Serres (1993).

Deste modo, o estudo desenvolvido confirma, que a oferta cultural local, ainda que acessível, não garante, por si só, uma democratização efetiva do consumo cultural, uma vez que as práticas culturais dos sujeitos dependem da articulação entre os capitais económico, cultural e outros, o *habitus* e as trajetórias identitárias, em permanente mutação.

Metodologicamente, a escolha do Estudo de Caso revelou-se pertinente, pois permitiu analisar, com mais detalhe, um contexto específico, sem perder de vista as interações entre as variáveis sociais e as institucionais. Optou-se por uma abordagem mista, combinando métodos qualitativos, através da aplicação de entrevistas, e quantitativos – onde foram usados os inquéritos por questionário.

A combinação entre questionários e entrevistas enriqueceu os resultados: o primeiro, possibilitou identificar tendências gerais no universo estudantil, enquanto as entrevistas ofereceram uma perspetiva mais robusta e subjetiva das experiências dos mediadores e das instituições das quais fazem parte.

Entre os espaços culturais existentes nas cidades, museus e galerias de arte foram os que mais se mostraram disponíveis para colaborar, quer através de contacto direto, quer por recomendação das Câmaras Municipais correspondentes. Do lado dos estudantes, participaram neste estudo 83 indivíduos, num universo de 10.765 alunos.

Os resultados demonstraram que a frequência das práticas culturais não se explica apenas pela oferta disponível ou por fatores económicos. Tal como sublinha a Carta de Porto Santo (2021), persistem barreiras menos tangíveis, relacionadas com o sentido de pertença, o reconhecimento e a legitimidade cultural - mesmo entre públicos com condições de acesso físico e económico. No caso dos estudantes do IPLeiria, verificou-se que, embora exista programação cultural diversificada nas cidades onde estudam, muitas vezes com medidas de gratuidade, a participação não é homogénea. Variáveis como a escolaridade dos pais, o capital cultural de origem, a influência dos pares e a perceção individual relativamente ao espaço cultural, revelaram-se determinantes para o envolvimento, em consonância com estudos anteriores.

Constatou-se ainda que a escolaridade, embora necessária, não é suficiente para garantir o acesso efetivo à cultura. Enquanto os indivíduos com níveis mais baixos de escolaridade tendem a registar menor participação cultural (Pais et al., 2022) o presente estudo sugere que os estudantes com escolaridade mais elevada não apresentam, necessariamente, padrões muito distintos.

Os espaços culturais em apreço, apresentam desafios estruturais, de cariz mais simbólico do que físico, devido à reconversão dos espaços. Em Peniche, a fortaleza amuralhada e antiga prisão política, constitui um polo de atração para visitantes, enquanto em Leiria e

nas Caldas da Rainha os edifícios, de grandes dimensões, no centro das cidades e perto de parques verdes e zonas de lazer, por vezes descontextualizados da malha urbana, parecem criar barreiras à entrada do público.

No que respeita aos mediadores culturais entrevistados - todas mulheres, com formação superior e em constante investimento em formação contínua - evidenciou-se a feminização da área da mediação cultural em Portugal, sobretudo nos museus, confirmando tendências já assinaladas por outros estudos (Martinho, 2013; Ornelas, 2020). Ainda assim, foi comum a referência à escassez de recursos humanos, em particular nos serviços educativos, que constituem o principal ponto de contacto entre os públicos e os espaços culturais.

Do lado dos estudantes, a participação em atividades culturais revelou-se baixa. Os inquiridos apontaram a falta de tempo, as dificuldades económicas e a ausência de temas de interesse como principais motivos para a sua fraca adesão. Museus e teatros foram identificados como os espaços menos frequentados, enquanto atividades relacionadas com música e dança registaram igualmente pouca participação. Contudo, os fatores explicativos vão além dos mencionados: o sentimento de pertença surge, atualmente, como elemento determinante. Os indivíduos tendem a participar em espaços e atividades culturais onde se sentem representados, acolhidos e parte daquele ambiente. Ao perceberem os museus e teatros como espaços simbolicamente distantes, elitistas ou *que não são para elas*, a probabilidade de participação diminui. Não basta existir oferta cultural, é preciso que o público se reveja nela. Além do vínculo simbólico e afetivo com os espaços, temas e linguagens artísticas.

Apesar destas dificuldades, observa-se uma mudança progressiva no panorama museológico e cultural. Esta transformação resulta, em parte, de uma maior sensibilidade de diretores e coordenadores, de incentivos estatais e do desenvolvimento de áreas como a mediação e a sociomuseologia. Nos contextos culturais e artísticos, os mediadores desempenham um papel central: desconstróem preconceitos, aproximam públicos das obras e do património e tornam os espaços mais acessíveis e acolhedores, adaptando as práticas aos diferentes grupos.

A investigação revelou também que a ligação entre o IPLeiria e os espaços culturais é ainda ténue. Embora existam visitas guiadas por parte dos estudantes, enquanto turma,

visitas autónomas e sejam acolhidos alguns estágios curriculares, poucos são os projetos especificamente dirigidos a este público. Com exceção de Caldas da Rainha, onde o Museu José Malhoa já albergou alguns projetos em parceria com a ESAD. Percebeu-se que estes espaços, têm uma programação muito mais destinada ao público escolar, é certo, mas de graus académicos inferiores. Uma parte significativa dos estudantes refere ainda que o IPLeiria poderia ter um papel mais ativo na promoção das práticas culturais. Ainda assim, quando questionados sobre a satisfação relativamente às suas práticas culturais, muitos dos inquiridos revelaram uma posição neutra ou satisfatória, o que pode significar que uma parte considerável dos estudantes se encontra indiferente perante as suas práticas culturais, embora os dados recolhidos indiquem uma grande margem para aumentar a participação.

Os resultados reforçam assim a relevância da mediação cultural como instrumento para a criação de condições de uma participação cultural plena e inclusiva. Mais do que simples locutores, os mediadores culturais atuam como tradutores de culturas, contextos e significados, estabelecendo pontes entre o património e os públicos. Esta função requer escuta ativa, capacidade de adaptação e a criação de ligações entre o conhecimento prévio dos visitantes e as novas referências culturais, que surgirão após a visita mediada.

O cruzamento entre a análise empírica e a reflexão teórica, da presente investigação, demonstrou que a democratização cultural não implica apenas a redução de preços ou a ampliação da oferta. Exige uma política de proximidade, projetos de mediação consistentes e sustentáveis, e sobretudo o envolvimento ativo dos destinatários no desenho e implementação das iniciativas. Só assim, se cumpre uma democracia cultural plena, onde os estudantes deixam de ser recetores passivos e passam a cocriadores de projetos alinhados com as suas vivências e interesses. Esse foi um elemento referido por mediadoras e estudantes, a curadoria partilhada: os estudantes manifestam o desejo de ver conteúdos produzidos por eles próprios ou pelos seus semelhantes, e a si destinados, reconhecendo a importância de participar ativamente na seleção, criação e apresentação dos materiais que integram as atividades culturais.

Em suma, esta dissertação reafirma a cultura enquanto direito e construção social e simbólica. O grande desafio consiste em criar condições para que cada estudante se reconheça como parte legítima e ativa do universo cultural e artístico, com sentido de utilidade e de pertença. Indo muito além das ideias prévias de mera observação das obras

de arte e de um local apenas para elites. Tal como lembra a Carta de Porto Santo (2021), persistem hierarquias cristalizadas no acesso aos bens culturais. Cabe às políticas públicas, às instituições e aos mediadores, encontrar estratégias inclusivas para quebrar essas barreiras.

Este estudo pretende ser, não apenas um retrato das práticas culturais dos estudantes do IPLeiria, mas também um convite à ação, sustentado pela convicção de que a democratização cultural só se cumpre quando todos têm, para além do acesso, voz e lugar na cultura.

Ficou também evidente o potencial do Ensino Superior como mediador entre jovens e cultura. As escolas superiores, os polos de investigação e as bibliotecas escolares, além dos projetos artísticos já existentes, são elementos que promovem a aproximação cultural, especialmente relevante para estudantes deslocados. Neste enquadramento, a ação dos mediadores culturais assume uma importância acrescida: perante a diversidade de origens regionais e socioeconómicas, a missão não é apenas “formar públicos”, mas sim empoderar cidadãos críticos e participativos no domínio patrimonial e artístico.

No que respeita às limitações do estudo, é importante reconhecer que a ausência de dados estatísticos sistemáticos sobre a faixa etária e a situação profissional dos visitantes - em particular dos estudantes - limita a possibilidade de análises mais aprofundadas. Além disso, consideramos que seria relevante aprofundar a perspetiva dos mediadores culturais em outras áreas, que não museológicas, como bibliotecas, centros culturais e associações artísticas, de modo a captar um maior número de perspetivas sobre a mediação, o que poderá ser o ponto de partida para uma nova investigação.

Quanto às implicações práticas, este estudo sugere um conjunto de recomendações: Para o IPLeiria, a criação de parcerias formais com museus e teatros das cidades, onde se inserem os seus polos, poderia fortalecer a ligação entre estudantes e espaços culturais. A implementação de programas de mediação dirigidos especificamente a jovens universitários, com horários adaptados às suas rotinas, também facilitaria a sua participação. Do lado das políticas culturais locais, seria pertinente reforçar os mecanismos de comunicação e divulgação, investindo em plataformas digitais que dialoguem diretamente com a população estudantil. Quanto ao plano nacional, seria

relevante a consolidação de políticas de apoio à mediação cultural, reconhecendo estes profissionais como peças centrais na democratização cultural.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, G. (2013). *ARQUITETURA, LINGUAGEM E PERCEÇÃO EM MUSEUS E CENTROS CULTURAIS CONTEMPORÂNEOS - POLISSEMIAS NO OI FUTURO FLAMENGO* [DISSERTAÇÃO DE MESTRADO NÃO PUBLICADA]. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.
- ANDRÉ, J. M. (2012). *MULTICULTURALIDADE, IDENTIDADES E MISTIÇAGEM: O DIÁLOGO INTERCULTURAL NAS IDEIAS, NAS POLÍTICAS, NAS ARTES E NA RELIGIÃO*. PALIMAGE.
- BARBOSA, A. M., & COUTINHO, R. G. (ORGS.). (2008). *ARTE/EDUCAÇÃO COMO MEDIAÇÃO CULTURAL E SOCIAL*. EDITORA UNESP.
- BOURDIEU, P. (1989). *O PODER SIMBÓLICO*. DIFEL - DIFUSÃO EDITORIAL, LDA.
- BOURDIEU, P. (2001). *RAZÕES PRÁTICAS: SOBRE A TEORIA DA ACÇÃO* (2.^a ED.). CELTA EDITORA.
- BOURDIEU, P., ORTIZ, R. (COMP.), MONTERO, P., & AUZMENDI, A (TRAD.). (1983). *PIERRE BOURDIEU: SOCIOLOGIA*. EDITORA ÁTICA.
- BOURDIEU, P., & DARBEL, A. (2007). *O AMOR PELA ARTE - OS MUSEUS DE ARTE NA EUROPA E SEU PÚBLICO* (2.^a ED.). EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.
- CAETANO, A. P., & FREIRE, I. (2022). A COMPETÊNCIA INTERCULTURAL NA MEDIAÇÃO: UMA ABORDAGEM MULTIDIMENSIONAL. IN *MEDIAÇÃO INTERCULTURAL: FORMAÇÃO, AÇÃO E REFLEXÃO* (PP. 69–82). UMINHO EDITORA.
- CÂMARA MUNICIPAL DE LEIRIA. (2023). *EQUIPAMENTOS CULTURAIS DO MUNICÍPIO COM VISITAS GRATUITAS ALARGADAS A PARTIR DE 23 DE OUTUBRO*. CONSULTADO EM: [HTTPS://WWW.CM-LEIRIA.PT/MUNICIPIO/GABINETE-DE-COMUNICACAO/NOTICIAS/NOTICIA/EQUIPAMENTOS-CULTURAIS-DO-MUNICIPIO-COM-VISITAS-GRATUITAS-ALARGADAS-A-PARTIR-DE-23-DE-OUTUBRO](https://www.cm-leiria.pt/municipio/gabinete-de-comunicacao/noticias/noticia/equipamentos-culturais-do-municipio-com-visitas-gratuitas-alargadas-a-partir-de-23-de-outubro)
- CARVALHO, V. (2025). MESA REDONDA. COMUNICAÇÃO APRESENTADA NA CONFERÊNCIA: *O FUTURO DOS MUSEUS EM COMUNIDADES EM RÁPIDA TRANSFORMAÇÃO*. LEIRIA, 15 DE MAIO.

- CASTELO-BRANCO, M. J. (2023). A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOS MEDIADORES PARA A QUALIDADE DA MEDIAÇÃO. IN *(RE)PENSAR A FORMAÇÃO EM MEDIAÇÃO: CONTRIBUTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS* (pp. 39–48). UMINHO EDITORA.
- CAZZELI, S. (2005). *O PERFIL DAS ESCOLAS E DAS FAMÍLIAS QUE PROMOVEM O ACESSO DOS JOVENS AOS MUSEUS*. CONSULTADO EM: [HTTP://ANTIGO.CASARUIBARBOSA.GOV.BR/DADOS/DOC/PALESTRAS/MEMO_INFO/MI_2006/FCRB_MEMORIAINFORMACAO_SIBELECAZZELLI.PDF](http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/doc/palestras/memo_info/mi_2006/fcrb_memoriainformacao_sibelecazzelli.pdf)
- CCISP. (2019). *O IMPACTO ECONÓMICO DOS INSTITUTOS SUPERIORES POLITÉCNICOS EM PORTUGAL - RESUMO DO ESTUDO*.
- COMISSÃO EUROPEIA: EUROSTAT (2019). *ESTATÍSTICAS DA CULTURA: EDIÇÃO DE 2019*. GABINETE DE PUBLICAÇÕES. CONSULTADO EM: [HTTPS://DATA.EUROPA.EU/DOI/10.2785/118217](https://data.europa.eu/doi/10.2785/118217)
- CONSELHO DA EUROPA (2021). *CARTA DO PORTO SANTO: A CULTURA E A PROMOÇÃO DA DEMOCRACIA – PARA UMA CIDADANIA CULTURAL EUROPEIA*. CONSULTADO EM: [HTTPS://CULTURAPORTUGAL.GOV.PT/MEDIA/9190/PT-CARTA-DO-PORTO-SANTO.PDF](https://culturaportugal.gov.pt/media/9190/pt-carta-do-porto-santo.pdf)
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA (4.^A ED.). (2022). TEXTO EDITORES.
- COSTA, A. (1997). POLÍTICAS CULTURAIS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS. *OBSERVATÓRIO DAS ATIVIDADES CULTURAIS*, (2), 10–14.
- COUTINHO, C. P. (2023). *METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - TEORIA E PRÁTICA* (2.^A ED.). ALMEDINA.
- CUCHE, D. (2006). *A NOÇÃO DE CULTURA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS* (3.^A ED.). FIM DE SÉCULO - EDIÇÕES.
- DIAS, M. I. (1994). *O INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO: PROBLEMAS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS GERAIS*. FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO.

- GARRIGA, C. M. (2020). *ACTUAMOS EN LA CULTURA PARA TRANSFORMAR EL MUNDO. EDUCACIÓN SOCIAL, ACCIÓN CULTURAL Y TRANSFORMACIÓN SOCIAL. RES- REVISTA DE EDUCACIÓN SOCIAL*, (30), 55–74.
- GEERTZ, C. (2008). *A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS*. LCT.
- GHIGLIONE, R. & MATALON, B. (1992). *O INQUÉRITO: TEORIA E PRÁTICA*. CELTA-EDITORIA.
- GIL, A. C. (1991). *MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL* (3.^ª ED.). EDITORA ATLAS.
- GOMES, C., DEBORTOLI, J., & DA SILVA, L. (ORGS.). (2019). *LAZER, PRÁTICAS SOCIAIS E MEDIAÇÃO CULTURAL*. AUTORES ASSOCIADOS.
- GOVERNO DE PORTUGAL. (2023). *MUSEUS E MONUMENTOS GRATUITOS PARA RESIDENTES AOS DOMINGOS E FERIADOS*. CONSULTADO EM: [HTTPS://WWW.PORTUGAL.GOV.PT/PT/GC23/COMUNICACAO/NOTICIA?I=MUSEUS-E-MONUMENTOS-GRATUITOS-PARA-RESIDENTES-AOS-DOMINGOS-E-FERIADOS](https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=museus-e-monumentos-gratuitos-para-residentes-aos-domingos-e-feriados)
- LAHIRE, B. (2005). PATRIMÓNIOS INDIVIDUAIS DE DISPOSIÇÕES - PARA UMA SOCIOLOGIA À ESCALA INDIVIDUAL. *SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS*, (49), 11–42.
- LOPES, J. (2009). DA DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA A UM CONCEITO E PRÁTICA ALTERNATIVOS DE DEMOCRACIA CULTURAL. *SABER & EDUCAR*, 14.
- LOPES, J. (2010). DA CULTURA COMO LOCOMOTIVA DA CIDADE-EMPRESA A UM CONCEITO ALTERNATIVO DE DEMOCRACIA CULTURAL. IN *NOVOS TRILHOS CULTURAIIS - PRÁTICAS E POLÍTICAS* (PP. 51–62). IMPRENSA DE CIÊNCIAS SOCIAIS.
- LOPES, M. S. (COORD.). (2011). *METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO EM ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL. INTERVENÇÃO – ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO CULTURAL*.
- MAGALHÃES, F. (2012). *À PROCURA DE UM LUGAR NA EUROPA: O TERRITÓRIO E O PATRIMÓNIO NOS DISCURSOS SOBRE LEIRIA E AS SUAS REGIÕES*. INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA.

- MAGALHÃES, F. (2017). MEDIADOR SOCIOCULTURAL: PRODUTOR DE SIGNIFICADOS ENTRE A COMUNIDADE, O PATRIMÓNIO CULTURAL E O SEU PÚBLICO. IN VIEIRA, R.; MARQUES, J.; SILVA, P.; VIEIRA, A.; MARGARIDO, C. (ORG.), *CONCEÇÕES E PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E INTERVENÇÃO SOCIAL* (pp. 103–120). AFRONTAMENTO.
- MAGALHÃES, F. (2022). A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL EM MUSEUS E A INCLUSÃO SOCIOCULTURAL. IN *INCLUSÃO SOCIOCULTURAL E INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA* (pp. 185–192). ALMEDINA.
- MARAVALHAS, F. (2022). *EL COMPROMISO DE IMPACTO SOCIAL DE LAS ORGANIZACIONES CULTURALES Y LA DEMOCRACIA CULTURAL: LA FORMULACIÓN DE UNA POLÍTICA CULTURAL EN PORTUGAL* [TRABALHO APRESENTADO NO 10.º ENCUENTRO IBEROAMERICANO DE MUSEOS, CIUDADE DO MÉXICO, MÉXICO].
- MARQUES, J. P. (2005). AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COMO CATALISADOR DA IDENTIDADE REGIONAL. IN VIEIRA, R. (COORD.) *PENSAR A REGIÃO DE LEIRIA*. PORTO: AFRONTAMENTO E PROJECTO IDENTIDADE & DIVERSIDADE, pp.271-278.
- MARTINHO, T. (2013). MEDIADORES CULTURAIS EM PORTUGAL: PERFIS E TRAJETÓRIAS DE UM NOVO GRUPO OCUPACIONAL. *ANÁLISE SOCIAL*, VOL. XLVIII (N.º 207), PP. 422-444.
- MARTINHO, M. H. (2007). *A COMUNICAÇÃO NA SALA DE AULA DE MATEMÁTICA: UM PROJECTO COLABORATIVO COM TRÊS PROFESSORAS DO ENSINO BÁSICO* [TESE DE DOUTORAMENTO NÃO PUBLICADA]. UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE CIÊNCIAS, pp.97-118.
- MONCLÚS, C. (2020). *CULTURA, ANIMACIÓN Y GESTIÓN CULTURAL*. AUTOEDICIÓN LULU: VALÈNCIA, pp. 3-71.
- MOREIRA, A., SÁ, P., & COSTA, A. P. (2021). *REFLEXÕES EM TORNO DE METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO*, VOL. 1. MÉTODOS. UNIVERSIDADE DE AVEIRO.
- NICOLAU, A., ET AL. (2014). O IMPACTO DOS INSTITUTOS POLITÉCNICOS NA ECONOMIA LOCAL: UMA PRIMEIRA REFLEXÃO. CONSELHO COORDENADOR DOS INSTITUTOS SUPERIORES POLITÉCNICOS.

- OCDE (2024). INQUÉRITO ÀS COMPETÊNCIAS DOS ADULTOS 2023 – PANORÂMICA: PORTUGAL. CONSULTADO EM: [HTTPS://WWW.OECD.ORG/CONTENT/DAM/OECD/PT/PUBLICATIONS/REPORTS/2024/12/SURVEY-OF-ADULTS-SKILLS-2023-COUNTRY-NOTES_DF7B4A60/PORTUGAL_BF79257B/3D83066E-PT.PDF](https://www.oecd.org/content/dam/oecd/pt/publications/reports/2024/12/survey-of-adults-skills-2023-country-notes_df7b4a60/portugal_bf79257b/3d83066e-pt.pdf)
- OLIVEIRA, E., & ROSA, E. (2019). REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LAZER E TEMPO LIVRE DE ADOLESCENTES: DUALIDADES SEM DESCOMPASSO. *PSICOLOGIA & SOCIEDADE*, (31).
- PAIS, J., MAGALHÃES, P., & ANTUNES, M. (2022). *PRÁTICAS CULTURAIS DOS PORTUGUESES: INQUÉRITO 2020*. IMPRENSA DE CIÊNCIAS SOCIAIS.
- PIRES, P. (2025). EM LOUVOR DO MEDIADOR CULTURAL. *COFFEEPASTE*. CONSULTADO EM: [HTTPS://WWW.COFFEEPASTE.COM/EN/ARTIGO/EM-LOUVOR-DO-MEDIADOR-CULTURAL/](https://www.coffeepaste.com/en/artigo/em-louvor-do-mediador-cultural/)
- POLITÉCNICO DE LEIRIA (Ed.). (2022). *PLANO DE ATIVIDADES 2022 – POLITÉCNICO DE LEIRIA*.
- POLITÉCNICO DE LEIRIA (Ed.). (2024a). *PLANO DE ATIVIDADES 2023 – POLITÉCNICO DE LEIRIA*.
- POLITÉCNICO DE LEIRIA (Ed.). (2024b). *PLANO DE ATIVIDADES 2025 – POLITÉCNICO DE LEIRIA*.
- QUIVY, R., & CAMPENHOUDT, L. V. (1998). *MANUAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS* (2.^A ED.). GRADIVA.
- REDAÇÃO DN (2019, 4 DE ABRIL). POLITÉCNICO DE LEIRIA ACREDITA QUE ATIVIDADE ECONÓMICA GERADA PODE AUMENTAR. *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*. CONSULTADO EM: [HTTPS://WWW.DN.PT/ARQUIVO/DIARIO-DE-NOTICIAS/POLITECNICO-DE-LEIRIA-ACREDITA-QUE-ATIVIDADE-ECONOMICA-GERADA-PODE-AUMENTAR-10761751.HTML](https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/politecnico-de-leiria-acredita-que-atividade-economica-gerada-pode-aumentar-10761751.html)
- REIS, L., STAREPRAVO, F., CAVICHIOLLI, F. & JÚNIOR, W. (2011). ARTE E CULTURA COMO POSSIBILIDADE PARA O LAZER E A DESPORTIVIDADE. *LICERE* -

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER, 14(1).

- ROCHER, G. (1989). *SOCIOLOGIA GERAL. A AÇÃO SOCIAL*. EDITORIAL PRESENÇA.
- SÁ, C. (2014). MOBILIDADE GEOGRÁFICA E ACESSO AO ENSINO SUPERIOR: PADRÕES E DETERMINANTES. IN *ACESSO AO ENSINO SUPERIOR* (PP. 77–88). FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS.
- SERRANO, G. P. (2008). *ELABORAÇÃO DE PROJETOS SOCIAIS*. PORTO: PORTO EDITORA.
- SERRES, M. (1993). *O TERCEIRO INSTRUÍDO*, LISBOA: INSTITUTO PIAGET.
- SETTONDISSE, M. G. (2010). UMA INTRODUÇÃO A PIERRE BOURDIEU. *CULT*, (128). CONSULTADO EM: [HTTPS://REVISTACULT.UOL.COM.BR/HOME/UMA-INTRODUCAO-A-PIERRE-BOURDIEU/](https://revistacult.uol.com.br/home/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/)
- TYLOR, E. (1871). *PRIMITIVE CULTURE: RESEARCHES INTO THE DEVELOPMENT OF MYTHOLOGY, PHILOSOPHY, RELIGION, ART, AND CUSTOM*, VOL.1. CONSULTADO EM: [HTTPS://DARWIN-ONLINE.ORG.UK/CONVERTED/PDF/1871_TYLOR_PRIMITIVE_CULTURE_CUL-DAR.LIB.635.PDF](https://darwin-online.org.uk/converted/pdf/1871_TYLOR_PRIMITIVE_CULTURE_CUL-DAR.LIB.635.pdf)
- UNESCO (1982). INFORME FINAL: CONFERENCIA MUNDIAL SOBRE LAS POLÍTICAS CULTURALES: MÉXICO. CONSULTADO EM: [HTTPS://DERECHODELACULTURA.ORG/WPCONTENT/UPLOADS/2015/02/D_INF_MUNDIACULT_1982.PDF](https://derechodelacultura.org/wpcontent/uploads/2015/02/D_INF_MUNDIACULT_1982.pdf)
- UNESCO. (2005). *CONVENCIÓN SOBRE LAS PROTECCIÓN Y PROMOCIÓN DE LA DIVERSIDAD DE LAS EXPRESIONES CULTURALES*: PARIS. CONSULTADO EM: [HTTPS://UNESDOC.UNESCO.ORG/ARK:/48223/PF0000142919_SPA/PDF/142919SPA.PDF.MULTI](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000142919_spa/pdf/142919spa.pdf.multi)
- URIARTE, M. & ZDRADEK, A. (2021). MEDIAÇÃO CULTURAL: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS ÉTICO-ESTÉTICOS NA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL. *ETD - EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL*, 23(1), 117–134.
- VICENTE, P. (2012). *ESTUDOS DE MERCADO E DE OPINIÃO - PRINCÍPIOS E APLICAÇÕES DE AMOSTRAGEM*. EDIÇÕES SÍLABO.

- VIEIRA, R. & VIEIRA, A. (2015). IDENTIDADES, APRENDIZAGEM E MEDIAÇÃO INTERCULTURAL: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA. *LINHAS CRÍTICAS*, 21(44), 95-115. CONSULTADO EM: <HTTPS://ICONLINE.IPLEIRIA.PT/BITSTREAM/10400.8/2068/1/IDENTIDADES%2C%20APRENDIZAGEM%20E%20MEDIA%C3%A7%C3%A3O.PDF>
- VIEIRA, R. & VIEIRA, A. (2017). CONSTRUINDO PONTES E TRAVESSIAS: DAS MEDIAÇÕES SOCIAIS À MEDIAÇÃO INTERCULTURAL. *MEDIAÇÕES – REVISTA ONLINE DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL*, VOL. 5 – N.º 1, PP. 44 – 56.
- VIEIRA, R. (1999). IDENTIDADE PESSOAL: A TERCEIRA DIMENSÃO DO SER. *A PÁGINA DA EDUCAÇÃO*, (76). CONSULTADO EM: <HTTPS://WWW.APAGINA.PT/?ABA=7&CAT=76&DOC=7573&MID=2>
- VIEIRA, R., *ET AL.* (2025). MUSEALIZANDO A MEMÓRIA: DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA À UNIVERSIDADE DE LEIRIA E OESTE. IN F. MAGALHÃES, J. C. MARQUES, P. SILVA, A. M. VIEIRA, C. MARGARIDO, R. SANTOS, J. M. TRINDADE. *MUSEUS E PATRIMÓNIO CULTURAL: TRANSIÇÕES E TRANSFORMAÇÕES*. EDIÇÕES AFRONTAMENTO.
- VIEIRA, R., & VIEIRA, A. (2016). *PEDAGOGIA SOCIAL, MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E (TRANS)FORMAÇÕES*. PROFEDIÇÕES.
- VIEIRA, R., *ET AL.* (2024). O INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA: DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES À CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE REGIONAL. IN *ETNOGRAFIA, PATRIMÓNIO E CULTURA* (PP. 269–292). INSTITUTO DE INVESTIGAÇÕES ANTROPOLÓGICAS DE CASTELA E LEÃO.

ANEXOS

ANEXO I

Dados estatísticos IPLeiria

- **Número total de estudantes inscritos em 2024/2025**

Oferta formativa	N.º de cursos	Número de estudantes em 2024/2025
CTeSP	64	1980
Licenciaturas	46	8442
Mestrados	64	2323
Doutoramentos	4	26

Fonte: Portal Acesso a Dados (PAD), consultado a 27.03.2025

- **Distribuição de estudantes por escola/unidade orgânica:**

Escolas	Número de estudantes em 2024/2025*
ESECS	2485
ESTG	6002
ESAD.CR	1598
ESTM	1419
ESSLei	1358

Fonte: Portal Acesso a Dados (PAD), consultado a 23.04.2025

* Somente estudantes de TeSP, Licenciatura e Mestrado

Cortesia: Presidência do Politécnico de Leiria

APÊNDICES

APÊNDICE I

Inquérito por questionário (online)

Inquérito sobre as *Práticas Culturais dos Estudantes* *IPLeia* ☞

O presente questionário tem como objetivo estudar as **práticas culturais** e o **acesso à cultura** dos estudantes do **IPLeia**, matriculados no ano letivo **2024/2025**, exclusivamente de Licenciatura e Mestrado.

A investigação procura compreender **como e com que frequência os estudantes participam em atividades culturais**, bem como os **fatores sociais e económicos que influenciam esses hábitos**. O estudo "*Práticas Culturais dos Estudantes IPLeia: Condicionantes Sociais e o Papel dos Mediadores Culturais*" insere-se na dissertação, realizada no âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, pela estudante Sabrina Figueiredo, sob orientação do Professor Fernando Magalhães.

Pretende-se também analisar o **papel dos mediadores culturais** na promoção do acesso à cultura, no contexto das principais cidades onde o IPLeia se encontra (Leiria, Caldas da Rainha, Peniche). A tua colaboração é essencial para compreender este fenómeno e melhorar o acesso.

A **participação é voluntária** e só deves iniciar o questionário se aceitares integrar nesta investigação. Podes não responder ou abandonar o estudo a qualquer momento. Todas as respostas serão tratadas de forma **anónima e confidencial**, garantindo que os dados recolhidos sejam utilizados exclusivamente para fins académicos. O preenchimento do questionário demora aproximadamente **10 minutos**.

Caso tenhas alguma dúvida ou precises de mais esclarecimentos, podes entrar em contacto através do email: 1231304@my.ipleiria.pt

Agradecemos desde já a tua disponibilidade e colaboração!

* Obrigatória

A partir de um consentimento livre e informado, pretende responder a este questionário? *

Sim

Não

Perfil Sociocultural

És estudante matriculado no IPEiria, no ano letivo 2024/2025? *

- Sim
- Não

Género

- Feminino
- Masculino
- Outro

Estado Civil *

- Solteiro
- Casado
- Unido de facto
- Divorciado/Viúvo

Que escola frequentas? *

- ESECS
- ESTG
- ESSLei
- ESAD
- ESTM

Que ciclo de estudos frequentas? *

- Licenciatura
- Mestrado

És estudante deslocado? *

- Sim
- Não

Local de residência habitual *

- Estudante Internacional
- Aveiro
- Beja
- Braga
- Bragança
- Castelo Branco
- Coimbra
- Évora
- Faro
- Guarda
- Leiria
- Lisboa
- Portalegre
- Porto
- Região Autónoma dos Açores
- Região Autónoma da Madeira
- Santarém
- Setúbal
- Viana do Castelo
- Vila Real
- Viseu

Com quem resides habitualmente? *

Podes seleccionar várias opções

- Sozinho
- Outros estudantes
- Familiares
- Namorado/Companheiro
- Outro

Habilitação literária dos pais *

Selecciona apenas a opção que tenham concluído. Em caso de frequência, selecciona o nível inferior.

	Inferior ao 2.º ciclo	2.º ciclo	3.º ciclo	Ensino Secundário	Licenciatura	Mestrado /Doutorame nto	Não sei/Prefiro não dizer
Mãe	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pai	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Tiveste acesso a bens culturais (livros, museus, teatro, cinema, etc.) desde a infância? *

- Sim
- Não

Quais foram os principais fatores ou pessoas que contribuíram para o teu acesso a bens culturais na infância? *

Podes seleccionar várias opções

- Família (pais, avós, irmãos, etc.)
- Escola (professores, atividades extracurriculares, visitas de estudo)
- Amigos e colegas
- Meios de comunicação (TV, rádio, internet, redes sociais)
- Centros culturais ou/e associações locais
- Nenhum fator em específico
- Outro

Dados económicos

És trabalhador estudante? *

- Sim
- Não

Usufruis de algum tipo de incentivo económico enquanto estudante?

(Bolsa DGES, Bolsa de mérito, Bolsas Erasmus+, ect.)

- Sim
- Não

Como consideras que vive economicamente o teu agregado familiar?

- Muito confortável
- Confortável
- Razoavelmente
- Com algumas dificuldades
- Com muitas dificuldades

Práticas culturais e frequência

Com que frequência realizas cada uma das seguintes atividades: *

	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Semestralmente	Nunca
Ler jornais ou revistas (físicos ou online)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ler livros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ouvir rádio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ouvir música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ver televisão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Navegar na internet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Realizas alguma destas atividades, na cidade em que estudas? *

Podes selecionar várias opções

- Tocar num grupo
- Cantar num grupo
- Teatro amador
- Escrever (prosa ou poesia)
- Fazer fotografia
- Praticar artes plásticas (desenhar, pintar, ect.)
- Nenhuma
- Outro

Com que frequência realizas cada uma das seguintes atividades *

Apenas na cidade onde estudas

	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Semestralment e	Anualmente	Nunca
Ir ao teatro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Visitar exposições (fotografia, pintura, ect.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Visitar museus	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ir a concertos/ festivais de música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ir ao cinema	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ir a uma biblioteca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ir a festivais literários	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Que fatores influenciam a tua participação num evento cultural? *

Selecione, no máximo, 4 opções.

- Preço
- Interesse pelo tema
- Companhia
- Opinião de pessoas conhecidas
- Críticas ao evento
- Localização do evento
- Acesso à informação sobre o evento
- Duração
- Outro

Com quem costumavas frequentar os espaços acima referidos? *

Apenas na cidade onde estudas

- Familiares
- Namorado/Companheiro
- Amigos
- Colegas de turma
- Colegas de trabalho
- Sozinho
- Outro

Qual o valor médio que estás disposto a pagar para frequentar uma atividade cultural?

O número tem de estar compreendido entre 0 e 1000

Qual o teu principal meio de acesso à cultura, na cidade em que estudas? *

Podes seleccionar várias opções

- Plataformas online** (Netflix, Spotify, YouTube, e-books, redes sociais)
- Espaços culturais presenciais** (museus, teatros, exposições, bibliotecas)
- Eventos universitários** (seminários, grupos artísticos, ciclos de cinema)
- Espaço público** (arte urbana, performances de rua, festivais ao ar livre)
- Não tenho um meio específico** de acesso à cultura
- Outro

De que forma costumas informar-te sobre a programação cultural da cidade onde estudas? *

Selecione, no máximo, 3 opções.

- Redes Sociais
- Websites institucionais
- Amigos ou colegas
- Cartazes ou folhetos
- Jornais e revistas locais
- Newsletters e emails de instituições culturais
- Não costumo procurar informações sobre eventos culturais

Mediadores Culturais

Sabes o que são os **mediadores culturais**? *

Sim

Não

Em que medida consideras que são importantes?

Introduza a sua resposta

Perceção pessoal e vivência universitária

Numa escala de 0 a 10, quanto consideras que o teu meio familiar influenciou os teus hábitos culturais? *

Sendo 0 (pouco influenciado) e 10 (muito influenciado)

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Influenciou pouco

Influenciou muito

Comparado com o momento em que entraste no Ensino Superior, consideras que as tuas práticas culturais se modificaram? *

- Sim
- Não

De que modo?

Introduza a sua resposta

Qual o teu grau de satisfação com as tuas práticas culturais atuais? *

- Muito satisfeito
- Satisfeito
- Neutro
- Insatisfeito
- Muito insatisfeito

Consideras que o IPL deve ter um papel ativo na promoção das práticas culturais? *

- Sim
- Não
- Outro

Na tua opinião, o que poderia ser feito para aumentar o envolvimento dos estudantes em atividades culturais?

Introduza a sua resposta

Este conteúdo não foi criado nem é aprovado pela Microsoft. Os dados que submeter serão enviados para o proprietário do formulário.

 Microsoft Forms

APÊNDICE II

Guião de entrevista (mediadores culturais)



*PRÁTICAS CULTURAIS DOS ESTUDANTES IPLEIRIA:
Condicionantes Sociais e o Papel dos Mediadores Culturais*

Guião de Entrevista

Introdução:

- a) Saudações e agradecimento pela participação na entrevista.
- b) Breve explicação sobre o estudo e a entrevista.

Antes mais agradecer a sua disponibilizar e começar por contextualizar esta entrevista. Encontro-me a desenvolver a minha dissertação de mestrado, intitulada de “Práticas Culturais dos Estudantes do IPLeiria”, quero basicamente perceber que tipo de cultura os estudantes consomem, como a vivem e o que influencia essas escolhas. É um bocadinho como o que a Fundação Calouste Gulbenkian fez em 2020 sobre os hábitos culturais dos portugueses, ou o que o Pierre Bourdieu estudou. Mas aqui quero ir um pouco mais além e trazer também os mediadores culturais para a conversa. Esta é a primeira de três entrevistas a pessoas ligadas à cultura nas cidades de Leiria, Caldas da Rainha e Peniche, que são as cidades onde ficam os principais polos do IPL. A ideia é perceber melhor como é que os estudantes se relacionam com a cultura local, qual é o papel destas figuras culturais, e como é que elas próprias se veem nesse papel.

- c) Consentimento informado - Gravação.

Experiência e Profissão:

- d) Poderia descrever um pouco a missão do museu xxxx?
- e) Como se envolveu com a mediação cultural na região xxx? Já tinha experiência na área?
- f) Quais são suas principais responsabilidades e funções como mediador cultural?

Práticas Culturais dos Estudantes IPLeiria:

- g) Qual a sua perceção sobre as práticas culturais dos estudantes do IPLeiria? Acha que existe um distanciamento entre os jovens e a programação cultural da cidade?
- h) Quais considera serem os principais interesses culturais dos estudantes?
- i) Quais são os principais fatores que influenciam e/ou condicionam as práticas culturais dos estudantes nesta região?

j) Qual a sua principal função como mediador/a cultural?

Papel dos Mediadores Culturais:

k) Que estratégias têm sido utilizadas para aproximar os jovens — em especial os estudantes universitários — da cultura local?

l) Em que medida podem os mediadores culturais influenciar ou facilitar as práticas culturais dos estudantes do IPEiria?

m) Teve alguma experiência significativa ou desafiadora enquanto mediador cultural?

Desafios:

n) Quais são os principais desafios, para os mediadores culturais, ao trabalhar com este público tão diversificado, que são os estudantes (universitários)?

o) Na sua opinião, o que poderia ser feito para aumentar o envolvimento dos estudantes nas práticas culturais da região?

p) Existe alguma iniciativa ou programa específico, na região das xxx, que gostaria de destacar como um exemplo de sucesso na promoção das práticas culturais dos estudantes?

Encerramento:

q) Agradecimento pela participação na entrevista e pela contribuição para esta pesquisa.

APÊNDICE III

Consentimento Informado – Entrevistas



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Participação em Entrevista – Dissertação de Mestrado

Título da Pesquisa: *Práticas Culturais dos Estudantes IPLeiria: Condicionantes Sociais e Mediadores e o Papel dos Mediadores Culturais*

Investigador(a): *Sabrina Figueiredo*

Orientador(a): *Prof.º Dr.º Fernando Magalhães*

Exmo(a). Senhor(a),

No âmbito da realização da dissertação do mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, integrado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, venho, por este meio, convidar V. Ex.ª a participar, na qualidade de entrevistado(a), numa entrevista individual de carácter qualitativo.

A investigação intitulada “**Práticas Culturais dos Estudantes IPLeiria: Condicionantes Sociais e o Papel dos Mediadores Culturais**” tem como principal objetivo: *compreender como as práticas culturais dos jovens estudantes do IPLeiria são influenciadas por fatores sociais, além de, perceber o papel dos mediadores culturais neste contexto, analisando como podem moldar as percepções e práticas culturais dos estudantes*, sendo a sua colaboração, enquanto mediador(a) cultural, considerada de grande relevância para a qualidade e profundidade deste estudo.

O conteúdo da entrevista será utilizado exclusivamente para fins académicos e científicos, no âmbito da referida dissertação.

Por meio deste termo, V. Ex.ª manifesta o **consentimento livre e esclarecido** para:

- Participar na entrevista na qualidade de entrevistado;
- Autorizar a **gravação em áudio** da entrevista;
- Permitir o uso do **seu primeiro e último nome e cargo/função institucional**, quando necessário à contextualização dos dados da pesquisa.

A sua participação é inteiramente **voluntária** e poderá ser interrompida a qualquer momento, sem necessidade de justificação e sem quaisquer consequências. Todas as informações recolhidas serão tratadas de forma confidencial, respeitando os princípios éticos e legais da investigação científica, de acordo com o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD).

Declaro que fui devidamente informado(a) quanto aos objetivos e procedimentos da presente pesquisa, tendo compreendido plenamente o seu teor. Autorizo a realização da entrevista, a gravação de áudio e o uso do meu nome, conforme descrito acima.

Local e data: _____

Nome do(a) entrevistado(a): _____

Assinatura do(a) entrevistado(a): _____

APÊNDICE IV

Transcrição da Entrevista Mediadores – Leiria

Local: Sala de Reuniões – Banco das Artes

Cidade: Leiria

Data: 23 de abril de 2025

Duração: 54 minutos

Entrevistadora - Boa tarde. Antes mais agradecer a sua disponibilizar e começar por contextualizar esta entrevista. Encontro-me a desenvolver a minha dissertação de Mestrado, intitulada de “Práticas Culturais dos Estudantes do IPLeia”, quero basicamente perceber que tipo de cultura os estudantes consomem, como a vivem e o que influencia essas escolhas. É um bocadinho como o que a Fundação Calouste Gulbenkian fez em 2020 sobre os hábitos culturais dos portugueses, ou o que o Pierre Bourdieu estudou. Mas aqui quero ir um pouco mais além e trazer também os mediadores culturais para a conversa. Esta é a primeira de três entrevistas a pessoas ligadas à cultura nas cidades de Leiria, Caldas da Rainha e Peniche, que são as cidades onde ficam os principais polos do IPLeia. A ideia é perceber melhor como é que os estudantes se relacionam com a cultura local, qual é o papel destas figuras culturais, e como é que elas próprias se veem nesse papel.

entrevistada 1 – Bem, o que te posso dizer sobre os jovens. Os jovens, principalmente os que são de fora, quando vêm para Leiria também nunca vêm com uma perspectiva (mas nem todos, não é) saís de casa, da casa dos teus pais, da tua terrinha e vais parar a Leiria. Primeiro é conhecer as pessoas, conhecer a cidade, mas é muito difícil, estares incluído no meio académico podes ir às praxes, ou não, podes ir para os copos, ou não, podes ir à semana académica ou não. Mas tens uma oferta para aquela faixa etária, para aquelas pessoas, que até é bastante grande, sim, ou que seja ir jogar *Beer Pong* para o *Académico*. Não sei se ainda dá para jogar, pelo menos eu lembro-me que o pessoal andava lá a jogar

Beer Pong. As vontades dos jovens nessa altura são diferentes. Ir para uma Galeria de Arte contemporânea, digamos que ...

E – Só se forem da área.

e1 – Exatamente, só se forem da área e, mesmo assim, há muitos que não vêm.

Pronto, eu também fui estudante, não é? E eu sei, eu estudei em Coimbra e vivi ao lado de uma Galeria de Arte contemporânea e curiosamente, eu nem sequer sabia da existência daquela Galeria, só quando vim para aqui e comecei a fazer um mapeamento das galerias é que percebi, portanto, estamos ali ao lado e nunca lá meti os pés “ai que desgraça”. Mas pronto a minha área também era arquitetura. Pronto era diferente. Também não havia o estímulo da parte dos professores em visitar esses espaços.

Mas o nosso público - não é o nosso público alvo - mas o público que vem com frequência ao Banco das Artes é maioritariamente acima dos 50 anos. Não é uma escolha nossa, não é? Não fomos nós que controlámos isso, mas sabemos que as pessoas que se inscrevem normalmente nas nossas atividades e que nos visitam com frequência são acima dos 50 anos. Se calhar até porque tem tempo, porque alguns até já são reformados e são daqui da zona e estão acostumados a vir aqui ao Banco porque tinham curiosidade pelo edifício ou porque tem uma história qualquer passada aqui. Ou já ganharam este hábito, de ir visitando as exposições, ir vendo o que é que se passa. No que toca às atividades, nós costumamos contactar as escolas e convidá-los para virem às nossas atividades, mas o IPLeiria é sempre numa escola que é um bocado difícil contactar no sentido em que pronto, não está incluído nos programas escolares haver uma visita de estudo aqui ao Banco das Artes.

E – Nem é muito comum, existirem visitas de estudo.

e1 - Pois não. No entanto, temos situações caricatas. Há alguns estudantes que até vêm aqui. Quer do secundário, quer do IPLeiria. Um deles, meu Deus vinha aqui, e pedia-me uma visita, uma visita guiada, ele vinha sozinho, pedia-me uma visita guiada sempre que havia uma nova exposição. Tá bom, faça uma visita com todo o gosto, não é? Explicava tudo, ok. Passado uns dias ele vinha com uma rapariga e depois passava uns dias, vinha com outra. E depois com outra. Este rapaz está aqui a fazer os seus *Tinder dates*. Ele fazia os encontros de *Tinder* aqui no banco das artes, que é um bocado(...) era giro, eu achei

incrível, não é? Ele fazia aquele papel de “Ah, eu conheço muito sobre arte contemporânea”, marcava aqui com elas. É gratuito, portanto, nem tinha de pagar bilhete. Depois levava-as ali a comer um pastel, e está bom, queres mais barato do que isto.

E – É uma grande ideia.

e1 - É uma excelente ideia. Eu acho que esta ideia devia de ser promovida. Não sei bem como, mas eu gostava. Se não fossemos uma instituição pública...

E – No dia dos namorados.

e1 - ... por exemplo. Mas, se não fossemos uma instituição pública, gostava de conseguir implementar esta ideia de uma forma mais ativa, mas enquanto a instituição pública não é fácil, não é. Não podemos pôr assim o nosso nome no *Tinder*. À parte disto, portanto, temos tido este contacto com o Marcelo que tem feito aqui estas dinâmicas e que para mim, acho que têm sido um bocadinho a salvaguarda deste espaço, até porque eu tenho sentido que os miúdos que participaram nessas dinâmicas, depois voltam ou com os pais ou com os amigos de outros cursos.

E – Já não é um espaço desconhecido

e1 - Exatamente. E não é só um espaço que não é desconhecido. Como eles sentem, como já fizeram alguma coisa para este espaço...

E – Que eles próprios pertencem um pouco aqui.

e1 – Exatamente, que eles próprios pertencem aqui e isso é ótimo, porque eles sentem-se muito à vontade e sentem-se à vontade para explicar as exposições, porque eles já viram, fartavam-se de trabalhar sobre elas e então já se cria ali um à vontade, uma confiança, que é muito importante e que é ótimo. Isso é a melhor parte, sem dúvida.

Que mais é que eu posso dizer, olha relativamente à mediação cultural aqui no Banco das Artes. A arte contemporânea é um tema super difícil. Na arte contemporânea, não há nada que seja concreto nem objetivo. Quem vem ver uma exposição senão for acompanhado muitas vezes sai daqui com aquele ar de...

E – “Não percebi nada”.

e1 – “Isto é arte? Qualquer um fazia isto” Isto é das coisas que nós mais ouvimos. E que nos custa muitas vezes, porque se nos derem a possibilidade de nós explicarmos as exposições ou de fazermos determinadas dinâmicas a pessoa já fica com aquele olhar de “Ahhhhh”, isso é incrível. Eu adoro, eu adoro quando eu explico alguma coisa e a pessoa faz “Ahhhh”. Porque surgiu ali alguma coisa. Às vezes estamos só a olhar para o risco na parede e a pessoa está ali “Ah, isto é arte?”. Estás a explicar que aquele risco representa uma fronteira, com base no conceito do artista, tentamos explicar, de acordo com as idades, de acordo com os *backgrounds*, não é, de cada um. E depois, quando explicarmos e a pessoa já faz aquela cara? “isto final tinha um conceito incrível por trás que está materializado ali naquele risco na parede”, mas o conceito, afinal, é muito mais forte do que isso tudo. E isso é bom, mas lá está, a arte contemporânea tem de ter um acompanhamento, tem que ser explicado, tem que ser acompanhada sempre com algo mais do que a imagem, tanto que há muitas galerias de arte contemporânea, pelo mundo fora, que já nem tem folhas de sala. Os textos são uma seca, ninguém lê, não vale a pena...

E – Depois não são adaptados aos públicos.

e1 – Depois não são adaptados aos públicos, exato. São textos para eruditos, para aquele público apenas e somente os que têm aquelas bases e realmente há sempre 5 ou 6 pessoas que leem o texto todo e que até estão ali. Parece que estão à procura dos erros ortográficos e depois, fazem questão de apontar, “‘tá, é um erro!”.

Mas, à parte disso para o público em geral, as pessoas não vêm, não vão ler os textos, mesmo que a gente meta uma versão de áudio, até podem estar ali com o telefone a ouvir, mas não estão ali, aquilo não está a processar. Está ali só uma voz a dizer coisas. E eu acho que é extremamente importante, nós termos uma frente de casa que esteja pronta e ativa para poder fazer um acompanhamento aos visitantes. Um *Ask Me*, que é o que há nos outros sítios todos fora de Portugal. Um *Ask Me*, que tem sido o substituto da folha de sala. E isso é ótimo, porque temos uma pessoa que te vê a olhar para uma obra e depois mete conversa e explica: “olhe esta obra foi o artista que pensou...”, mas de uma forma rápida e concisa, não é preciso...

E - Grandes histórias.

e1 – Exato. Nem com demasiados floreios nem com aquele discurso muito discurso dicionário. Sabes o que é o discurso de dicionário? Aquele palavreado que ninguém

entende só aquelas pessoas, é que entendem. Tem de ser discurso mais direto possível. Eu acho que é o que faz mais sentido. Eu gostava de ter mais pessoas aqui para poderem fazer também esse trabalho.

E - Pois, a equipe é pequena.

e1 - É porque a equipa que trabalha neste espaço, há mais pessoas a trabalhar, mas as que trabalham para este espaço são duas.

E - Uma coordenadora, que faz um bocadinho de tudo.

e1 - E uma pessoa que monta coisas.

E - Ia dizer um administrativo, mas não.

e1 - Não, não, não. Eu também faço algum trabalho administrativo.

E - Pois, fica impossível de ajudar os visitantes.

e1 - Sim, temos uma estagiária que agora tem estado um bocadinho com esse trabalho, mas pronto, o estágio dela depois termina ...

E - E volta tudo ao mesmo.

e1 - E volta tudo ao mesmo. É uma pena. Portanto, olha se quiseres candidatar, enviar uma proposta à Câmara Municipal para fazer visitas ou projetos de dinamização das exposições. Porque às vezes mesmo nós fazemos sessões de Yoga, sessões de meditação. Às vezes, até sessões de diálogos refletivos sobre aquele tema, que é um tema que está só numa sala. São coisas porreiras para se fazerem. Ou então, por exemplo, eu gostava de ter visitas livres todas as quintas-feiras à tarde, visitas acompanhadas todas as quintas-feiras à tarde, sempre que viesse alguém, já sabia que tinha direito a uma visita acompanhada.

E - Às quartas-feiras os estudantes têm tarde livre.

e1 - Ai é? Então isso era fixe para fazer à quarta-feira.

E - Tanto do Politécnico como das outras escolas.

e1 - Ai isso era bom!

E – Pode passar para a quarta feira, ou para a sexta também. Mas à sexta-feira já estão de viagem.

e1 – Mas quarta-feira é um excelente dia, podíamos fazer isso. “Visitas livres no Banco das Artes”, vou espalhar cartazes no IPLeiria. Se calhar até funcionava. Mas era mais fixe se fosse feito por alunos do IPLeiria. Não é? Porque assim já havia...

E – Alguma ligação

e1 – Alguma ligação. Se essas visitas fossem mesmo feitas por alunos do IPLeiria. Promovidas pelo curso de Animação Artística.

E – E pelo curso de Mediação Intercultural. São logo dois cursos.

e1 – Exato! Isso é era muito giro!

E – Acabou de surgir aqui uma ideia [risos].

e1 – Vamos fazer isso! Acho que fazia muito sentido. Podíamos começar a dinamizar isso de alguma forma. Queres ser a pioneira?

E – Posso tentar. Gosto muito dessa área.

e1 – Podias ser o elo de ligação. Esta proposta parte de ti, falas com os professores dos dois cursos, com os coordenadores. Isto até se pode enquadrar com alguma cadeira que esteja no programa.

E – No meu curso em praticamente todas. No curso de Animação Artística, não conheço muito bem as unidades curriculares, mas certamente que também se enquadra em alguma. Até da minha Licenciatura, em Educação Social, tivemos uma cadeira de Intervenção Sociopedagógica em Museus, Bibliotecas e Espaços Culturais.

e1 - Porque eu sei que foi feita uma ação, há uns anos, que foi muito gira. Não me lembro em que museu é que foi, sei que foi algures pela Europa. E as pessoas achavam todas que iam ver uma visita guiada pelo artista e o artista convidou um ator, daqueles de *Hollywood* superfamosos. E quem fez a visita foi esse ator. Mas ele fez a visita com base naquilo que ele que o ator via, portanto não tinha nada a ver com o artista. O conceito do artista nem sequer estava dentro da exposição, o ator estava simplesmente a dizer aquilo que para ele

era aquele quadro sem haver qualquer ligação com o artista nem com a intenção do artista nem nada. E isso foi giro. Não é, porque o artista teve considerações sobre a sua própria obra, que ele nunca tinha pensado nem refletido sobre elas, mas que, se calhar transmitiam isso às pessoas. E para o ator também foi fixe, não é? Porque andou ali a fazer uma visita guiada. E isso é uma experiência muito interessante, que é visitas guiadas por uma pessoa que não têm nada a ver com a exposição mas que de alguma forma, sem querer, conseguem contar uma história e ver uma narrativa naquilo. E, por exemplo, se tocares numa turma e cada um fizer uma visita guiada sem saber a dos outros, não é? E criar ali a sua narrativa, se calhar, vão criar histórias completamente diferentes sobre a mesma exposição sobre uma exposição de arte contemporânea. Não é, se estivermos a falar de uma Mona Lisa...

E - É mais difícil.

e1 -Porque é figurativo, sabes? E quando é figurativo é um bocadinho difícil, tu criares uma história com base numa coisa que é uma mulher ou se calhar já é um homem, depende.

E – E no fundo como é que se envolveu na mediação cultural aqui em Leiria? Sei que tirou formação em Coimbra. Eu andei a investigar que é de Leiria, mas como é que veio parar ao Banco das Artes?

e1 - Eu fui estudar para Coimbra, Comunicação, Design e Multimédia porque eu queria fazer videojogos e na altura ainda não tinha aberto o curso de videojogos aqui, abriu no ano seguinte. Para mal dos meus pecados. Foi só no ano seguinte. E então terminei o curso. Tinha 20 anos, fui, terminei a Licenciatura, fui estagiar para o exploratório o Centro de Ciência Viva a fazer jogos infantis. Mas eu sempre tive aquela coisa que eu gostava de experimentar arquitetura e queria muito experimentar arquitetura. E fui para a arquitetura. E fiz a Licenciatura, terminei durante o período de *Erasmus*, em Milão. Voltei para fazer o Mestrado, comecei o Mestrado. comecei a escrever a tese de Mestrado e como já não tinha aulas, voltei para Leiria. Porque já não fazia sentido estar a pagar casa em Coimbra quando já não tinha de lá estar presencialmente. E depois custou-me horrores fazer aquela tese. Comecei a trabalhar na área e percebi que eu detestava arquitetura. Afinal, aquilo era horrível. Venderam uma coisa que era completamente errada. Não era nada daquilo. A profissão não tem nada a ver com o curso e foi um desespero. Ah porque depois de

tantos anos não é tipo Licenciatura, Mestrado, começar a escrever tese e agora vou trabalhar ao mesmo tempo. Não é, que é para já estar enquadrada na área. Todos os dias, há acordar com aquela carga “Ahh, não quero viver”.

Pronto, estava a ser uma tortura para mim. E então decidi, quando me despedi do último trabalho. Fui tirar um curso de património, formação em animação turística e património cultural, no IEFP. Até foi naquela altura dos incêndios. Em que quem estava a tirar cursos do IEFP ganhava quase o ordenado mínimo. Eu pensei “estou a estudar e ganho quase o ordenado mínimo, está porreiro e é um curso que eu gosto”. Portanto isso é muito bom.

Quando terminei o curso, eu tinha 3 meses de estágio para fazer. E como ouvi dizer que aqui ia abrir – na altura - o centro de Interpretação Ernesto Korrodi, pensei, ok. Ernesto Korrodi um arquiteto. Que é a marca de Leiria. Eu tenho que escolher um tema para a minha tese e começar a escrever, e como estágio ali enquadra-se bem, pode ser que façamos tudo de seguida. Pronto e vim estagiar para aqui, para fazer a cronologia da vida do Korrodi, estudar as obras dele, a componente arquitetónica. O que é que distingue a arquitetura, Korrodi das outras. E pronto, abrimos a sala Interativa Ernesto Korrodi. Não deu para ser um centro de interpretação, porque isso implica ter uma biblioteca, uma série de coisas que nós aqui não só não temos espaço na estrutura para receber um centro de interpretação, mas conseguimos ter uma sala interativa que já é muito bom e fazermos percursos Korrodi, que fui eu que desenvolvi também no âmbito deste estágio. Vamos fazer um no domingo, se quiseres participar no percurso Korrodi em Leiria, é giro, domingo de manhã. E depois, quando o meu estágio estava para terminar. A coordenadora deste espaço perguntou se eu queria continuar a trabalhar a recibos verdes pronto a prestar serviços à Câmara. E eu aceitei, não é? Estava a gostar tanto disto. Isto afinal é tão giro, encontrei mesmo o meu lugar, não é? Depois daquela experiência traumática em arquitetura.

E – E por aqui ficou.

e1 - Depois passei num concurso na Câmara, mas para assistente operacional, mas pronto foi o que foi. Agora passei para a assistente técnica e a seguir, o objetivo é técnica superior. E andar aqui a escalar o meu lugar no mundo. E, entretanto, já me inscrevi noutra Mestrado, vou começar em setembro: Património Cultural e Museologia.

E – Gosto muito.

e1 – Mas se calhar Mediação Intercultural ou Animação Artística também não tinha sido uma má escolha. Pronto, a gente fica assim “Coimbra é diferente”. As relações que crias e vir para a universidade, não é só a componente de estudo, também tem toda a experiência social, não é? Ires viver com outras pessoas, ter de lidar com os lixos alheios, aprender a cozinhar.

E - E quais são as principais responsabilidades e funções do mediador cultural. Ou que tem enquanto mediadora cultural?

e1 - Desmistificar a arte contemporânea para com os públicos. Eu acho que é esse o meu principal trabalho. É desmistificar, é converter aquela informação que pode ser mil e uma coisas, em alguma coisa que a pessoa se identifique.

E- E que compreenda.

e1 – E que compreenda. E lá está, muitas das vezes, até pode nem ser aquilo que o artista disse exatamente. Porque às vezes os artistas numa sala que tenha um conceito que possa ser mais pesado ou mais sexual – “como é que a gente conta isto para crianças?” - Temos de contar a história de alguma forma que elas percebam que consigam identificar ali alguma coisa sem desvirtuar do preconceito do artista, não é? Não vamos desviarmo-nos completamente daquilo que é a ideia original, mas tentar contar a história. De uma forma que seja compreensível para ele e que não os traumatizo. Mas sim é isso, mas há coisas que é preciso contar. Já tivemos uma sala lá em cima, toda dedicada ao Holocausto. Tínhamos aqui um papel em baixo, a informar que a sala de cima tinha conteúdo... a última sala de exposição, tinha algum conteúdo que pode ser inadequado para pessoas com alguma sensibilidade.

Mesmo assim, levávamos lá as crianças, falávamos com os professores primeiro, mas contávamos pronto, só umas imagens da Segunda Guerra Mundial. Que a humanidade fez coisas muito más e nós temos é de aprender com os erros, não é? Quando nós erramos, temos que conseguir fazer as coisas bem a humanidade às vezes erra. Tudo em conjunto. Tentar contar as histórias assim de uma forma mais divertida, mas não deixamos de estar a falar da guerra. É isto, é converter os assuntos todos numa forma em que chegues à pessoa. Isso também implica alguma leitura, alguma leitura de cada personalidade e de cada pessoa. Às vezes a nossa leitura nem sempre está correta, não é? Chegámos a ter aqui há uns tempos uma família, que eles entraram aqui dentro, todos muito postos só

roupas de marca, muito cheirosos as mulheres com aqueles cabelos de princesa. Todos muito bonitos. Só fizeram disparates, partiram-me uma porta da caixa forte. Como é que é possível? Como é que alguém faz uma coisa desta? Às vezes a gente faz aquela leitura “Nossa senhora, que eles vêm aí todos muito bem postos, cheirosos bonitos, com presença, roupas de marca” e de repente – “Meu Deus que o *wigaans*” foi horrível. Às vezes fazemos assim uma leitura de que as pessoas são alguma coisa e no final não são. Mas pronto, para não fugir à tua pergunta.

Basicamente é isto, é conseguir converter os assuntos. Quando nós estamos a montar a exposição eu passo grande parte do tempo à conversar com o artista, a tentar perceber qual é o ponto de vista, quais é que são as direções que ele tomou quando produziu cada uma das obras. E, ao tentar perceber isto, depois tento ir criando assim um novelo estás a ver, enquanto vou conversando com o artista e depois vou desenrolando o novelo consoante as pessoas, com quem vou conversando e apresentando a exposição e criando dinâmicas, porque nós depois também temos de criar dinâmicas no âmbito das exposições para as escolas. Para não virem aqui só “agora vamos fazer uma visita guiada”. Eles estão o tempo todo a olharem, depois vão embora. Isso é chato, isso é uma seca. E então eu tento criar sempre uma espécie de jogo que tenha a ver com a exposição e que eles, de alguma forma consigam, nem que seja só perceber, alguma coisinha, nem que seja um jogo só sobre uma obra, mas alguma coisa que faça sentido brincar. E, por exemplo, na exposição do Siza, que era toda só de desenho, praticamente e esculturas. Sempre que vinham as escolas, montámos uma *coisa* de sombras chinesas e cada um dos miúdos tinha de representar o tema de uma das salas da exposição, com sombras. E os outros tinham de adivinhar. E aquilo foi giro, não é, porque ao mesmo tempo, obrigava-os a tentar recordar-se das salas de exposição, do que viram e depois tentar representar...

E - Exige alguma criatividade.

e1 - Exatamente. Essa dinâmica foi gira. Pronto é tentar criar sempre um joguinho assim prático. Não sei, viste o jogo que temos agora?

E - Não, já não venho cá a algum tempo.

e1 - Agora temos um jogo no âmbito da Páscoa. Que vai ficar cá até domingo, que é *A Caça ao Pincel*.

E – Ahh, vi ali um escondido.

e1 - Exatamente. Estão 18, se não me engano, pincéis escondidos pelo edifício. E tens de os encontrar todos. Tem lá a folha que é para ir arriscando, porque eles estão todos numerados. E então a intenção é: encontras o 2 riscas o 2, e vais procurar o 3 ou 4 por aí. E depois ganha-se um prémio, no âmbito da Páscoa.

E- E qual é a perceção sobre as práticas culturais dos estudantes? Já me disse que eles não frequentam muito aqui o espaço.

e1 – Não, não. Com muita pena minha.

E – Mas acha que é só aqui? Ou no geral?

e1 - Não, não é no geral, isto é uma situação geral, mas que também não é só culpa dos estudantes. Eu sinto que neste momento aqui em Leiria, e acho também nas outras cidades todas, até porque estamos em época de eleições, então isto é uma situação genérica, há um *boom* de acontecimentos. Aliás, desde o COVID há um *boom* de acontecimentos, há sempre coisas a acontecer em todo lado. E a verdade é que, por muito que se queira, tu não consegues acompanhar tudo. Tu não consegues acompanhar todas as coisas que estão a acontecer da tua área de interesse. Não consegues, por muito que tu queiras. A menos que tenhas uma área de interesse altamente específica, que é tipo, sei lá: colunas de alta fidelidade em sistemas de som incorporados com cornetas, pronto, uma coisa assim que seja só apenas e direcionado. Tu tens no panorama por exemplo, se fores uma pessoa ligada ao desporto a quantidade de eventos ligados ao desporto que existem são muitos. Se fosse uma pessoa ligada às artes também a mesma coisa ou ligada à história também é a mesma coisa. Nestas áreas mais genéricas, tu tens mesmo muitos eventos. E não só, tu não os consegues acompanhar todos como a informação, a publicidade que eles têm é toda a mesma.

E - Sobrepõem-se.

e1 - Exatamente. Sobrepõem-se. E aquilo que acaba por ganhar mais destaque são aqueles eventos que eu acho que, na minha opinião, já não precisam de publicidade. As feiras medievais, a Feira de Leiria, toda a gente sabe já quando é. É um dado garantido. Toda a gente lá vai, não é preciso estarmos a bombardear os leirienses com essa informação.

Agora, aquilo que acontece dentro dos espaços fechados, acho que devia de estar mais espelhado cá fora, mas como é que tu chegas à população sem ser pelas redes sociais?

E – Essa tem sido a minha principal questão. Quando fiz o estágio no museu, queria propor atividade. E como é que eu as divulgo às pessoas?

e1 - É horrível, não é? E chegaste a alguma conclusão? É que eu ainda não.

E- Nenhuma, e pelo contrário, acho que me deu um nó na cabeça. Sendo público não podemos fazer publicidade na rádio, etc. E fiquei assim, então só as redes sociais, basicamente.

e1 - Exato é a única forma. Facebook, Instagram. Também comecei um Tiktok com uma estagiária que esteve cá e que dominava o Tiktok. Eu não só não domino o Tiktok, como entretanto, este é o meu telefone pessoal porque o meu telefone de trabalho é um daqueles que está ligado ao fio. Não dá, e então tinha de usar o meu telefone pessoal para fazer os vídeos. Este já não faz vídeos, já não vibra, já não faz nada, é de 2019. E enquanto fizer chamadas, eu não vou comprar um novo, portanto agora já nem vídeos vão ser feitos enquanto não houver um telefone de trabalho digno. E, não sei, já pensei, por exemplo, para publicitar o edifício. Ainda há pessoas que aqui entram com a perspectiva de perceber como é que estão as suas contas. Que vêm aqui, que querem saber como é que está a sua situação financeira. E não tenho resposta para lhes dar. E, então até pensei em arranjar um trocadilho giro para meter nas faixas alguma coisa que alguém passasse. “Queres saber mais sobre este edifício? Então entra, podes entrar” qualquer coisa assim, que uma das faixas, dissesse uma coisa e a outra fosse a continuação. Só para ver se isto mexia aqui qualquer coisita. Mas não, não é nada fácil.

E - E quais considera serem os fatores que influenciam e condicionam as práticas, dos estudantes? Falta de vontade, questões económicas ...

e1 - Questões económicas aqui não se aplicam, porque é tudo grátis.

E - Sabe que há muitos não têm conhecimento disso.

e1 - Curioso, não é? Olha por exemplo, isso é um trocadilho giro para colocar ali “Sabes que isto é gratuito, podes entrar” por exemplo, uma coisa assim. Também já pensei em escrever ali uma coisa à mão, ali fora, uma placa. “Vem ver uma exposição *bué’da* fixe”.

E assim com uma seta a apontar “Anda cá ver”. Uma coisa meio parva, mas que as pessoas olhassem, pensassem “Olha, vamos ali ver”. Não, mas é assim, eu acho que o problema dos jovens não é um problema que seja dos jovens, é um problema generalizado que existe e existiu em todas as gerações. Até aos 25 anos, não tens grande interesse, em particularmente nada. Acho são poucos, são poucos os que têm. No geral, não achas? Eu acho, eu não me sentia assim uma grande paixão sobre rigorosamente nada, nem um grande interesse. Estava aqui, porque os outros também iam, então também quero ir.

E – Depende das coisas. Mas acho que a cultura realmente não.

e1 - Tu não ias ver uma peça de teatro sozinha. Garantidamente, se não fosses com algum grupo. Ou com alguém que te dissesse “Olha aquilo se calhar pode ser fixe”. E a pessoa que te dizia isto também não ia sozinha. E se por acaso alguém dizia “ok, eu alinhio”, então lá iam as duas.

Se calhar eu agora olhando para trás, se calhar eu já fui ver algumas coisas sozinha. É um facto ou porque queria muito ir ver ou pronto. Mas até aos 25 anos, dificilmente. Depois, arte contemporânea é um tema difícil, lá está, já me aconteceu: uma família estar a passar aqui à frente, quando eu estava a entrar e o mais pequenino a dizer, “Vamos ali, vamos ali” e os pais a olharem assim cá para dentro com aquele ar de “O que é que? Que edificio é este?” E eu disse-lhes, “Podem entrar. É a Galeria de Arte Contemporânea é gratuito, estejam à vontade para ir visitar” e os pais viram-se para mim e dizem “Ah, não, nós não vamos perceber”. Nós não vamos perceber? “Não se preocupe, eu faço-vos uma visita guiada sem problemas”. “Ah, não, não arte contemporânea não, obrigada”. Foi uma grande facada. Isto é outra coisa, não é, as pessoas sentirem que não têm direito ao acesso à arte contemporânea, porque é uma coisa elitista, não pode, tem que deixar de ser. Enquanto houver este paradigma que a contemporânea é só para aqueles que percebem. Não é?

Depois, por exemplo, os professores. É muito difícil trazer aqui as escolas, a maior parte dos professores. E tu se calhar recordas-te quando tu eras mais garota ias ver algum museu ou a Conímbriga ou ver qualquer coisa. Era a professora que ia explicar as coisas, não é, a tua professora é que explicava as coisas. Não era uma pessoa daquele espaço ou, era não?

E – Por norma tínhamos o guia.

e1 - Tinham um guia? Por acaso eu não, era sempre os professores que nos explicavam. Ou seja. Olhando agora para trás, os professores tinham de fazer um trabalho extra, não é, de estudar aquele sítio primeiro para depois nos poderem explicar. E como a arte contemporânea é um tema muito difícil. A maior parte deles não quer vir aqui. E acha que como têm de fazer a visita, esquecem-se que estamos aqui, nós ou eu, neste caso, para explicar. Então não vêm, porque acham que estar a estudar aqueles artistas que ninguém conhece. Aquelas obras, ter de desmistificar aquelas obras.

E – Ou porque depois têm de dar contexto em sala de aula e também não o sabem fazer.

e1 - Exatamente, e isso é muito difícil, por isso é que nós temos meia dúzia de professores que estão cá sempre que há uma exposição nova de vêm a correr porque já sabem e já conhecem a dinâmica do espaço e conseguem enquadrar bem os tópicos nos conteúdos escolares e temos aqueles que não vêm cá nem por nada, não vêm quase que se recusam a entrar aqui dentro. Eu quero acreditar que uma criança que cresça habituada a vir aqui, que venha cá depois com frequência, quando for um adulto, não é, que cria o hábito de frequentar estes espaços.

E – E participará noutras coisas semelhantes.

e1 - Exatamente e que participará noutras coisas semelhantes. E, acho que lá está isto não é uma coisa que seja só dos jovens, isto é um problema genérico. É um mal geral. Não é, não são só os jovens que não vêm cá, até porque, os jovens, se calhar, quando já conhecem o sítio depois não saem daqui. E é bom.

E - E perante essas dificuldades quais têm sido estratégias utilizadas?

e1 - Olha, são os mediadores culturais não é, que são contratados externamente e, como o Marcelo que tem feito esta ponte com as escolas, onde ele está inserido, tentar fazer jogos e coisas para isto ser divertido e as pessoas sentirem que passam aqui algum tempo de qualidade. Eu também tenho procurado fazer dinâmicas que não obrigue a estar alguém presente a acompanhá-las. Já no âmbito da exposição do SIZA, tínhamos ali dois desafios para quem quisesse experimentar. Um era sobre a história da Antígona. É uma história muito longa, não te vou contar, é mesmo muito longa, é uma trilogia. Mas pronto falava-se sobre uma senhora que faz parte de uma história de uma tragédia grega, e essa senhora teve uma importância bastante grande em termos políticos e sociais, e a História era muito

interessante e desafiávamos as pessoas a desenhar. Como é que imaginam que esta mulher da Antiguidade Clássica ainda hoje se integra tão bem nas questões mais feministas, não é? Pronto tínhamos assim pequenos desafios que estavam em papel e quem quisesse participava e quem não quisesse não participa.

E - E foram bem recebidos?

e1 – Foram, foram muito bem recebidos por acaso. Mas lá está para isso o público tem que entrar, também tem que entrar, depois fazem se quiserem.

E – Então é só medo de começar.

e1 - Até já pensei meter luzes coloridas ali naquele túnel aqui. Luzes eu acho que fica altamente porque assim as pessoas ficavam “UAU, o que é isto?” Mas, aliás, ainda está na minha lista de coisas a fazer uma noite de verão, uma festa no pátio com DJ.

E – Na noite amarela, não vão estar abertos?

e1 - De noite, não? Com pena minha mas gostava. Gostava muito de estar aberta.

E- Como vai haver tanto movimento aqui em baixo.

e1- Pois acho que era uma coisa boa. Mas o ano passado não os estivemos abertos, não me lembro porquê. Ah, porque eu estava de férias, estava de férias, não estava cá. E este ano tenho que pensar. Que era bom fazer alguma coisa.

E - Tenho aqui uma questão de experiências engraçadas ou dizer desafiadoras, mas já me contou algumas.

e1 – E tens mais algumas?

E - Existe algum programa ou iniciativa específica da região de Leiria que queira destacar?

e1 – O percurso Korrodi. Ah não, há outra. O projeto JUNTAR.TE. O projeto JUNTAR.TE é um projeto muito bonito. Então o Município de Leiria, no âmbito das exposições principais. Em parte, para ajudar os artistas e, por outro lado aumentar o património municipal é adquirido em todas as posições principais uma obra de arte, do artista que vem cá fazer a exposição. Essa obra depois integra o acervo da arte

contemporânea do município, tal como há o acervo de arte contemporânea do Estado português. Portanto, há vários acervos pelo mundo e o município de Leiria também tem o seu acervo de arte contemporâneo. Só que este acervo, não é, que foi aumentando, aumentando, aumentando ao longo dos anos lentamente, mas foi aumentando. E estava escondido. Não é? Estava guardadinho para ninguém, para não se estragar nada. E a verdade é que as obras, as obras de arte são para serem vistas, não são para ficarem guardadas no armazém fechadinhas e então nós fizemos o projeto JUNTAR.TE em que levámos algumas das obras. As obras desse acervo de arte contemporânea do município estão a deambular pelas juntas de freguesia. Normalmente pelos edifícios da junta e depois fazemos ações de dinamização com as escolas e com os lares daquela freguesia, então de 3 em 3 meses, a exposição circula. Neste momento, chama-se *Memória do Sonho* e anda a circular de freguesia em freguesia. Agora vamos montá-la em princípio em Monte Redondo. Não sei exatamente em que dia ainda estamos a aguardar a disponibilidade da sala. Mas já tivemos na freguesia da Maceira. Na de Parceiros e a Zoia. E a próxima é Monte Redondo.

E – E como é que não se sabe nada disso? Nunca vi divulgação.

e1 - Não ainda não sabias do projeto JUNTAR. TE, é um projeto muito bonito, porque muitas destas escolas não costumam vir com frequência aqui ao centro. Porque não há autocarros, porque se calhar, quando há, vão ao Castelo, vão ao Museu de Leiria e a arte contemporânea chegar diretamente à freguesia das pessoas, é fantástico.

Por acaso a Junta de Freguesia da Maceira criou um conjunto de dinamizações à volta desta exposição muito forte. Eles faziam concertos ao fim de semana, onde estava a exposição. Fizeram sessões de dança, peças de teatro. Acho que foi a exposição que moveu muito bem ou foi movida muito bem pela própria população. Não só visitaram o espaço como se envolveram-se, sim. A dos Parceiros, já foi um bocadinho diferente, mas também apanhámos uma altura de inverno, foi mais difícil, pronto também as pessoas estarem mais predispostas a fazer atividades fora de casa. Mas, mas no geral, conseguimos lá ter a escola e o lar dos Parceiros. Mas no geral foi muito bom, foi ótimo.

E – E o que é que considera que poderia ser feito para envolver as pessoas? Não só os estudantes. O tema são os estudantes, mas no fundo, o público todo.

e1 - Que pode ser feito?

E – Imaginado talvez que não fosse uma instituição pública. Se conseguíssemos ir muito além.

e1 - Hhhhhh, olha muita coisa. E isto é possível sendo uma instituição pública. Eu gostava que conseguíssemos ter performances na rua aqui fora, à porta do Banco e que volta e meia acontecesse aqui uma performance, uma coisa que as pessoas que estão a passar parassem, vissem, questionassem, “O que é que?” “O que aconteceu aqui?” Acho que era ótimo podermos ter assim dinâmicas performáticas. Que ao mesmo tempo questionassem. Assim, este tipo de coisas as pessoas *‘pá* por vezes ou ficassem encantadas com alguma coisa que deixasse as pessoas mesmo “Ah” e outras que deixassem as pessoas incomodadas, mas a pensar.

No Dia dos Namorados, nós fizemos um coração gigante ali no chão. E no coração, dizia. “Beija-me aqui” que era para os casais irem para dentro do coração e fotografarem, se quiserem, no pórtico do Banco, que é a porta mais bonita de Leiria, não é? Vamos ser francos. Pronto e a ideia era ter aqui uma animaçãozinha que é daquelas coisas que nós tentamos fazer aqui dentro, sem termos de contratualizar nada, nem pagar nada. Mas que de alguma forma consiga chamar a atenção do público com coisinhas. Se tivesse ideias, ideias, podes partilhar.

Queres experimentar o jogo?

E - Muito obrigada pela disponibilidade.

e1 - Ora essa se depois tiveres alguma dúvida, alguma coisa que queiras reformular, podes voltar.

APÊNDICE V

Transcrição da Entrevista Mediadores – Caldas da Rainha

Local: Gabinete de Direção – Museu José Malhoa

Cidade: Caldas da Rainha

Data: 28 de maio 2025

Duração: 43 minutos

Entrevistadora – Muito obrigada pela disponibilidade e por me receber, acredito que não tenha sido fácil encaixar na sua agenda. Gostaria de começar por contextualizar esta entrevista. Encontro-me a desenvolver a minha dissertação de Mestrado, intitulada de “Práticas Culturais dos Estudantes do IPEiria”, quero basicamente perceber que tipo de cultura os estudantes consomem, como a vivem e o que influencia essas escolhas. É um bocadinho como o que a Fundação Calouste Gulbenkian fez em 2020 sobre os hábitos culturais dos portugueses, ou o que o Pierre Bourdieu estudou. Mas aqui quero ir um pouco mais além e trazer também os mediadores culturais para a conversa. Esta é a segunda de três entrevistas a pessoas ligadas à cultura nas cidades de Leiria, Caldas da Rainha e Peniche, que são as cidades onde ficam os principais polos do IPEiria. A ideia é perceber melhor como é que os estudantes se relacionam com a cultura local, qual é o papel dos mediadores culturais, e qual a perceção de quem efetivamente está no terreno.

Sendo assim, gostava de começar por lhe pedir que falasse um bocadinho sobre este Museu, descrevendo a sua missão.

entrevistada 2 - Muito bem, então. Eu acho que antes de mais é importante fazer uma brevíssima contextualização. Eu atualmente estou na direção de três museus. Eu sou diretora do Museu José Malhoa, do Museu da Cerâmica e do Museu Doutor Joaquim Manso, que fica na Nazaré. Sobretudo Malhoa e Cerâmica [os museus], porque que é importante perceber que estão interligados dentro de um conjunto de três direções ou três museus, porque nós temos muitas necessidades em termos de recursos, inclusive de

recursos humanos e ocorre com alguma frequência o compartilhamento de recursos entre estes museus, sobretudo Malhoa e Cerâmica, porque estão mesmo um pertinho do outro. Atualmente, desde março de 2025, o Museu da Cerâmica encerrou ao público. Mas continua realizando variados serviços e de igual maneira continuam as colaborações entre ambos os museus. Então, só para te dar um exemplo prático. Já tivemos situações em que funcionários do Museu da José Malhoa foram para o Museu da Cerâmica, para colaborar no atendimento ao público e vice-versa, mas aqui, principalmente no âmbito da montagem de exposições, do apoio a eventos, coisas assim.

Isto posto, os três museus compartilham também uma visão. Então essa visão, ela foi consolidada a partir do concurso que me fez estar aqui. Então, em 2020 foi aberto internacionalmente um concurso para a seleção do projeto de gestão para estas três instituições. Este concurso se insere num conjunto de vários outros concursos que foram realizados em vários museus da administração central em Portugal e candidatei-me para este especificamente tendo por objetivo trazer para esses três museus, uma visão de museu mais atualizado, uma visão de museus mais sintonizada com a contemporaneidade. Visão esta que é também foi a partir desse concurso, escolhida como parte de um projeto de gestão para essas três instituições. Essa visão é diferentemente do que eu trabalhei em outras experiências anteriores, foi uma visão que eu construí.

E, porque diferentemente, nos museus que fiz a gestão anteriormente, isso foi construído coletivamente com a equipa e aqui era exigido, por parte do concurso, que nós apresentássemos essa visão. E como se fez parte de um júri, foi aprovado e precisava de ser posto em prática. Tinha que ser aquela e naturalmente que a equipa, quer dizer nem tão naturalmente assim, mas a equipa muito generosamente acolheu esta proposta e no ano passado, em 2024, foi realizado um novo concurso no segmento da criação da Museus e Monumentos de Portugal, que é a entidade que é a tutela desses três museus atualmente.

Então, a visão é partilhada entre os três museus. Mas salvaguarda, claro, as especificidades de cada instituição. Essa visão ela se baseia em três palavras chave, que são na verdade, três conceitos também digamos, categorias operacionais. Nós trabalhamos na prática com essas três categorias, uma que não poderia fugir, que é a base das coleções que existem nesses três museus – a *arte* -, as *comunidades* e outro *território*. Então são as três palavras que parecem ser muito simples. Mas como você deve imaginar, guardam uma série de desafios e também uma série de motivações e de inspirações que

fazem parte do nosso quotidiano. Então, a visão baseia-se nessas três palavras e preconiza que essas instituições estejam funcionando para o trabalho com estas três palavras a partir das nossas coleções.

E - A questão seguinte era, como é que se envolveu na mediação cultural aqui na região? Já me disse que foi através de um concurso Internacional. Se quisesse falar mais um bocadinho sobre isso e no fundo, qual é a sua formação académica? Acredito que vá fazendo formações, mas assim as principais.

e2 - Então é assim, eu sou licenciada em Desenho. É o curso chama-se formalmente *Licenciatura em Desenho e Plástica*. Lá no Brasil, nós temos uma diferenciação grande entre Licenciaturas e bacharelados. A Licenciatura, ela é vocacionada para o ensino, portanto, os licenciados lá no Brasil, prioritariamente, deverão atuar no ensino.

Portanto, a minha formação seria para o ensino de Desenho: desenho geométrico, técnico arquitetónico, enfim. No meio da minha formação eu tive a oportunidade de estagiar num museu e também é um pouquinho diferente, a metodologia de trabalho da vida profissional mesmo lá no Brasil, e nesse processo de estágio neste museu, eu encantei-me, fiquei assim “Ah, meu Deus, é isso que eu quero fazer”.

Porque a minha função era a atenção ao público, então é a receção de visitantes, a realização de visitas e a proposição de atividades. Enfim, esta era a minha função. Eu adorei aquilo só que nesse meio tempo, já estava o meu curso um bocado adiantado. Eu pensei “Não, já essas alturas do campeonato, não adianta eu parar esse curso e fazer outro. Eu termino esse curso e depois eu resolvo minha vida nas pós-graduações”. Terminado este curso, eu fiz uma pós-graduação, que é um equivalente a um MBA, em Arte e Educação assim que chama. Enfim, Especialização em Arte e Educação. Depois eu fiz o Mestrado e Doutorado em Antropologia e em termos académicos, essa é a minha formação.

Paralelamente, fui fazendo outros cursos, participando de outras atividades formativas, porque eu acredito é que na vida laboral a gente precisa estar em formação contínua, porque a gente sempre tem coisas a aprender, enfim, e na vida em geral, não é só na no trabalho. Então eu vim parar aqui, mais ou menos assim como comentei há pouco, a partir do concurso internacional. Eu já tinha vindo aqui em Portugal para passear. Depois eu vim em Portugal para participar de um curso na Universidade do

Porto. Era um curso sobre a Arte, Cultura e História Portuguesas e achei interessante a proposta, enfim casava com a época que eu vinha para cá, e bom, “Já que eu estou lá, não é? Vou fazer um curso”. Ah, eu fiz um curso na Universidade do Porto, era um curso rápido, de verão. Pronto e quando surgiu o concurso, pensei que era uma oportunidade de apresentar-me, enfim, para os profissionais portugueses e resolvi fazer uma candidatura para o concurso. E pronto, findo o processo seletivo foi o meu projeto e o meu perfil profissional foi aprovado para a gestão.

E - E já está à frente da gestão há quanto tempo?

e2 - Eu cheguei em 2022 e final iniciei em outubro de 2021. Em três anos e um pouquinho.

E - Finalzinho da pandemia.

e2 - Sim, sim, ainda peguei um tempo encerrado porque teve uma época, teve uma subida dos casos ali no final de justamente, no final de 2021, foi no final de 2021. Aí encerrou um pouquinho. Acho que foi uma quinzena coisa assim que ficou fechado o museu, mas foi só isso, ainda bem.

E – E agora mais relativamente aos estudantes, que tipo de públicos frequentam o museu? Há jovens? há estudantes? Eu sei que também com a medida do *Voucher 52* há museus que também não conseguem muito bem ter essa perceção. Quais são os públicos que frequentam? Se não houver um apontamento à entrada, há museus que fazem, há outros que não, noutros locais tive a indicação que não faziam qualquer registo. Sei que em outros fazem um registo. Porque no fundo também é interessante saber quais são os públicos. Como funcionam aqui?

e2 - É uma grande pena, as nossas limitações são muitas e acho mesmo uma grande pena que nós não possamos fazer um estudo mais aproximado de públicos, mais aprofundado aliás. Infelizmente nós não temos uma ferramenta, apesar de termos já, até fiz isso pouco tempo depois que cheguei, uma revisão do nosso, da nossa pesquisa de perfis de satisfação. Nós fizemos essa pesquisa por algum tempo. E quando a Museu e Monumentos, assumiu que já faz um ano e poucos, como eles iriam preparar uma nova ferramenta, nós passamos a não mais utilizar.

E isto posto em termos de pesquisa de perfis de satisfação, que nos daria uma visão mais aprofundada dos nossos visitantes nós não temos. E, entretanto, nós temos planilhas que são preenchidas diariamente. O museu tem uma visitação grande, mas é ainda é possível fazer isso manualmente. E explico, nós temos uma ferramentazinha *Excel* que onde, diariamente, são contabilizadas as diferentes tipologias de estudantes, nós não temos é ao pormenor, por exemplo, se o estudante veio do IPLeiria ou da Raul da Proença, não tem como a gente ter se for da mesma faixa etária, se for um estudante, é secundário mais novinho e tal, dá para saber por causa da faixa etária, vai entrar até 18. Se for um secundarista, mas que já fez 18, ele já entra no mesmo pacote, que é outra categoria que em que estão os demais estudantes.

E – Já entra na outra categoria.

e2 – Isso, em termos estatísticos, se a Sabrina precisar disso aí você manda por e-mail direitinho, o que é que tu queres exatamente os dados que você necessita. Acho eu que não terá problema. Como seria a primeira vez que tão me perguntariam assim, especificamente, eu precisava de consultar a tutela, mas eu acho que não tem problema nenhum certo.

E - Só queria ter uma perceção. Se são mais que os adultos, se são menos que os adultos, se diferença é muito grande. Ou por exemplo, se eles só vêm com a escola, não vêm sozinhos, essas diferenças.

e2 - Eu acho que a gente tem algumas singularidades, que não dá para eu colocar todo o mundo na mesma panela, vamos dizer assim. Primeiro, o Museu José Malhoa fica num parque, estando num parque nós temos um público que simplesmente passa “*Eita, é grátis? Ah, então eu vou entrar*” e entra, dá uma voltinha. Enfim, esse público é também se inclui muitos jovens, certo? Eu não tenho como precisar, “Sabrina é um terço, ou é metade”. Até porque também o meu trabalho é mais aqui do que ali [na receção], então eu também estou aqui, mas às vezes eu estou no Museu da Cerâmica, às vezes eu estou na Nazaré e por aí vai, mas eu vejo uma parte significativa do nosso público de jovens. Vem através das visitas agendadas pelos professores, escolas. Quando converso com eles, que às vezes acontece também, quando vou lá em cima dar uma conversadinha, eu percebo que não viriam se fosse para vir sozinho.

Percebo que o jovem aqui especificamente dos nossos colegas da ESAD, os jovens estudantes da ESAD vêm muito frequentemente quando fazemos ações específicas para eles e com eles, certo? Vou te dar um exemplo: no ano passado nós tivemos uma exposição chamada *Ânsia*, cuja curadoria foi de dois jovens estudantes da ESAD. Então a exposição trouxe hordas, hordas de amigos. Primeiro que a exposição foi aberta no primeiro dia do *Caldas Late Night*, que é um evento que também mobiliza bastante a juventude, e a juventude de estudantes em particular. Então a exposição foi aberta neste primeiro dia do *Caldas Late Night*, lotou, ela simplesmente tinha lotado, não cabia mais ninguém. Vê assim lotado, veio montes e montes de gente. Nos outros dois dias de *Caldas Late Night* também. Depois entrou mais um fluxo de público normal, mas eles vinham, eles traziam porque, estavam se vendo aqui, estavam vendo a abertura ao diálogo também. Acho que isso é muito importante que.

Acontece, acontecem em algumas surpresas que se devem a singularidade do facto de que esse museu tem uma diretora, é uma diretora brasileira. Isso dá uma quebra. Tem muita gente que se surpreende. Acho que também causa alguma surpresa o meu perfil mais *despojado*, sou mesmo uma pessoa mais despojada. Acho que cada perfil tem a sua singularidade, mas esse é o meu. Então acho que quando converso com os meninos da ESAD, tem uma facilidade de diálogo.

Enfim, entretanto, vejo que eles vêm mais quando são feitas coisas específicas com eles e para eles. E acho que eles poderiam, fazendo agora a minha observação, eu acho que eles poderiam também aproveitar muito melhor a instituição, entende? Nós temos abertura para isso. É, às vezes precisamos, é de um *input*. A gente não tem como fazer tudo ao mesmo tempo, mas se eles vierem essa exposição, por exemplo, começou a partir de uma provocação dos próprios alunos e a gente disse “Oh gente vamos!”, “Bora dá pra gente fazer”.

E – Não são é só o Museu a procurar os estudantes, mas os estudantes a procurarem o Museu para apresentarem os seus projetos.

e2 - Podem e devem a casa é de vocês e de toda a gente.

E - E sobre a cidade tem assim algum alguma noção? Se existe distanciamento entre os jovens e a programação cultural da cidade só tem mesmo informações a nível do Museu?

e2 – Veja, a informação que eu estou dando é só quase visual assim, quase do que eu vejo só. Eu não, não tenho como apontar muita certeza sobre isso, porque eu vou como público para algumas coisas e como público, eu percebo coisas, por exemplo, no Centro de Artes que fica logo aqui pertinho. O Centro de Artes costuma estar bem cheio quando tem ações feitas por estudantes da ESAD, por exemplo.

Eles costumam aderir bastante e de igual maneira outras ações, por exemplo, a *Gracal* faz uma feira de Autor a 25 de Abril e como uma parte boa desses autores são alunos ESAD, eu vejo uma presença juvenil também muito forte. É isso, eu estou dizendo assim, só visualmente mesmo porque não tenho como afirmar.

O Museu tem uma boa reverberação na população como um todo, como eu te disse, as pessoas realmente ficam surpresas e felizes ao verem que há o parque ou o museu no parque, que pode entrar gratuitamente. E de facto, o *Voucher 52* fez uma diferença legal. Nós tínhamos os domingos de gratuidade, então no sábado a gente deixava de ter muitos visitantes porque não desejavam pagar.

E – Esperavam pelo domingo.

e2 - Exato e com *Voucher 52* já começam a entrar gratuitamente.

Agora, de uma maneira geral, acho que Caldas tem essa singularidade de ter uma ESAD, não é, também a Escola Bordalo Pinheiro, a ETEO, Escola Raul Proença é a Escola de Hotelaria. São outras 4 escolas grandes que tem um público juvenil também grande. Tem o CENCAL também, então tudo isso é um conjunto de singularidades, né? Se você, talvez não tenha o conhecimento de outras cidades que é aqui no entorno que teriam algo semelhante, né? E eu acho que são facilitadores para nós e para o próprio jovem, é claro.

E - E quais consideram ser os fatores que influenciam ou condicionam para o bem e para o mal? No fundo, as práticas culturais a nível económico, capital cultural, familiar?

e2 - Eu acho que isso para o de uma maneira geral. Não só para o jovem.

E - Sim no geral.

e2 - Certo, bom, eu acho que primeiro é importante que se perceba que a cultura, a cultura não é uma entidade à parte. Cultura é parte de todos nós. “*Ah, eu não tenho muita cultura*”

de ir ao museu”, mas toda a gente tem cultura e é fazedor, enfim, de arte e de cultura, em uma certa medida.

Então acho que é a primeira percepção a de ser a nós que trabalhamos em museus, em instituições culturais. É importante que nós, primeiro que a gente tem uma de ter empatia enorme, ou seja, que a gente perceba que a empatia é a base de tudo, a gente perceber que uma leitura feita por um especialista em história da arte acerca de uma determinada obra vai ser uma leitura, e que a leitura feita é pelo jovem estudante é outra, que a leitura feita pelo senhor ou pela senhora que trabalha na feira é outra leitura e que uma não é mais importante que a outra, são leituras a partir de diferentes óticas.

A segunda, ou seja, a primeira seria a empatia. A segunda é a percepção sobre a diversidade, então o museu é um espaço para a diversidade, um espaço em que a diversidade tem que estar presente nas suas práticas, nas suas obras, na sua coleção, no seu discurso digital e em todo o lado.

Para que a cultura se torne menos, é menos ou nada, elitizada e assim que toda a gente sinta-se à vontade para passear no museu, usando chinelos ou para passear no museu usando um fato. Então quem visita o museu pode estar visitando o museu de chinelos ou de fato e está tudo bem, então eu acho que o museu é um espaço institucionalizado, é aberto e deve ser aberto a toda a gente e a todos os diálogos. O que a gente tem que ter como horizonte, para nossas práticas é a percepção de que todas as pessoas são bem-vindas. De que a gente é um espaço seguro também para debater temas difíceis. A gente é um espaço para discutir sobre o que passou, mas ao mesmo tempo, para prospectar futuros.

Nós precisamos incluir mais e ser mais inclusivos e que tudo isso só é possível quando a gente ouve, quando a gente tem empatia de perceber. Então, por exemplo, se o jovem estudante não se vê representado aqui, a gente tem que entender, ouvi-lo. Por outro lado, o jovem estudante também tem que entender e ouvir a essa Instituição. Eu acho que é uma troca mútua.

É, portanto, acho que eu divaguei um pouquinho. Perguntava sobre o acesso à cultura, não é isso?

E - Fatores que influenciam ou condicionam o acesso à cultura: capital económico, capital cultural familiar. Porque Bourdieu falava de que o nível escolar dos pais, e até do próprio, influenciava muito. E o que eu tenho lido é que, nestes estudos mais recentes, já nem a condição escolar tem feito diferença na frequência das práticas culturais. Se tinha alguma coisa a dizer sobre isto. A nível económico, como é gratuito, acredito que não seja um problema.

e2 - A nível económico também agora, como é gratuito também já, eu acho que importa menos. É a perceção de que você pode fazer parte desse lugar, entende? O nosso museu, ainda é um museu bom, isso não vai ter como mudar, mas penso eu que há coisas que a gente pode fazer. Explico a fachada do nosso museu, por exemplo, é uma fachada imponente. Nós temos o parque, as pessoas estão jogando futebol no parque, as pessoas estão deitadas, tomando sol, as pessoas estão passeando, o menino está melado de sorvete porque caiu um gelado na roupa dele, a *outra* veio de chinelo porque veio de sandália porque está calor e quer passear. Mas a fachada desse museu não condiz, por exemplo, com o restante. A fachada não condiz, mas se essa pessoa teve a coragem (aspas enormes), de entrar nesse espaço e se sente, é acolhido, sente pertencente, ela vai passear nesse museu, mesmo que sua mesma que esteja de chinelo, mesmo que esteja de roupa manchada de gelado ou toda suada, porque estava jogando futebol e está tudo bem, entende? Eu acho que importa menos, as condições financeiras, para um espaço como este, ou o *background* familiar, do que a sensação de que é bem acolhido e de que pode fazer parte dessa das atividades que nós realizamos aqui. Eu tenho inúmeras pessoas, por exemplo, pessoas migrantes que chegam aqui ao se deparar pronto, vou, vou te dar um exemplo rápido como, está bem. Mas por exemplo, quando o *Voucher 52* foi anunciado, dizia é, a placa que a gente deveria colocar no Museu...

E – Residentes em Portugal?

e2 - Agora, diz residentes antes dizia, cidadãos e residentes. Portugueses e residente em Portugal, então a gente ficou *poxa*, os portugueses também não residem em Portugal? Não está toda a gente residente em Portugal?

As pessoas têm NIF? Porque não põe só pessoas que possuem NIF, fim. Apresenta se o NIF ou apresenta o documento comprovativo do NIF. Que há no seu caso, que é que me perguntei, mas enfim, no caso de uma pessoa que nasceu aqui, que tenha Cartão de

Cidadão, sim senhora, vai ser o Cartão de Cidadão. No meu caso não, é a autorização de residência. Já outros, por não conseguiram agendamento e por motivos vários, mas têm NIF, têm um papel da autoridade tributária dizendo, aqui está o seu NIF.

Então nós devemos aceitar variados tipos de documentos e nós devemos, penso eu, é ser os mais acolhedores possíveis no sentido de transmitir essa informação para as pessoas. Porque se do contrário, para uma família de 4 pessoas visitar uma instituição como essa precisa gastar 20 euros, ora 20 euros é uma boa refeição. Se você for no supermercado, você faz uma boa refeição com 20 euros ou mais, não é? Acho que a gente está num momento muito significativo de democratização da cultura. Acho que este é o um dos nossos papéis. Acho que ainda há muito caminho para fazer.

Li, por exemplo, que tem uma percentagem significativa do *checks* livro que não foram levantados *Jovem pelo amor de Deus, pegue seu check livro e vá gastar em livro!*

E – E eu queria muito e não tenho idade suficiente.

e2 - Estás vendo, então tem coisas assim que eu fico sem entender como acho que, ainda que bom que a Sabrina está a fazer uma pesquisa como essa e outros pesquisadores também para a gente conseguir compreender e adequar as nossas práticas para que efetivamente essa democratização da cultura ela seja mesmo democrática. Porque talvez eu tenha falhado como gestora ao não comunicar bem a algumas das nossas medidas, porque às vezes as pessoas ficam surpreendidas. Por exemplo, ao perceberem que nós temos oficinas gratuitas para crianças, “*Tem oficina gratuita para crianças?*”, tem e tal está na *internet* e está numa placa aqui bem. Se eu pudesse, eu pegava na mão de todo mundo e dizia “Vamos para o museu?”, de momento não posso, mas a gente vai conseguindo e tentando, a gente vai fazendo.

Enfim, acho que eu divaguei de novo, mas acho que eu respondi alguma coisa. Veja lá.

E - E que estratégias de mediação usam especificamente para captar o interesse dos estudantes ou jovens? Não precisa de ser só estudantes do Politécnico, estudantes em geral, até mesmo vindos com os professores.

e2 - É, de momento, o museu não possui um serviço educativo instituído, o que para mim é uma grande pena e um próximo desafio. Para já, nós precisamos conseguir concluir o processo seletivo que está em curso sobre justamente para termos um serviço educativo

e assim aprimorar as nossas estratégias de mediação. Neste momento, apenas é oferecida a visita guiada. Eu guardo muitas ressalvas com o próprio nome da *visita guiada*. Tenho mesmo grandes reflexões a fazer sobre.

E – Agora já se tenta mudar de *guiadas* para *orientadas*.

e2 - Pois eu acho, eu acho que era importante. Sim, porque eu acho que isso é Foucault. Enfim é os nomes das coisas. Isso é importante, então a gente, quando a gente dá o nome para as coisas, a gente dá também uma bacía semântica, a gente dá um conjunto de significados, então por isso eu até acho, acho que a visita orientada, entretanto, sou uma ferrenha defensora da *visita mediada*. Uhum, porque eu acho que o que a gente faz aqui dentro do museu é mediação. É uma visita, ela não pode, não deve. Aliás, é ser guiada e sim no mínimo, orientada ou num sonho num plano ideal mediada, onde haja efetivamente a troca onde as pessoas participem e colaborem com aquilo que estão a ver, a pensar, fletir. Portanto, hoje em dia nós oferecemos visitas. É a única opção possível para um grupo agendado para o grupo. Grupos não agendados, para os visitantes em geral, onde se incluem os jovens, nós temos é uma variedade imensa de atividades, então nós temos concertos, nós temos sessões de cinema, tem os cursos, nós temos oficinas aí pelos menor'zinhos oficinas. Pronto, além das exposições temporárias, enfim, temos um conjunto grande de atividades.

E- E tem algum programa educativo ou projeto? Parceria com o Politécnico ou alguma instituição do Ensino Superior?

e2 - No Ensino Superior não neste momento não. Nós já tivemos, em momentos pontuais, a exemplo dessa que não era nem com a ESAD, mas sim com os estudantes da ESAD. Foi essa exposição do ano passado, tivemos outra já também. Na verdade, de uns tempos para cá, nós temos trabalhado diretamente com os jovens e com os coletivos, como é o caso dessa exposição. O cineclube. O cineclube, é um cineclube da ESAD, mas realiza coisas aqui também. Acho que é por aí.

E - E, enquanto mediadora, teve alguma experiência significativa? Mesmo fora de Portugal.

e2 - Tive algumas, porque é como eu tinha mencionado, eu trabalhei muito. Eu iniciei na educação e museus e depois eu fui trabalhando nessa área. Vindo para cá assim

especificamente, u acho que alguns momentos são importantes. Foi uma exposição que nós realizamos aqui é no comecinho de 2023 chamada “*A verdade dói*”. É uma exposição que tratava sobre a violência contra as mulheres e as meninas, e foi uma exposição muito tocante porque tinha alguns depoimentos, de mulheres e meninas que tinham sofrido violências, e essa exposição, ela teve uma recetividade que me surpreendeu e foi muito, muito importante, muito impactante quando o grupo *Teatro da Pessoa* realizou uma intervenção e que encerrou a exposição aqui. Essa intervenção ela se deu aqui ao redor no parque e foi muito significativa porque as pessoas ficaram muito impressionadas. Eu vi que aquilo tocou muito. Desta exposição, também se seguiram algumas parcerias com escolas e eu acho que foi, portanto, uma excelente oportunidade do Museu chamar a atenção para temas que, num primeiro olhar, não estariam diretamente vinculados ao acervo, mas no olhando para o outro lado, isto foi um momento muito significativo.

Outro momento significativo foi essa exposição que mencionei no ano passado com esse coletivo de artistas. Enfim, há jovens artistas: *Ânsia*. Deixe-me ver e acho que foram no Museu da Cerâmica para mencionar rapidamente, nós também fizemos uma exposição com um coletivo de artistas jovens: *Cabo*, e foi muito bacana também. O dia da abertura, que contou com uma exposição ou com uma performance foi muito, muito interessante. Acho que esses foram momentos significativos porque foram momentos que trouxeram diferentes camadas de significado para os visitantes, para as pessoas que frequentam o museu. Por isso acho que foi importante, foi *bacana*, ficou especialmente feliz com isso.

E - Quais são os principais desafios enquanto mediadora ao trabalhar com este público?

e2 - Eu queria ter uma equipa que tivesse a oportunidade de ter mais jovens. Acho que a gente tem coisas que a gente precisa ouvir quem de facto, bom, quem está vivenciando aquilo na pele. Eu já fui jovem, já fui. Mas gosto adoro, converso bom enfim. Mas eu, a minha vivência, foi ser jovem no final dos anos 90 e início dos anos 2000.

Já tem 20 anos, já passou o meu tempo, já foi agora é o tempo de vocês, então eu gostaria de ter membros mais jovens na equipa para que nós, e a título inteiro, inclusive eu tenho estagiários, enfim até oxigena um pouco o Museu, mas eu queria ter jovens na equipe a título inteiro e jovens, mesmo recém-formado, de uma pessoa que acabou de sair da universidade e fosse técnica superior do Museu, seria *pá* um sonho. Isso acho que era é

um desafio. É a gente oxigenar mais as nossas equipas. É um grande desafio: falta de recursos humanos.

Numa certa medida sim, porque a gente precisava ter mais gente e precisava ter mais gente também gente especializada, gente não especializada enfim, eu acredito que toda a gente tem conhecimento, saberes a serem aproveitados num espaço como esse. A gente tem lugar para todo mundo, não temos é condições de absorver o que nós gostaríamos. Esse é um desafio.

Eu acho que um outro desafio é que talvez eu como jovem, no meu tempo de jovem, eu também devo ter cometido esse mesmo erro. Mas eu acho que o jovem também pode ouvir um pouquinho mais de quem tem um pouco mais de experiência. É possível mesmo que eu tenha cometido o mesmo, e o que hoje eu vejo como erro. Eu acho que o jovem poderia dizer, espera aí tem um pouquinho mais de experiência ou não, olha ou então até nem admitir na frente e depois dizer “*Bora fazer como ela disse*”.

Às vezes dava jeito, sabe? Acho que esses são talvez os dois grandes desafios.

E - E para terminar, existe assim alguma iniciativa ou projeto na região das Caldas, fora do museu, que gostaria de destacar como exemplo de sucesso na promoção das práticas culturais. Nem que seja o Caldas Late Night, que começa amanhã.

e2 – O Caldas Late Night foi uma boa dica. Pronto o Caldas Late Night, eu acho que é algo assim surreal de mobilização, rola uma expectativa...

E - Mas parece que não passa de moda. Porque eu andei aqui de 2016 a 2020 e o furor do Caldas Late Night mantém-se.

e2 - É o mesmo, não é? Mas fica cheia. A cidade fica cheia, fica empolvorosa e isso é *massa*. Eu acho que é mesmo um exemplo bem legal.

Aqui acho, só que falta uma reverberação maior, com outras gerações, entende? Eu acho que aí nesse ponto, dialoga com a observação que eu fiz. Mas eu acho que nesse ponto o jovem na sua juventude às vezes também beira a sua soberba, a palavra é horrível, vá olhe, seja boazinha comigo. Mas é porque às vezes é isso, *poxa, caramba*, a pessoa mais não é porque a gente é velho que a gente já ultrapassou, mas a gente também já fez um monte de coisas, sabe? E às vezes o que uma pessoa mais velha gostaria era de ter 30

segundos de atenção daquela outra mais jovem, dizer, “Caramba, você já fez isso?” “Ai que *massa*” pronto ganhei meu dia. Às vezes era só uma escuta, por isso que eu disse a base disso aqui, voltando um pouquinho ao que falei, é a base disso aqui tem que ser empatia, não. Eu tenho que ter empatia pelo meu visitante nas suas mais variadas formas. O visitante também conosco, entende?

Então, o que uma iniciativa, portanto, de assim de tirar o chapéu, iniciativa *massa* que me inspira, que me instiga, acho que o Caldas Late Night.

Indo para outras iniciativas. É assim que eu fui estive na semana passada, mesmo no bar.

E – Podem não ser só dos jovens, do público em geral, mesmo da cidade especificamente.

e2 - Ai sim, sim *O Barómetro*. É um evento, é um evento de teatro e artes plásticas. Enfim, que acontece aqui juntinho. O *Teatro da Pessoa* é um dos agentes de mobilização que eu acho que é muito, muito interessante, como mobilização coletiva, como articulação com as pessoas e com a articulação ali na zona das Gaeiras, que é aqui juntinho. E lembrei-me agora de uma outra iniciativa, também muito interessante, que é o *Cortém Aldeia Urbana* (CAU), que fica aqui em Cortém, um tipo de aldeiazinha aqui junto e que é um espaço de atelier e de Galeria muito bacana porque leva as pessoas das Caldas e de outras partes para lá. Ao mesmo tempo, dialoga com as escolas de cá acho que é uma iniciativa *bacana* de se olhar.

Agora falando, já estou me lembrando de outras. Lembrei do *Ossó* também. *Ossó*, esse também é numa zona mais rural, então não sei o nome da aldeia, não me lembro. Você pode olhar que fazem coisas também. Muitas vezes tem uma rádio comunitária, isto é uma biblioteca. Eles recebem residências artísticas, fazem grandes provocações que eu acho que isso é bem legal. O Centro de Artes também, assim saindo do nosso museu. Acho que é um outro museu ou aliás, um outro espaço museológico que faz, iniciativas que mobilizam. Ai, claro, tem o *SILOS Contentor Criativo*. O Silos faz imensas coisas. E aqui eu aponto, assim como uma iniciativa legal que mobiliza, mobiliza jovens criadores e criativos, é o *Bazar a Noite*. Que é a ocupação da Praça da Fruta, com a mesma estrutura, barraquinhas etc., só que com uma espécie de mercado criativo e é lindo, porque tem gente muito jovem que está começando a fazer as suas produções e colocando aquilo à venda. Tem gente já mais experiente, mais consolidada e que vende seus produtos ali. Eles põem DJ, fazem um espaço de criança também, eu acho mesmo muito, muito bonito.

E – Acredito, são todas belíssimas iniciativas. Já coloquei todas as questões, queria mais uma vez agradecer a disponibilidade para esta entrevista.

APÊNDICE VI

Transcrição da Entrevista Mediadores – Peniche

Local: Sala de Reuniões – Museu Nacional Resistência e Liberdade

Cidade: Peniche

Data: 17 de maio 2025

Duração: 45 minutos

Entrevistadora – Bom dia. Muito obrigada pela disponibilidade e por me receber. Gostaria de começar por contextualizar esta entrevista. Encontro-me a desenvolver a minha dissertação de Mestrado, intitulada de “Práticas Culturais dos Estudantes do IPLeiria”, quero basicamente perceber que tipo de cultura os estudantes consomem, como a vivem e o que influencia essas escolhas. É um bocadinho como o que a Fundação Calouste Gulbenkian fez em 2020 sobre os hábitos culturais dos portugueses, ou o que o Pierre Bourdieu estudou. Mas aqui quero ir um pouco mais além e trazer também os mediadores culturais para a conversa. Esta é a segunda de três entrevistas a pessoas ligadas à cultura nas cidades de Leiria, Caldas da Rainha e Peniche, que são as cidades onde ficam os principais polos do IPLeiria. A ideia é perceber melhor como é que os estudantes se relacionam com a cultura local, qual é o papel dos mediadores culturais, e qual a perceção de quem efetivamente está no terreno.

Sendo assim, gostava de começar por perguntar se podia descrever brevemente a missão do Museu Nacional Resistência e Liberdade.

entrevistada 3 - Obrigada Sabrina por teres vindo aqui ao Museu Nacional Resistência da Liberdade, um espaço, um Museu que é nacional, que temos na cidade de Peniche. E este Museu tem uma missão muito importante, a missão de transmitir o que foi a vida dos presos políticos na cadeia de forte de Peniche. Essa missão de transmitir essas memórias às novas gerações do que foi viver num regime fascista que durante 48 anos foram presos aqui 2.626 pessoas e a nossa missão é alcançar o maior número de pessoas possível com

esta história, muitas das pessoas portuguesas conhecem este tema, não é, estas histórias. Mas, por incrível que pareça, haverá ainda algum tipo público que desconhece ainda parte da história e é esse o nosso papel, dar a conhecer a todos os portugueses e passar a um nível mais internacional. Portanto, o Museu como sendo um Museu que também fala dos direitos humanos, portanto irá estar a criar redes com Museus, também a nível internacional, para debater esses temas, que no século XXI são muito importantes.

E - E como é que se envolveu com a mediação cultural aqui na região de Peniche? Já tinha experiência na área? Qual é a sua formação académica?

e3 - A experiência na mediação cultural não era muita. Portanto, eu não sou formada em mediação cultural. Eu venho da área da educação de infância, da educação especial. E quando o Museu Nacional vem cá para a Fortaleza, portanto, eu faço uma passagem da educação para a cultura, portanto, a cultura para mim começa a ser conhecida aqui no Museu Nacional, como se se tivéssemos a criar tudo de raiz. Tudo assim muito embrionário não é, mas também sem vícios, portanto fomos criando à medida das necessidades, das nossas sabedorias, das nossas competências. E eu acho que estamos no bom caminho porque depois de entrar no Museu fui tirando muitas formações relacionadas com a sociomuseologia. Com a parte dos Museus. E é esta parte que me move é o trabalho entre o Museu e a sociedade e a comunidade. Portanto acho que sou a mediadora entre o Museu e a comunidade, a comunidade e o Museu, portanto, faz nestes dois sentidos. E a mediação aparece assim pelo meio. Fazer esta mediação, que eu acabo por achar que é como se fosse a parte mais importante do Museu, porque nós temos que saber transmitir, comunicar a missão do Museu ao público. E o público não comunica todo da mesma maneira, portanto, nós temos que conseguir alcançar o público com diferentes linguagens e é esse o trabalho do serviço educativo, tanto com várias ferramentas, com vários materiais pedagógicos chegar a um maior número de público possível e trabalhar com a comunidade é este o nosso objetivo, enquanto mediação cultural e enquanto serviço educativo do Museu Nacional.

E – E o Museu sem público também não é nada.

e3 - Porque o Museu sem público, ainda bem que falas nisso. Um Museu sem público é um Museu desprovido de significado e sem a comunidade ainda mais, porque é a comunidade que, imagina que não vêm as pessoas nacionais, que não vêm os estrangeiros

é com a comunidade que nós temos que trabalhar estas questões de identidade, de sentimento de pertença. Portanto, tudo o resto vem por acréscimo, não é? Se nós formos mostrar um projeto a nível nacional ou internacional, é com a comunidade, é com as pessoas apoiadas que trabalhamos, é com as crianças de Jardim de Infância é com as pessoas sêniores das universidades, dos lares e dos centros de dia. Portanto, temos aqui, no fundo, o Museu com a sala de estar do território. E trabalhamos com todas as instituições locais. Se ainda não fomos ao a determinadas algumas é o objetivo, é no fundo estar com todas.

E - E que tipo de públicos costumam visitar o Museu? Há jovens? Há estudantes?

e3 – Olha, o público... Agora nós temos o *Voucher 52*. E o *Voucher 52* é o acesso a todos os Museus e monumentos de Portugal de forma gratuita. Quem quiser entra no Museu, mostra o seu cartão de cidadão e entra gratuitamente no Museu. E este *Voucher 52* acabou por não nos dar a conhecer o nosso público. Porque insere, nós não registamos se homem se é mulher, se é português, se é estrangeiro, mas é uma questão, é uma coisa que o Museu gostava de trabalhar, nesta procura de públicos. Numa investigação, que foi a minha, no Mestrado em comunicação acessível, com o tema *Museus Comunicantes: o caso do Museu Nacional Resistência e Liberdade*. Foi em tempos de COVID e observámos durante uma semana que o público que visitava o Museu era maioritariamente, público adolescente/jovem, jovem adulto. Verificámos a nível de observação que são pessoas já adultas, maioritariamente ao fim de semana, famílias. E o Museu criou uma parceria com o Plano Nacional das Artes, onde, através da Carta de Porto Santo, está colocado no centro, os jovens, portanto, e o Museu abraçou esse projeto. Abraçou essa parceria com o Plano Nacional das Artes e este ano tem vindo a trabalhar as questões de trabalhar com o público jovem. Convidaram-se as escolas, os agrupamentos de Peniche e os três coordenadores do Plano Nacional das Artes, os três professores da coordenação do Plano Nacional das Artes, de Peniche a desenvolverem com o Museu, o projeto que se chama *Mochila Cultural*. Os professores trouxeram os alunos ao Museu e ao fizeram visitas orientadas, cada grupo escolheu um espaço do Museu para desenvolver, através da arte, aquele espaço ou através da dança ou através da música ou através de cartazes. Eles escolheram à sua maneira esse espaço. Veio cá a Direção-Geral da Educação, a DGES, fazer essas filmagens. E no dia 24 reproduzimos, na central elétrica. Portanto, este ano foi esse trabalho com os jovens. De trazê-los, de criarem este sentimento de pertença com o Museu. É um Museu Nacional, mas é deles, é da comunidade e eles têm que sentir

esse espaço como deles. E no final da *Mochila*, quando todos viram o filme, eles sentiram-se muito importantes naquilo. Até à data, eles fizeram aquela atividade, sabiam que iam ser filmados e que o filme iria ser publicado no dia 24, mas quando eles viram efetivamente o filme, é que eles sentiram bem – “Nós estamos ali! Tanta gente de fora que nos veio filmar.” O impacto, foi um impacto muito bom nos jovens e que nós já os estamos a ver a entrar e a trazer a família. A virem ao fim de semana, mas isto são observações. Não é nada que nós consigamos concretizar com a estatística.

E - E qual é a sua sobre as práticas culturais dos estudantes? Acha que há um estacionamento entre os jovens e a programação cultural da cidade? Ou nem tanto?

e3 - Vou te falar relativamente ao Museu. Relativamente à da cidade, à programação da cidade, acho que o município será a pessoa, a entidade, indicada para te dar essa resposta.

Nós já estamos abertos há seis anos. Uns primeiros anos com uma exposição temporária e com o Museu encerrado porque ainda não tinha sido intervencionado. Fecha em 2022, abre em 2024. Portanto, nós estamos a trabalhar há 1 ano. De 2024 a 2025. Este ano primeiro ano, fizemos a 27 de abril, já temos uma perceção de quem nos visita, do que é trabalhar com a comunidade e com os públicos. E no dia em que vimos a filmagem da *Mochila Cultural*, a diretora, que é a Doutora Aida Recena, esteve na mesa redonda deu a informação, que todas as ideias que os jovens tenham, o Museu está aberto, que vá de encontro à missão do Museu, que o Museu está aberto para a acolhê-las. Portanto, eles não entraram a visitar, já entraram a fazer um projeto. Temos a direção a dizer que todas as ideias deles serão bem-vindas.

Eu acho que este semear, daqui a uns tempos, vai ter um fruto. Vamos ter os jovens a fazerem os seus estudos de Mestrado, as suas investigações, os seus trabalhos de final de curso e a pensarem, com certeza, no Museu. Já temos vários estudantes do IPLeiria a solicitarem apoio. Da escola secundária também, para fazerem aqui uma filmagem a nível 360, do Museu. Portanto, já estamos a recolher alguns frutos deste com o público jovem.

E - Mas ainda identifica algumas barreiras, ou nem tanto?

e3 - Ainda estamos num processo. O Museu durante muitos anos, ou a Fortaleza, era um espaço muito fechado. Desde o início, até à prisão política, e agora o Museu abre portas é este derrubar muralhas, não é? É este dizer que estamos cá, entrem sempre que a porta

estiver aberta, vocês serão muito bem-vindos. O *voucher* é 52 vezes, podem usá-las 52 vezes no Museu, estejam à vontade, portanto, é este desconstruir, este derrubar que estamos nessa fase, que eu acho que já estamos a recolher. Já há muitos projetos que estamos a vender à porta, escolas, os professores, os alunos, portanto isso para nós já nos dá uma indicação de que estamos no bom caminho.

E - E que estratégias de mediação cultural têm utilizado especificamente para captar o interesse dos estudantes? Nomeadamente os estudantes do Politécnico?

e3 - Nós trabalhamos com o IPLeiria. Não, nunca ficam de fora. Trabalhamos com uma professora que se chama a Daniela Amorim, que é também, eu acho que é da mediação cultural aqui no IPLeiria de Peniche. O IPLeiria também quando faz alguma atividade, tenta nos convidar. Este ano, eles tiveram com um projeto e nós não conseguimos fazer a ligação entre O IPLeiria e Peniche, mas eles e o Museu, mas eles tiveram connosco nas atividades porque eles fizeram um trabalho o ano passado e mantivemos esse trabalho nas nossas exposições. O que teve sempre presente o IPLeiria. E queríamos muito mais, não é? Até porque o Museu também está aberto a alguns estágios curriculares. Há alguém do IPLeiria que nas suas áreas de formação, que estejam ligadas ao Museu, nós também estamos abertos a receber, a receber alguns alunos, portanto nós estamos abertos.

E – E teve assim alguma experiência si significativa ou desafiadora enquanto mediadora?

e3 - Quando vou fazer uma mediação, fazer uma atividade, vou todos os dias com duas coisas que são a flexibilidade e a escuta ativa. Portanto, tenho aquela história, na cabeça, a história da atividade, não é, e que ela pode ser pode ir para um caminho completamente diferente, consoante as necessidades e os interesses do grupo. Os grupos são todos muito diferentes e a forma de abordagem é diferente para todos eles. Os mais desafiantes são os de secundário são os que mais, não é desinteresse, os interesses poderão ser outros e o meu trabalho é muito mais superior do que para um grupo de crianças de pré-escolar ou primeiro ciclo. Portanto, tem que ter sempre uma prática em que todos estejam à minha à minha roda, à minha volta. Não gosto muito que fiquem para trás, porque gosto de contactar a cara de todos e que todos participem. O engraçado é que eles vêm muitas vezes sem muito interesse e acabam por dizer que querem cá voltar.

Uma escola da Amadora, com crianças com alguma dificuldade, de famílias desestruturadas. No início estava muito conversadoras, muito conversadoras no sentido

de sem muito interesse. E a forma da mediação, porque eu acho que aqui é o mais importante, porque o mediador pode saber muita coisa, pode conhecer muito da história, mas também se não for empático com o grupo e baixar-se ao nível, a nível de linguagem com o grupo, não consegue alcançar nada e através desta *mala* que eu trouxe para te mostrar.

Isto [a mala] parece muito infantil, mas vai a todo o público. Isto é com uns fantoches, nós contamos a fuga de Álvaro Cunhal e do guarda Alves, portanto, foi a fuga dos 10, aqui da cadeia do Forte de Peniche. Portanto, aqui vamos ter muitos objetos sensoriais e que eles [utilizadores dos serviços educativos] vão tocando. Isto [um pequeno pedaço de pano] é a corda que fazem, através dos lençóis, fazem a corda para a fuga. Aqui temos canela que eles vão cheirando, que um preso que gostava muito de arroz doce e a mulher quando era as visitas, trazia o arroz doce. Portanto, o Guarda remexia tudo. E isto é uma maleta muito sensorial. Portanto, eu tenho um chapéu do Guarda, começo a contar a história e colocando o chapéu. Estou a contar a história efetiva do Museu, de forma em de forma mais pedagógica e mais, não é infantilizada, mas de uma maneira mais que eu diria que isto lhes vai tocar mais no coração.

E esses miúdos saíram dali... para já, não queriam sair, não queriam ir embora. E um toca-me na mão, que eu depois despeço-me de todos a tocar na mão, digo “*até à próxima, serão muito bem-vindos*”, ele diz “*Professorinha, professorinha! Eu vou voltar com a minha família*”. Portanto, à partida, se eu não disse nada por aqueles miúdos e se eu não me interessasse, a minha linguagem tivesse completamente sido diferente da deles, não lhes tinha sido significativa a visita. E esta frase para mim, diz-me tudo, se ele vai voltar é porque ele gostou. Portanto vem com uma ideia, se calhar, nem nenhuma ideia, e saem daqui com alguma coisa.

Isso para mim são as grandes histórias: crianças que, nós saímos, o Museu esteve encerrado e nós fomos à comunidade porque tivemos duas inquietações que era: *como é que continuamos a aproximação com a comunidade?* Então foi por isso que construímos estes objetos para derrubar muralhas e irmos ter com a comunidade. E fomos, essa é outra história, fomos a uma escola e falámos deste tema, entretanto, a criança vai para casa e eu ao final do dia, vou ao supermercado e a mãe diz-me assim “*Ana, estiveste na escola da minha filha?*” e eu disse “*Olha estive! Ela é do Filtro?*”, “*Sim, é do Filtro*” [Escola Básica do Filtro – Peniche], “*Então não é que ela me quer levar ao Museu?*” e eu disse

“quer!?”), e eu cá para mim *o objetivo está cumprido*. “Então, olha, mas o Museu ainda não está aberto”, “Então foi o que eu lhe disse!”, “Se calhar não ficou bem explícito que o Museu está encerrado”, “Mas ela quer ir!”, “Então quando abrir, faça favor de ir com a sua filha ao Museu”.

Portanto, esta mediação foi uma mediação eficaz. Porque nós queremos trazer a comunidade, se os mais velhos não vêm, fomos às crianças e a criança traz o mais velho, uma mediação de cultural muito eficaz. Portanto, entre estas temos muitas eu vou me lembrando pelo caminho.

E - E com que instituições têm parceria? Algum programa educativo, projetos...

e3 - Parcerias efetivas nós temos com o Plano Nacional das Artes. Temos a Cercipeniche, trabalhamos muito com as pessoas apoiadas. Não é trabalhamos à parte, em todos os projetos, eles são incluídos. Este primeiro que foi desenvolvido. Foi só o Museu, não foi com e para a comunidade, mas os seguintes já foram com eles. Este ano criámos uma exposição *Educação pela Liberdade*, já foram trabalhos deles. Eles vieram para dentro do Museu. Criaram dentro da sua cela a sua própria exposição, portanto no bloco B, que é o bloco do serviço educativo, que eu já te vou amostrar, existem várias celas e cada cela foi indicada a uma instituição com que trabalhamos. E a própria instituição é que enfeitou a sua. A Cerci, para além disso, fez um *workshop* de cravos no dia 24, para o público em geral. O público que visitava o Museu e passava pelo bloco, eles ofereciam um cravo. Foi um bocadinho mais além. Trabalhar estas questões de as pessoas apoiadas estarem incluídas na sociedade. Como nós tínhamos escravos da Cerci na livraria, isto é, um mundo Sabrina, os visitantes queriam muito comprar esses escravos. E como era um trabalho feito por eles oferecido ao Museu, nunca vendemos, mas desenvolvemos essa parte com as pessoas apoiadas, eles fazerem os cravos e nós colocarmos à venda no Museu. Portanto, este ano já tivemos esse projeto feito por eles, os visitantes, quando vêm, compram um cravo e um crachá que é feito pela Cersi.

E – Durante o ano inteiro?

e3 - Começámos este abril e é um projeto para continuar, porque já esgotou e eles vêm, hoje é sexta, vieram ontem trazer uma nova, a segunda remessa. Portanto, este é um dos projetos com essa instituição, com pessoas com deficiência, pessoas apoiadas, que é o que eles lhes chamam.

Outro é com as pessoas séniores que são do Centro de Dia da Acompanha que também já temos aqui uma ligação muito grande. Nós fomos também lá. Eles vieram, portanto, esse esse primeiro projeto foi ir. O segundo foi trazê-los e agora é trabalhar *com*. Estamos nesta fase do trabalhar *com*. E de eles já sentirem o Museu como seu e já nos sugerirem determinada atividade. O IPLeiria ela é outra. Este ano alargámos ao IPLeiria [ESECS] porque na formação de apresentação do PNA da segunda bienal, que se dá este ano até março do ano que vem, uma professora chamada Ana João. Curiosamente, deu mesmo nome que eu, no final desse *webminar*, juntámo-nos e trocámos mensagens para também fazer algo este ano. Elas estão propriamente na ESAD, não estão em Leiria. O Município também e as escolas. Os agrupamentos estão sempre muito presentes desde a creche até ao secundário. Portanto, temos aqui uma comunidade muito grande.

Sim e, só para teres uma ideia, o serviço educativo é uma pessoa. Portanto, agora com as visitas orientadas, já temos os colegas de sala que fazem esse trabalho, mas todo este trabalho é um mono núcleo. É desenvolvido por nós, mas depois vamos às escolas. E os projetos também são desenvolvidos...

E - ... por uma só pessoa.

e3 - Sim, sim, sim, sim, é só para teres uma ideia de quando, quando se quer, consegue-se muita coisa. A custo zero, isto são tudo materiais feitos com coisas que estavam na garagem, materiais reciclados, reutilizados. E não é preciso muito, muito dinheiro. Quando se quer alguma coisa...

E – Com um pouco de criatividade.

e3 – É criatividade, é verdade. É mesmo e o querer e a força de vontade. No inquérito que fiz no Mestrado, também fui às instituições, escolhemos 12 dirigentes de 12 instituições e uma das perguntas era “*o que é que eles gostavam que tivesse implementado no Museu*” ou “*como é que o seu é que o Museu podia representar a sua instituição*”. Eles foram andando ideias de atividades. E nós vamos rebuscar essas atividades, portanto, de uma forma assim, não no total, que não conseguimos ainda, mas volta e meia vamos rebuscar uma atividade.

Não sei se tens conhecimento que este fim de semana é o Dia Internacional dos Museus. Este ano que é *Museus em Comunidade e em Transformação Constante*. Qualquer coisa

assim. Também convidados a comunidade, que veio cá. Temos aqui uns vídeos que são “*As minhas memórias da cadeia de Forte de Peniche*”, que foi uma recolha de testemunhos pela comunidade quando o Museu estava fechado. E está projetado, a comunidade a dizer como é que era a cadeia, como é que eles viviam em Peniche, como é que era eles em adolescente a relação com a cadeia, jogavam à bola aqui no campo da República, se mandassem a bola para dentro a PIDE não lhes devolvia a bola. Portanto, estas pequenas histórias, se calhar, não têm significado para nós tem um grande significado para além destes, todos objetivos que eu te mencionei atrás. Contamos a vida da comunidade e da cadeia no Estado Novo.

Convidámos essas pessoas a virem ao Museu, depois fizemos uma roda de conversa. E elas foram sugerindo atividades - como é que queriam ver a sua a sua terra representada no Museu. Uma deu a ideia “*Olha, no Dia da Criança, nós, quando isto for um Museu municipal fazemos aqui uma grande festa com as crianças.*” Ok.

O senhor Antero que é pintor, sugeriu fazer aqui um *workshop* gratuito, porque também esteve cá na exposição *Educação pela Liberdade*, mas sentiu-se tão bem que quer dar continuidade, portanto, registamos isso tudo.

Registámos as atividades todas, fica tudo registadinho. Quando for preciso, vimos à gaveta. E quando for até o projeto do ano que vem, vamos ter em conta todas estas atividades que as pessoas sugeriram da comunidade, porque se queremos trabalhar com elas, elas têm que ver que a sua ideia foi acolhida.

E - E quais são os principais desafios enquanto mediadora cultural? Ou mediadora neste Museu?

e3 - A equipa reduzida, é a maior dificuldade, porque acho que conseguimos alcançar um público ainda maior, se tivéssemos uma equipa maior. Porque para além deste trabalho, eu presto apoio à direção e tudo o que é inerente a esse trabalho. Este não fica em segundo plano, mas é uma sobrecarga de trabalho muito grande. Nós estivermos como a estagiária de Museologia e foi completamente diferente, porque ela depois já pensava num público específico. No secundário, fizemos um teatro e levámos à escola secundária, aos oitavos anos e ela, sozinha, foi à secundária fazer um debate com o *Mentimeter*. Com mais pessoas conseguimos alcançar. É a maior barreira, é a falta de recursos humanos. O resto vem por acréscimo. Porque se com isto estamos a concorrer a projetos e a criar aqui um

projeto bem maior, a uma escala maior, com as malas museológicas. Tudo o resto, eu acho que vem por acréscimo. Recursos materiais e humanos é o principal, sim.

E - E para terminar, existe alguma iniciativa ou projeto na região ou mesmo no Museu, que gostaria de destacar como exemplo de sucesso na promoção das práticas culturais?

e3 - Eu acho que todos são de sucesso, não vou dizer o contrário.

E- Algum que tenha sido muito querido para si.

e3 – *O Museu Vai à Cidade. O Museu Vai à Cidade*, foi um projeto que é de continuidade. Não parou. O Museu fechou, abriu e o projeto fechou. Não. O projeto continua e o mais engraçado foi: ontem uma professora ligar, dizendo que queria, que tinha interesse em fazer um projeto. Levando um Museu à Biblioteca e eu disse que seria muito interessante inserir o Museu no projeto *O Museu Vai à Cidade*.

Estamos agora a recolher estas sementes, que não sabemos o que é que ia dar, mas com o nosso trabalho, sabíamos que íamos longe, não? E foi um projeto que alcançou muitas crianças, fomos a Peniche, a Ferrel, a Atouguia da Baleia. Não só nos focámos na cidade, como fomos ao concelho todo. Com um carro, uma pessoa, foi muito engraçado ir a todas as crianças, ver a cara de todas a saber que isto existia.

Só para te mostrar. Destaco este sim, até porque, através deste, fomos descobrindo várias coisas. A comunidade dizia “*Tiraram-nos o nosso Museu*”, e nós - “*Mas Tiraram-nos o nosso Museu como?*”. Porque antes de ser um Museu nacional foi um Museu municipal. E a comunidade estava dividida, porque a determinada altura, quiseram fazer daqui um hotel, e a comunidade achava que o hotel iria ser muito bom para a terra, mas iria ter muitos poucos quartos e a história esquecida. E enquanto Museu, nós, neste ano já recebemos 145.000 visitantes, o que para nós não só dinamiza o Museu, como dinamiza todo o território, e eu acho que a população já foi mudando um bocadinho essa ideia de que *nos tiraram o nosso Museu* e este projeto foi nesse sentido.

Depois criámos outro, ramificado com este, que foi *O Meu Museu*. Com objetivo de criar esse sentimento de pertença, de identidade e de trazê-los cá dentro.

Deixa-me mostrar-te. Este é o livro [livro sensorial] que vamos [de encontro] aos mais pequenos. Mas não é só. Vamos às pessoas idosas, às que não sabem ler, quem tem baixa

literacia. E às pessoas que com necessidades, que também precisam de uma escrita pictográfica e aqui, não é escrita pictográfica que existe, mas através dos desenhos, eles vão lá.

Contamos o início da Fortaleza. Tocamos um bocadinho em Peniche porque Peniche há muitos anos foi uma ilha que os piratas atacavam, não é? Porque havia um porto de pesca muito grande em Peniche que entrava na Atouguia da Baleia e os piratas e corsários de Espanha e de França vinham. Dramatizamos esta história. E então foi muito importante proteger a costa e o reinado de Portugal com a construção de um fortim redondo, que é o que nós temos aqui, e o fortim redondo serviu para guardar a artilharia, guardar todas as munições, mas depois alargaram, construíram a muralha. E todo o Forte de Peniche que foi alongado para os portões de cima e Peniche todo amuralhado dado à proteção da costa. Isto, este edifício, esta Fortaleza passou por muitas fases. Pessoas vindas de guerras eram também aqui presas, presos militares, não é? Não é só agora que há guerras, também já existiu.

E foi a vida do Forte, até que em 1932, o Salazar em 1926 com a ditadura militar, derruba a Primeira República e usa o Fortaleza para uma prisão política. Então mandaram construir os blocos prisionais, que são 3: o A, o B e o C e a capela. Tudo o que está em amarelo é tudo do século XVII e a branco já é do século XX.

Então o Salazar usou este Forte, transformou uma prisão, mandou construir estes blocos e em cada cela, cada janela que vocês têm aqui - depois temos os objetos eu eles vão tocando. Cada janela é uma cela, como vocês veem. E eram presas pessoas, pessoas normais, que pensavam diferente do regime e que por terem ideias diferentes, eram presas aqui. E cada cela tinha uma cama, tinham o armário e tinha uma mesa, um banco, um móvel e eles dizem: “*Eia uma caneca*” e nós “*Não, é um pico onde faziam as necessidades*”. O penico depois, despejavam as necessidades, muitos deles na casa de banho colectiva, que havia nos corredores e muitos deles referem que deitavam no mar.

Então eles tinham que estar na cela vinte e duas horas, uma hora é para o recreio e a outra era para as refeições. Sempre que estavam na cela não se podiam sentar nem deitar. Só depois do almoço é que tinham direito a duas horas para se sentarem na cama. Muitos deles tinham acesso a livros. Depende da época. Houve uma época que isto foi muito restrito e nem isso tinham.

Então e aqui temos o parlatório, que é o sítio onde os presos falam com as famílias. Há sempre um Guarda a controlar as conversas que lhes diz “*Fale mais alto. Só pode falar da sua família*”. A família entra, senta-se no Banco. Eles depois identificam ou a mãe e o filho ou a mãe e o irmão, eles depois identificam. E como de facto eles eram visitados pela mãe, pelos irmãos, pelos amigos. Nesta cesta, esta senhora trazia arroz doce e depois era revistado tudo pelo Guarda. Quando o preso comia o arroz doce já estava tudo revistado, ele parecia a nossa papa de aveia.

Depois a cadeia termina a 25 de Abril com a Revolução dos Cravos, mas os presos só são libertados a 27 de Abril. Os anos passaram isto foi o Museu Municipal até que em 2019, abre o Museu Nacional, e coloca-se no memorial, o nome de todos os presos que cá passaram. Todas as pessoas que pensavam diferente do regime tinham um nome e é esse nome que demos neste Memorial. É este grande acervo que o Museu tem é ter o nome de um a um de todos os que cá passaram. Vitória, Vitória, acabou-se a história. Ou fazemos a visita ou eles depois vêm cá.

Uma das meninas dessas histórias, que também me recordo é que já é a terceira vez que vêm aqui. Eu encontro-me com a menina e com a mãe e ela disse: “*Ana, nunca mais se esqueça do que é o Parlatório*”, porque com os mais pequeninos, depois também dizemos: “*Então como é que bate se as palmas?*”, “*Vamos ver quantas sílabas tem Parlatório*” e através do corpo esta palavra fica. E então quando vêm cá, conseguem dizer que se chama Parlatório. São pequenas estratégias de mediação cultural que levamos, e que são estratégias mais na educação que vamos desenvolvendo para que eles voltem e que o público se torne fidelizado.

Fidelizar os públicos e até desde pequeninos que nós conseguimos, porque são uns que vão manter o Museu daqui a uns anos, se calhar, vão crescer, não sabiam que o Museu abria e que podem ser futuros colegas podem trabalhar na museologia coisas que na nossa altura nós não tínhamos ideia. Como não havia um Museu na comunidade. Havia um municipal, mas muitas das crianças não sabem que têm esta oferta e que podem depois trabalhar nesta área. E nós queremos ter muita gente a trabalhar nesta área. Portanto, queremos cá todos.

E - Muito obrigado, mais uma vez. Foi um gosto enorme.

e3 – Obrigada nós. Não sei se deixei alguma dúvida que queiras perguntar.

Apêndice VII

Sinopse da entrevista – Leiria

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
1. Experiência e Profissão	1.1. Percurso profissional	Percurso diversificado e com reorientações pessoais.	<p>“Eu queria fazer videojogos (...) gostava de experimentar arquitetura.”</p> <p>“(...) percebi que detestava arquitetura”</p> <p>“Encontrei mesmo o meu lugar.”</p>
	1.2. Motivação	Identificação pessoal forte com a mediação cultural.	<p>“Isto afinal é tão giro.”</p> <p>“Estava a gostar tanto disto.”</p>
	1.3. Funções e responsabilidades	Desmistificar a arte, adaptar discursos, criar dinâmicas.	<p>“Desmistificar a arte contemporânea para com os públicos.”</p> <p>“Converter os assuntos todos numa forma que chegues à pessoa.”</p>
2. Contexto Cultural Local	2.1. Oferta cultural	Existe uma oferta relativamente variada, mas pouco visível.	<p>“Tens uma oferta para aquela faixa etária (...) que até é bastante grande, sim.”</p> <p>“Desde o COVID há um <i>boom</i> de acontecimentos.”</p>
	2.2. Participação dos estudantes	Participação estudantil é escassa e pontual.	<p>“O público que vem com frequência ao Banco das Artes é maioritariamente acima dos 50 anos.”</p> <p>“Com muita pena minha.”</p>

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
	2.3. Relação jovens-cultura	Cultura ainda vista como elitista e distante pelos jovens.	<p>“Ah, não, nós não vamos perceber.”</p> <p>“Eles próprios pertencem aqui e isso é ótimo.”</p>
	2.4. Papel das instituições culturais	Tentam aproximar-se da comunidade, mas enfrentam limitações.	<p>“A equipa que trabalha neste espaço (...) são duas.”</p> <p>“Gostava de ter mais pessoas aqui para poderem fazer também esse trabalho.”</p>
3. Práticas Culturais dos Estudantes	3.1. Tipos de práticas culturais	Refere exposições e atividades associadas às escolas e visitas.	“(...) tenho sentido que os miúdos que participaram nessas dinâmicas, depois voltam ou com os pais ou com os amigos.”
	3.2. Grau de envolvimento	Baixo, condicionado por perceções, contexto e falta de estímulo.	<p>“Tu não ias ver uma peça de teatro sozinha.”</p> <p>“(...) o público que vem com frequência ao Banco das Artes é maioritariamente acima dos 50 anos”</p> <p>“(...) depois voltam ou com os pais ou com os amigos .”</p>
	3.3. Interesses culturais dos estudantes	Não aprofundado. Refere o pouco interesse dos jovens em atividades de variados temas	“Até aos 25 anos, não tens grande interesse, em particularmente nada”
	3.4. Fatores de influência/condicionamento	Desconhecimento, receio, excesso de eventos e fraca divulgação.	<p>“Não sabem que é gratuito.”</p> <p>“Como é que tu chegas à população sem ser pelas redes sociais?”</p>

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
4. Mediação Cultural e Jovens	4.1. Estratégias de aproximação	Jogos, visitas guiadas, propostas lúdicas e envolvimento estudantil.	“Sombras chinesas”, “A Caça ao Pincel”.
	4.2. Impacto da mediação	Aumenta o sentido de pertença e frequência ao espaço.	“Eles sentem-se muito à vontade (...) já se cria ali um à vontade, uma confiança. Isso é a melhor parte.”
	4.3. Redução de barreiras	Linguagem acessível e personalização da visita.	“Nada de discurso de dicionário.” “Tentamos explicar de acordo com as idades, com os <i>backgrounds</i> .”
	4.4. Exemplos concretos de mediação	Jogos educativos, experiências interativas, projeto JUNTAR.TE.	“Projeto JUNTAR.TE (...) a arte chega diretamente à freguesia.” “Exposição do Siza (...) com sombras chinesas.”
5. Desafios e Propostas	5.1. Desafios encontrados	Falta de pessoal, resistência dos professores, desinteresse geral.	“É muito difícil trazer aqui as escolas.” “A equipa são duas pessoas.”
	5.2. Barreiras identificadas	Elitismo da arte, desinformação, rigidez escolar e institucional.	“Arte contemporânea (...) não vamos perceber.” “(…) e temos aqueles [professores] que não vêm cá nem por nada, não vêm quase que se recusam a entrar aqui dentro”
	5.3. Propostas de melhoria	Iniciativas estudantis, visitas fixas, performances e comunicação informal.	“Visitas livres à quarta-feira.” “Colocar uma placa a dizer: Vem ver uma exposição <i>bué’da</i> fixe.”

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
	5.4. Boas práticas / exemplos de sucesso	Projeto JUNTAR.TE, dinâmicas lúdicas, envolvimento comunitário.	<p>“As obras desse acervo de arte contemporânea do município estão a deambular pelas juntas de freguesia. “</p> <p>“Na freguesia da Maceira (...) fizeram concertos, sessões de dança (...) peças de teatro.”</p>

APÊNDICE VIII

Sinopse da entrevista – Caldas da Rainha

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
1. Experiência e Profissão	1.1. Percurso profissional	Início no Brasil na área da educação e museologia, com formação em desenho, arte e antropologia.	“tive a oportunidade de estagiar num museu (...) eu encantei-me” “Especialização em Arte e Educação (...) Mestrado e Doutorado em Antropologia
	1.2. Motivação	Fascínio pelo contacto com o público e impacto social do museu.	“Pensei: ‘Ah, meu Deus, é isso que eu quero fazer’”
	1.3. Funções e responsabilidades	Direção de três museus com enfoque na gestão, mediação, redes e projetos.	“trabalhamos com essas três categorias (...) a arte, as comunidades e território”
2. Contexto Cultural Local	2.1. Oferta cultural	A cidade tem programação rica e ativa, com vários eventos culturais a acontecer constantemente	“O Caldas Late Night (...) é algo surreal de mobilização.” “O Bazar à Noite (...) tem gente muito jovem...colocando aquilo à venda. Eles põem DJ (...) fazem um espaço de criança”
	2.2. Participação dos estudantes	Cresce significativamente quando há envolvimento direto dos jovens nas atividades.	“Vieram hordas de amigos (...) porque se viam aqui.” “Eles vêm mais quando são feitas coisas específicas com eles e para eles.”
	2.3. Relação jovens-cultura	Jovens mostram abertura quando se sentem	“Podem e devem, a casa é de vocês.”

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
		representados. O museu é percebido como acolhedor.	“(…) se o jovem estudante não se vê representado aqui, a gente tem que entender, ouvi-lo. Por outro lado, o jovem estudante também tem que entender e ouvir a essa instituição”
	2.4. Papel das instituições culturais	Papel ativo na democratização do acesso	“(…) o museu é um espaço institucionalizado, é aberto e deve ser aberto a toda a gente e a todos os diálogos” “(…) a gente é um espaço seguro também para debater temas difíceis”
3. Práticas Culturais dos Estudantes	3.1. Tipos de práticas culturais	Frequentam exposições, concertos, cineclubes, oficinas e eventos pontuais.	“Temos concertos, sessões de cinema cursos, oficinas, além das exposições temporárias.”
	3.2. Grau de envolvimento	Ainda condicionado, mas há forte adesão quando se sentem parte.	“(…) mas eles vinham (…) estavam se vendo aqui, estavam vendo a abertura ao diálogo” “Vem através das visitas agendadas pelos professores, escolas (…) eu percebo que não viriam se fosse para vir sozinhos”
	3.3. Interesses culturais dos estudantes	Projetos colaborativos, arte jovem, eventos culturais noturnos.	“(…) nós tivemos uma exposição chamada <i>Ânsia</i> , cuja curadoria foi de dois jovens estudantes da ESAD.”

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
	3.4. Fatores de influência/condicionamento	Sensação de acolhimento e pertença mais determinante que o fator económico.	<p>“mesmo que esteja de chinelo (...) de roupa manchada de gelado ou toda suada, porque estava jogando futebol, e está tudo bem”</p> <p>“importa menos, as condições financeiras (...) do que a sensação de que é bem acolhido e de que pode fazer”</p>
4. Mediação Cultural e Jovens	4.1. Estratégias de aproximação	Eventos co-criados, exposições com curadoria jovem, concertos, cineclubes.	<p>“O cineclube da ESAD realiza coisas aqui também.”</p> <p>“A exposição <i>Ânsia</i> surgiu de uma provocação dos próprios alunos.”</p>
	4.2. Impacto da mediação	Fortalece vínculo emocional e identidade cultural.	<p>“<i>A verdade dói</i>”. É uma exposição que tratava sobre a violência contra as mulheres e as meninas, e foi (...) muito tocante porque tinha alguns depoimentos, de mulheres e meninas que tinham sofrido violências (...) teve uma receptividade que me surpreendeu”</p>
	4.3. Redução de barreiras	Enfoque em empatia, acolhimento, linguagem acessível e diversidade.	<p>“Empatia é a base de tudo.”</p> <p>“Sou uma ferrenha defensora da visita mediada”</p>
	4.4. Exemplos concretos de mediação	Exposições co-criadas, performances críticas,	<p>“(…) temos concertos, nós temos sessões de cinema (...) nós temos oficinas aí pelos</p>

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
		ações com coletivos e intervenções escolares.	menor'zinhas oficinas (...) além das exposições temporárias”
5. Desafios e Propostas	5.1. Desafios encontrados	Falta de equipa jovem, ausência de um serviço educativo formal.	“(...) gostaria de ter membros mais jovens na equipa, inclusive eu tenho estagiários, enfim até oxigena um pouco o Museu (...) mesmo recém-formado uma pessoa que acabou de sair da universidade” “museu não possui um serviço educativo instituído”
	5.2. Barreiras identificadas	Estrutura física imponente, ausência de dados sobre públicos, perceções elitistas.	“(...) é uma fachada imponente não condiz com o restante” “Não temos uma ferramenta de estudo aprofundado dos públicos.”
	5.3. Propostas de melhoria	Instituir serviço educativo, acolher propostas estudantis, escuta ativa.	“Se eu pudesse, pegava na mão de todos e dizia: <i>Vamos para o museu?</i> ”
	5.4. Boas práticas / exemplos de sucesso	Caldas Late Night, Bazar a Noite, Cortém Aldeia Urbana, OSSO, Centro de Artes.	“Caldas Late Night é surreal de mobilização.” “mobiliza jovens criadores e criativos, é o <i>Bazar a Noite</i> (...) espécie de mercado criativo e é lindo”

APÊNDICE IX

Sinopse da entrevista – Peniche

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
1. Experiência e Profissão	1.1. Percurso profissional	Transição da educação especial para a cultura, sem formação prévia na área.	“Venho da área da educação de infância (...) a cultura para mim começa aqui no Museu.” “(...) fui tirando muitas formações relacionadas com a sociomuseologia”
	1.2. Motivação	Forte compromisso com a ligação museu-comunidade.	“(...) é esta parte que me move é o trabalho entre o Museu e a sociedade e a comunidade.”
	1.3. Funções e responsabilidades	Desenvolvimento de projetos educativos, mediação com públicos diversos, criação de materiais acessíveis. Limitação de recursos humanos	“Fazer esta mediação (...) é como se fosse a parte mais importante do Museu” “O serviço educativo é [apenas] uma pessoa.”
2. Contexto Cultural Local	2.1. Oferta cultural	O museu oferece programação constante, mas a entrevistada foca-se no próprio museu e não na cidade em geral.	“Relativamente à programação da cidade (...) acho que o município será a entidade indicada.” “(...) neste ano já recebemos 145.000 visitantes.”
	2.2. Participação dos estudantes	Crescente, especialmente após projetos como a <i>Mochila Cultural</i> .	“(...) foi um impacto muito bom nos jovens e que nós já os estamos a ver a entrar e a trazer a família” “E no final (...) quando todos

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
			viram o filme, eles sentiram-se muito importantes naquilo (...) quando eles viram efetivamente o filme, é que eles sentiram bem – <i>Nós estamos ali!</i> ”
	2.3. Relação jovens-cultura	Procura-se criar sentimento de pertença através da participação ativa dos jovens.	“É um Museu Nacional, mas é deles, é da comunidade.” “(…) se ele vai voltar é porque ele gostou.”
	2.4. Papel das instituições culturais	Museu atua como mediador da memória e identidade local, com forte ligação à comunidade.	“O Museu com a sala de estar do território.” “Trabalhamos com todas as instituições locais.”
3. Práticas Culturais dos Estudantes	3.1. Tipos de práticas culturais	Participação em visitas orientadas, atividades criativas, workshops e projetos.	“(…) cada grupo escolheu um espaço do Museu para desenvolver, através da arte, aquele espaço ou através da dança ou através da música ou através de cartazes”
	3.2. Grau de envolvimento	Inicialmente tímido, mas melhora quando experimentam algum serviço de mediação	“(…) eles vêm muitas vezes sem muito interesse e acabam por dizer que querem cá voltar”
	3.3. Interesses culturais dos estudantes	Preferem abordagens sensoriais, interativas e significativas.	“(…) esses miúdos saíram dali... para já, não queriam sair, não queriam ir embora” “(…) e se eu não me interessasse, a minha linguagem tivesse completamente sido

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
			diferente da deles, não lhes tinha sido significativa a visita.”
	3.4. Fatores de influência/condicionamento	Desconhecimento prévio, herança de um espaço fechado, necessidade de derrubar estigmas.	“Estamos neste processo de derrubar muralhas” “O Museu (...) era um espaço muito fechado”
4. Mediação Cultural e Jovens	4.1. Estratégias de aproximação	Criação de projetos sensoriais, envolvimento direto em exposições, acolhimento de propostas dos jovens.	“(...) isto é uma maleta muito sensorial” “(...) fomos às crianças e a criança traz o mais velho, uma mediação de cultural muito eficaz”
	4.2. Impacto da mediação	Cria vínculo afetivo e reconhecimento do espaço como pertencente.	“Disse-me: <i>Professorinha, eu vou voltar com a minha família.</i> ”
	4.3. Redução de barreiras	Linguagem acessível, empatia, abordagem pedagógica adaptada ao público.	“(...) o mediador pode saber muita coisa (...) mas também se não for empático com o grupo (...) e baixar-se ao nível, à nível de linguagem do grupo, não consegue alcançar nada”
	4.4. Exemplos concretos de mediação	<i>Mochila Cultural, Museu Vai à Cidade</i> , mala sensorial, livro ilustrado acessível.	“ <i>O Museu Vai à Cidade (...)</i> fomos ao concelho todo.” “Este é o livro [sensorial] que levamos aos mais pequenos.”
5. Desafios e Propostas	5.1. Desafios encontrados	Equipa muito reduzida, carga de trabalho elevada, limitação de recursos.	“A equipa reduzida é a maior dificuldade.” “O serviço educativo é uma pessoa.”

Categoria	Subcategoria	Síntese	Citações
	5.2. Barreiras identificadas	Herança do espaço como prisão, desconhecimento, distância emocional do público.	<p>“Ainda estamos num processo (...) agora o Museu abre portas é este derrubar muralhas”</p> <p>“(...) têm que sentir esse espaço como deles”</p>
	5.3. Propostas de melhoria	Aumentar a equipa, manter projetos de continuidade, acolher ideias da comunidade.	<p>“Com mais pessoas conseguimos alcançar.”</p> <p>“É a maior barreira, é a falta de recursos humanos”</p> <p>“(...) todas as ideias que os jovens tenham, o Museu está aberto”</p>
	5.4. Boas práticas / exemplos de sucesso	<i>Museu Vai à Cidade, O Meu Museu, Mochila Cultural</i> , parcerias com a CERCIPeniche.	<p>“<i>O Museu Vai à Cidade</i> foi um projeto que alcançou muitas crianças.”</p> <p>“Criaram dentro da sua cela a sua própria exposição.”</p>